3 1761 07047959 7

CARLOS R. ALVARÃES
encadernador
trab. simples e de luxo
Rua do Olival, 262 - LISBOA
Tel. 671155

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/umaeleioperd00fica

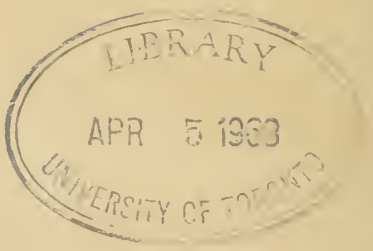
UMA ELEIÇÃO PERDIDA

CONDE DE FICALHO

UMA ELEIÇÃO PERDIDA

LISBOA
Livraria Ferin
70—Rua Nova do Almada—74
1888

PQ
9261
F5 4 E6



Typographia da Academia Real das Sciencias

UMA ELEIÇÃO PERDIDA

I

—José Duarte, leu alto o Castro, que tinha a copia do caderno de recenseamento aberta deante de si.

A luz do candieiro de petroleo, concentrada n'um circulo nitido pelo *abat-jour* de papel verde, illuminava fortemente a mesa, recortava sobre o panno escuro o quadrado branco do caderno, encebado nos angulos pelos dedos, e punha toques vivos no tinteiro de latão bem areiado, e na calva brilhante do Castro, inclinado sobre as columnas de lettrinha miuda. O resto

da sala, e as doze ou quinze pessoas, sentadas ao longo das paredes, ficavam n'uma penumbra vaga, onde de tempo a tempo luziam os pontos rubros dos cigarros, puxados em fumaças longas.

—Quem é esse José Duarte? perguntou uma voz.

—É o sapateiro da rua da Fonte.

—Ah! esse fallo-lhe eu! é certo, marque-o lá... disse um velho magro.

—Podéra... se o tem entalado por oito libras que lhe emprestou pelo Natal, observou em voz baixa um rapaz muito pallido de bigode preto, que escrevia na secretaria da camara.

—José Francisco Salgueiro, continuou o Castro.

—Fallo-lhe eu, disse um grosso de suissas grisalhas. Esse tambem é certo; lavra uma sorte na herdade de meu irmão Antonio, e não ha de querer que lhe tirem a terra.

—Arrocho!!... murmurou o amanuense da camara, que decididamente tinha idéas subversivas.

—José Francisco Simões, ia continuando o Castro.

— Morreu ha mais de dois annos, observou alguem.

— Então está seguro, disse uma voz no fundo da sala.

Duas ou tres risadas altas acolheram esta graça um tanto funebre; mas o Castro, imperturbavel, continuou a ler:

— José Francisco Tavares.

— Esse é todo d'elles!... é escusado fallar-lhe.

— Quem é?

— É o feitor dos Carvalhos do Lendroal.

— Ah! sim, com esse não se faz nada!

— Já cá está uma cruz, disse o Castro; e leu:

— José Francisco Trigueiro.

— O sachristão, falla-lhe alli o nosso prior.

— Por eu lhe fallar não seja a duvida; mas olhem que elle já m'a pregou mesmo á ultima hora na eleição da camara, respondeu o prior, que se tinha levantado para accender o cigarro sobre o vidro do candieiro.

O Castro interrompeu-se, enrolando tambem um cigarro; e um velhinho, já muito quebrado, aproveitou a occasião para se despedir. Como o dono da casa o acompanhasse, ficaram um ins-

tante cá fóra, no patamar da escada, emquanto o velho levantava a gola do capote, e puxava sobre as orelhas de pergaminho o barrete de seda preta.

—Vae-se hoje muito cedo, sr. Galrão, disse o dono da casa amavelmente.

—Nada, não senhor, sr. João Lopes, são as minhas horas... são as minhas horas, respondeu o Galrão.

Prompto já a sahir, com o capotinho azul abotoado em cima, e a bengala de castão de prata na mão, o Galrão accrescentou:

—Depois manda-me lá a lista dos eleitores que são meus creados ou meus ceareiros.

—Esteja descançado, lá vae tudo em ordem; já disse ao Castro que tirasse a nota. E amanhã vem á estação?

—Vou, vou com toda a certeza. Sempre chega amanhã o nosso candidato?

—Chega amanhã sim senhor! ainda hoje recebi uma parte confirmando-me a sua chegada. Vem aqui passar estes dois mezes por conselho meu. Nós temos elementos poderosos, mas necessitamos congregal-os sem perda de tempo. Elles teem por si a auctoridade, não recuam deante

de meio algum; e nós devemos dar-lhes uma boa lição.

—De certo... de certo. O Azevedo vae para a sua casa da rua do Alamo, segundo ouvi?

—Vae! tambem por lembrança minha. É a antiga casa da sua familia, e faz bom effeito na opinião vel-o alli estabelecido. A casa está muito mal preparada, como não pode deixar de estar uma casa deshabitada ha quatorze annos...

—Já ha quatorze annos, como o tempo passa! interrompeu o Galrão.

—Quatorze annos seguros. Foi logo depois da morte da avó, a D. Margarida, que o rapaz partiu para Lisboa na companhia do tio, e que fecharam a casa... assim está ella! Mas emfim eu mandei-lhe fazer uns arranjos, tomei-lhe creados, e o dr. Azevedo não fica mal. Tinha-o hospedado aqui em minha casa com muitissimo prazer; mas faz melhor effeito que vá para a sua propria casa, sendo, como é, um dos principaes proprietarios da localidade. N'estas coisas é necessario attender muito ao effeito.

—De certo... de certo, disse o Galrão despedindo-se.

E desceu a escada, encostado ao corrimão,

chamando o moço, que o esperava em baixo com a lanterna.

— Cuidado com os dois degraus de pedra da loja, gritou-lhe de cima o João Lopes.

Dentro, o Castro continuava a leitura; ia nos Manueis.

II

Na tarde seguinte, o aspecto da estação era brilhante.

Em dias ordinarios, a pequena casa caiada e o barracão das mercadorias, perdidos n'um paiz chato e feio, onde raras culturas zebravam de amarello o verde negro da charneca, tinham um ar muito abandonado, como se os pardaes atrevidos, que piavam n'uns eucalyptos magros e despenteados, fossem os seus unicos habitantes. E, defronte, na herva alta de uma terra inculta, alguns fardos de cortiça, denegridos pela chuva, melancholicamente alinhados, pareciam irremediavelmente esquecidos, esperando o comboio de mercadorias do dia de juizo. Á passagem dos trens, a estação mal acordava d'aquelle somno;

ás vezes não desciam passageiros. O carregador, aborrecido e vagaroso, tirava do break volumes de encommendas, emquanto o chefe, um gordo de barba por fazer, conferia papelinhos amarellos com o conductor; e, lá fóra, atada á cancella de ferro da passagem de nivel, a mula velha do correio abanava as orelhas, sacudindo as moscas.

Mas, n'aquella tarde, a estação mudara completamente de apparencia. O commendador João Lopes, o chefe do partido, veiu na sua carruagem grande dos machos castanhos; o Galrão e o sobrinho na traquitana de cortinas; o Castro no carrinho, com o Loureiro da loja; e o João Gualberto, presidente da camara transacta, a cavallo com todos os rapazes — o Moniz da botica, o amanuense da camara e os outros. Um carro toldado transportou a *Civilisação e harmonia*, a philarmonica de feição opposicionista. E o Castro havia recrutado na villa uma ou duas duzias de rapazitos, que, juntos aos creados de lavoura do Galrão e do Lopes, deviam representar as massas populares. O Lopes tinha mesmo — com uma louvavel preoccupação da côr local — mandado vir o seu rancho da monda, que andava alli perto nos tremezes da sua herdade do Freixo.

Esta parte mais popular da recepção estava pouco animada. As mondadeiras, não percebendo bem a que vinham, apertavam-se a um canto, como um rebanho de ovelhas assustadas; e ao pé das raparigas, os ganhões, com as grandes mantas riscadas a rastos, esperavam tranquillos, um tanto scepticos, n'uma indifferença fatalista de semitas. Mas emfim, o effeito geral era bom. O Castro multiplicava-se, alinhando a philarmonica, dispondo os grupos de ganhões, fallando ás moças pelos seus nomes.

Quando, á chegada do comboio, o Julio de Azevedo, no seu fato de viagem verde escuro, com o coco cinzento á banda, a luneta de um vidro só encaixada na orbita, e o bigodito atrevidamente retorcido, saltou sobre o asphalto, foi recebido ao som do hymno da Carta, e dos vivas, levantados pelo Castro, e frouxamente correspondidos pelos ganhões. O commendador adeantando-se para elle, assegurou-o:... «da satisfação e justo orgulho com que os seus patricios acolhiam um moço, que no alvorecer da vida era já a gloria da terra, que lhe fôra berço».

Houve depois um momento de confusão, em què todos procuraram as carruagens e os caval-

los, emquanto as mondadeiras e os ganhões dispersavam a pé, e os musicos trepavam para o carro, com os trombones mal limpos debaixo do braço. Afinal toda a linha de vehiculos e cavalleiros se poz em movimento, levando na frente a carruagem dos machos castanhos, com o João Lopes e o candidato.

—Temos perto de oito kilometros a andar, sr. Azevedo, dizia o commendador. E por culpa dos engenheiros, que o caminho de ferro podia ter chegado mesmo aos farrejaes da villa... coisas da nossa terra!

O trote dos machos deixava já atraz a charneca; e a estrada seguia por uns chaparráes arroteados de novo, onde o sol obliquo da tarde doirava a baganha das aveias maduras. Na carruagem o commendador ia nomeando e explicando os sitios; e, n'uma volta, apontando para a direita, disse ao seu companheiro:

—A sua herdade da Gafeira, sr. Azevedo.

Então, o rapaz debruçou-se, subitamente interessado. Em Lisboa, quando recebia as rendas em lettras sobre Anjos e C.ª, ou sobre Mayer e Filhos, tinha apenas a impressão vaga de ser rico; mas agora, aquella encosta de montado,

onde as sombras das azinheiras desciam muito longas, e os ultimos raios de sol punham uma gaze alaranjada sobre a herva viçosa, deu-lhe a sensação forte e nova da propriedade, de uma coisa que era sua, de arvores e de terra que lhe pertenciam. Ao lado, o commendador continuava as suas explicações:

— Uma boa herdade, muito boa de pastagem no cedo; é talvez o melhor invernadouro do concelho. Mas boa, o que se pode chamar boa de lei, é a sua Pedra-negra...

E abrangendo n'um gesto vago todo o lado do nascente, como se lhe quizesse marcar onde ficavam, elle ia dando ao Azevedo uma miuda descripção das suas terras.

Os machos subiram a longa encosta a passo. Agora a carruagem chegava ao alto, d'onde se dominava o largo valle, com as manchas escuras dos olivaes, apagados na luz morta do crepusculo; e, em frente, o perfil da villa e as torres quadradas da matriz, negras no violette do céo. O Julio começava a reconhecer os sitios. A linha familiar da villa, uma ponte á esquerda sobre o ribeiro, o portão velho de uma horta, acordavam pouco a pouco no seu espirito as impres-

sões de infancia, que alli dormiam esquecidas havia tantos annos.

Afinal, a carruagem rodou sobre a calçada, atravessou a Praça por entre os grupos de curiosos, e toda a comitiva, n'um grande ruido de escorregões de mulas e de guiseiras, parou á porta do commendador.

—Por aqui sr. Azevedo, por aqui se me faz favor, dizia o João Lopes entrando na loja, e virando á esquerda para uma casa grande ao rez do chão, onde estava armada uma mesa de vinte talheres. A primeira coisa necessaria depois de uma jornada d'estas é uma sopa quente, por isso eu tomei a liberdade de o trazer directamente a esta nossa casa.

Confidencialmente accrescentou:

—Peço-lhe desculpa de lhe não apresentar hoje minha esposa e minhas irmãs, mas estamos mais á vontade só com os amigos... e estas coisas da politica não interessam as senhoras.

E como todos entrassem, parando á porta da sala, o commendador distribuiu os logares:

— Galrão faz-me favor senta-se ahi defronte; sr. Azevedo á minha direita; João Gualberto aqui á esquerda; meus senhores, fazem obsequio, sem cerimonia.

As moças, muito limpas, com os lenços de chita cruzados sobre os peitos duros, começaram a servir a sopa, e estabeleceu-se um silencio profundo; mas pouco a pouco a conversa animou-se. O commendador completava as apresentações, rapidamente feitas no barulho da estação:

— Sr. Azevedo, o sr. Galrão, um antigo amigo de sua avó, e de todos da sua familia.

— De certo... de certo, um grande respeitador da sr.ª D. Margarida, que sempre me honrou com a sua amizade.

— Talvez se lembre ainda do nosso Moniz? disse o commendador, indicando um rapaz gordo na extremidade da mesa.

Como o Julio hesitasse, o Moniz explicou:

— Eu tive o gosto de andar no latim com v. ex.ª.

Então o Julio lembrou-se, e n'uma inspiração de bom rapaz exclamou:

— É verdade... és tu Antonio!

E o Moniz, muito lisonjeado, levantou-se do seu logar, e veiu fazer *shake-hands* com o candidato em grandes expansões de velhos amigos.

As moças passavam travessas de frango ensopado e perus assados, indo de quando em quan-

do á porta do fundo receber as ordens de uma auctoridade invisivel e suprema. Começavam a accender-se os cigarros — á hespanhola. E, depois do arroz doce, todos fallaram alto, principalmente da eleição. O Julio foi então miudamente informado... «do estado das coisas, das influencias em jogo».

Soube que o José Carlos não trabalhava por estar mal com o cunhado, desde as partilhas que fizeram por morte da tia; e que o Sá devia tres contos e quinhentos aos Carvalhos do Lendroal, que o apertariam para o pagamento se elle sahisse a campo; soube que os eleitores da aldeia de S. Miguel só viriam á urna se lhes concertassem o telhado da egreja; e os da Córte-pequena se lhes aforassem o baldio; soube que o José Antonio tinha um logar promettido na alfandega; e o Antonio José queria tomar uma empreitada na construcção da estrada municipal. E d'esta ladainha de nomes proprios desconhecidos, d'estas coisas pequenas e vazias, elevava-se pouco a pouco como um grande tedio, que se misturava com o calor da casa, e com o cheiro forte da comida.

O Azevedo combateu a custo esta sensação de enjôo, fumando cigarros *laferme,* e bebendo go-

linhos da aguardente de herva doce do commendador, que na verdade era excellente—parecia *anisette*.

III

Já passava da meia noite, quando o Moniz e o Castro, com tres ou quatro dos mais enthusiastas, vieram acompanhar o candidato a casa, e se despediram d'elle á porta do palacete da rua do Alamo.

Ao entrar na loja, grande, humida, calçada de seixo miudo, imperfeitamente allumiada pela moça, que levantava na mão um candieiro de tres bicos, o Julio recebeu uma impressão fortissima. Aquella casa era a *sua*, a velha casa dos Azevedos, onde tinham nascido e vivido todos os seus, onde elle proprio nascera e se creara. Mal se lembrava dos paes, mortos sendo elle ainda muito creança, mas conservava viva a memoria da avó. Era já um rapazito crescido, quasi um homem-

sinho, quando, entre as creadas que soluçavam, veiu ajoelhar ao lado da cama, em que a velha senhora, serena e branca, expirava docemente. E parecia-lhe ainda sentir na testa o contacto dos seus beiços já frios, n'um ultimo beijo em que ella poz todo o seu amor, um amor mais que maternal. Parecia-lhe ainda ver aquella mesma loja, como estava na tarde do enterro, toda cheia de convidados; e elle, um rapazito pallido, vestido de luto, de pé no alto da escada, assistindo á sahida do caixão, que descia por entre as capas pretas dos irmãos da Misericordia e as luzes vermelhas das tochas. Dias depois, partia d'alli com o tio e tutor, o dr. Manuel de Azevedo, então juiz da 3.ª vara em Lisboa, que viera de proposito buscal-o; e, n'aquelle mesmo sitio em que agora ficara parado, grupavam-se os creados da casa, a velha Marianna, o João coxo que dava agua, todos elles, todos chorando ao verem o menino subir para a antiga traquitana da familia, que o levava para a estação, e da estação... para tão longe! Lembrava-se bem da longa viagem, mettido a um canto do compartimento de primeira classe, sentindo as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos. E do seu espanto de pequeno alemte-

jano, que só vira as ribeiras quasi seccas, orladas de loendros floridos, quando ao chegar ao Barreiro entrou no vapor—o sol cahia para além de Almada, e a enorme superficie da agua, rosada, espelhada, apenas vibrante, estendia-se até aos pés da grande cidade, reflectindo as suas casarias resplandecentes.

Como eram dolorosas e doces ao mesmo tempo estas evocações das velhas coisas, indagora quasi esquecidas! E as primeiras recordações pareciam suscitar todas as outras. N'uma concentração subita, viu a sua vida inteira. O tempo do collegio, e as visitas ao domingo a casa do dr. Manuel de Azevedo na rua da Emenda, uma casa tranquilla e triste, sem creanças, onde a tia, pallida e loira, lhe dava um beijo distrahido, e tocava piano na sala escura, com os *stores* descidos. Os annos da Universidade, deixando-lhe uma impressão confusa e já remota, de trabalho, de cantos de rouxinoes ao luar, e de fados corridos. Alli, o rapaz passava pouco a pouco a homem, affirmava a sua situação de estudante premiado, de membro influente de um cenaculo litterario, de redactor principal do *Facto,* um jornal positivista, bastante avançado e algum tanto inge-

nuo. Mas o tempo corria, e um dia achava-se bacharel formado em direito, maior, independente e rico—muito mais rico mesmo do que tinha imaginado. Começava então a sua vida ociosa de Lisboa, com os quartos de *garçon* ás Chagas, com os jantares no Bragança, com a cadeira em S. Carlos, com a serie dos amores faceis, as Lolas e as Carmens, entremeadas de duas ou tres portuguezas, uma modista de chapeus do Mattos e Irmão, e a Adelaide do Principe Real. D'estas nebulosas do amor destacava-se um pouco a sua grande aventura com a D. Sophia, a mulher do Mosqueira do Banco; uma aventura esboçada no fim da estação de S. Carlos da cadeira para a frisa, desenrolada durante o verão no terraço do Victor, e prosaicamente rematada em um quarto com saleta, alugado aos mezes na rua dos Douradores. No fundo uma aventura tão banal como todas as outras, deixando-lhe a mesma impressão de vazio triste. E era tudo, toda a sua vida durante quatro ou cinco annos. Apenas uns restos de amor ao trabalho e á Arte, as correspondencias semanaes para o *Facto*, um livrito de contos e estudos da rua, publicado sob o titulo de *Asphalto e macadam,* o haviam per-

servado de cahir absolutamente na irremediavel chateza da reles vida elegante.

Parecia-lhe singular, que n'estes ultimos annos tão desoccupados e inuteis se não tivesse lembrado uma só vez de visitar a sua terra e a sua casa; e no emtanto era assim. Deixara ao tio, mesmo depois de formado, todos os cuidados da administração; a sua vida ociosa retinha-o com o imperioso despotismo da monotonia; e as recordações da provincia iam-se lentamente apagando. Fôra necessario que uma candidatura, offerecida pelo João Lopes e outros amigos do Manuel de Azevedo, o viesse arrancar aos seus habitos; e só agora, ao cabo de quatorze annos, entrava de novo na *sua* casa. Mas aos primeiros passos dados n'aquella loja, toda a sua infancia revivia, nitida, actual, como se nunca d'alli tivesse sahido; e, por um phenomeno curioso, eram os acontecimentos da vespera, que pareciam recuar para um passado remoto, n'uma fluctuação de coisa falsa, sonhada.

Parado na porta, o Julio não via a moça, que continuava a erguer na mão o candieiro, nem a outra creada, esperando em cima no patamar. E as duas, admiradas já d'aquella immobilida-

de, pensavam lá comsigo:... «que o senhor era muito esquisito». Quando afinal reparou n'ellas, teve um desejo irreflectido de as mandar embora, uma necessidade de ficar isolado, como um pudor dos seus sentimentos; e, tirando o candieiro das mãos da moça, disse para as duas:

— Podem-se ir deitar, eu não preciso mais nada esta noite.

Então, só, com uma especie de respeito religioso, começou a visitar a casa. Estava muito abandonada e velha. Dos vidros partidos, dos postigos desconjuntados e podres, vinham correntes fortes de ar, em que a luz do candieiro, mal abrigada pela mão, vacillava, pondo nas paredes das salas caiadas clarões incertos, cortados de grandes sombras oscillantes. Em cima, os tectos de castanho, denegridos pelo tempo, esverdeados pela agua que filtrava dos telhados, ficavam n'uma obscuridade indecisa. Os moveis antigos, tamboretes de coiro mal de aprumo, contadores de pau-santo sem ferragens, encostavam-se ás paredes, como abatidos pela edade, procurando um arrimo. E as manchas escuras dos grandes armarios vazios, recortavam-se na cal branca, que se esphacelava em partes, deixan-

do ver o reboco. Alguns ratos escaparam-se ao longo das paredes; e, n'uma das salas, dois ou tres morcegos giravam no seu vôo incerto e sem ruido.

Mas o Julio não sentia este abandono; visões alegres, claras, da sua vida de creança, povoavam, illuminavam em volta d'elle aquelle pardieiro. Os moveis, as paredes, eram como amigos velhos, vistos ao cabo de longos annos, que recordam o passado com circumstancias pequeninas, muito definidas: cá estava o corrimão de pedra da escada, polido da mão rude dos ganadeiros que vinham ao avio, e que elle descera tantas vezes, a cavallo, deixando-se escorregar, com grandes sustos e muitos ralhos da velha creada Marianna; o armario alto d'onde furtava as peras, quando a Marianna descia á adega medir azeite para os pastores; e o outro armario mais pequeno, sempre fechado á chave, onde se guardava o doce, uma gila encandilada, e uns quartos de marmello ressequidos com cravo de cabecinha, que a avó lhe dava sobre grandes fatias, nas merendas das tardes de verão. Parecia-lhe então ver passar a avó, alta, magra, um pouco deitada para deante, com os cabellos brancos

alizados sob o lenço de seda preta, o chale de lã cinzenta nos hombros, levando na mão o mólho das chaves luzidias, que se chocavam n'um tenir fino. Que encanto eram para elle aquellas chaves! Como gostava de ver abrir as arcas, d'onde se tiravam os lençoes de linho, e as toalhas de mesa de Guimarães, tendo um cheiro bom, de roupa bem lavada, secca ao sol pelas collinas aromaticas, sobre moitas de tomilho e rosmaninho! Ou então, nos dias de festa, o armario da prata, d'onde sahiam as salvas grandes, com lavores massiços, um pouco denegridas!

Quantas coisas, hontem tão esquecidas... e agora vivas, nitidas, como se se estivessem passando n'aquelle momento! Mais nitidas talvez, porque a memoria dá ás vezes como umas provas photographicas, que parecem mais definidas que a propria realidade.

E o futuro deputado, o sceptico redactor do *Facto*, sentiu um nó na garganta e os olhos razos de lagrimas.....

Sacudiu este enternecimento pouco digno, e foi em busca do seu quarto, onde havia um conforto relativo. O esteirão novo do Algarve, o

travesseiro de folhos, a colcha de setim, denunciavam os cuidados e a sollicitude do commendador.

Já alli estava a sua bagagem. O Julio abriu o *Gladstone bag,* dispoz sobre a pedra da commoda a complicada collecção de frascos e escovas, e, depois de proceder minuciosamente á sua *toilette* nocturna, procurou o romance começado, a caixa de *pheresly très fort*, accendeu o ultimo cigarro, e estendeu-se na cama. Achava-se n'uma disposição feliz. A emoção de estar na velha casa da sua familia dissipara a impressão desagradavel da conferencia eleitoral. Aos vinte e oito annos, com uma boa fortuna, um nome já feito, uma liberdade completa, e a porta aberta para a vida publica, parecia-lhe bom viver. Adormeceu, tendo visões vagas de triumphos oratorios, de ministerios derrotados e desfeitos a grandes golpes de eloquencia.

IV

Era tarde, quando ao outro dia o Julio de Azevedo abriu a janella do seu quarto, e, assustando as lagartixas, que durante annos haviam gosado a posse tranquilla da pedra da sacada, veiu encostar-se á velha grade de ferro forjado, com um cigarro entre os dentes. Ao sahir da atmosphera um pouco humida do grande quarto ladrilhado, o ar d'aquella esplendida manhã de maio envolveu-o n'um banho tepido.

O sol ia alto; e da cimalha da casa cahia sobre a ruasita só, muito quieta, uma estreita facha de sombra. Da sua janella elevada, o Julio dominava os telhados das casas terreas fronteiras, e ós seus terraços de ladrilho, orlados de craveiros, plantados em fundos de bilhas parti-

das; devassava mesmo os segredos dos pequenos quintaes, que se estendiam por detraz das casas. Havia alli um cantinho de vida domestica, surprehendida na sua intimidade tranquilla e abandonada: grupos de gallinhas em boa camaradagem com porquitos ruivos; alguidares ainda cheios da agua espumosa do sabão; roupa molhada, enxambrando ao sol presa de cordas, immovel no ar parado, muito clara na luz intensa; e, n'um quintal um pouco maior do que os outros, como um toque de esmero nas ruas varridas, nos goiveiros amarellos, nas rosas vermelhas brilhando por entre as ramas das arvores. A villa por aquelle lado alargava-se pouco, e o campo começava logo para além dos quintaes, desenrolando-se em ondulações doces. Em frente, umas collinas baixas, vestidas do verde frio dos olivaes, limitavam o horizonte; mas á direita, na queda do terreno, o valle abria-se em uma larga varzea de trigos altos, amadurecendo já n'um tom claro de espigas. E, ao longo do ribeiro, marcado pela linha de faias esguias, os laranjaes e romeiraes das hortas destacavam-se em manchas escuras, picadas de pequeninas casas brancas. Pela abertura do valle, a vista alongava-se aos tons dos planos distan-

tes, esfumados, esbatidos, adelgaçados até á cor docemente azulada das ultimas serras, fundidas quasi no azul claro do céo. Havia ainda na entoação fina dos verdes, na folhagem vibrante, uma frescura nova de primavera; mas os cevadaes quasi brancos, os trigos espigados, o fundo morno do ar, annunciavam já a proximidade do ardente verão alemtejano.

O Julio ficou alli muito tempo, embalado pela absoluta quietação. Na rua não passava gente; as andorinhas corriam, tocando quasi as pedras da calçada no seu vôo rasteiro, quebrado em voltas rapidas; ou vinham, com um pequenino grito alegre, poisar nos ninhos presos á cimalha. Ao fim da rua, por cima das arvores de um quintal, via-se um dos torreões das antigas muralhas da villa, e em volta os gaivões revoando, passando como pontos negros, apenas distinctos, na limpidez clara do céo. Um grande silencio abafava tudo; um d'estes silencios mortos, pesados, de villa de provincia d'onde todos sahiram para o trabalho, que deixava ouvir, lá ao longe, no valle, o bater da roupa nas pedras do ribeiro, e as vozes das lavadeiras bradando pelos filhos.

Todas estas coisas tão conhecidas, tão familia-

res, tão absolutamente eguaes ao que tinha deixado, acordavam no espirito do Julio os velhos tempos esquecidos; sentia reviver as suas impressões de infancia nas fórmas, nos sons, até nos cheiros—n'aquelle perfume bravo, muito alemtejano, que subia das médas de estevas, empilhadas á porta do forno. E, quando as onze horas soaram lentamente na torre da matriz, elle teve a sensação phantastica de que o tempo só agora recomeçava a correr, de que tudo parara durante a sua ausencia, de que a villasita de provincia o esperara, immovel e adormecida como a princeza de um conto de fadas.

Depois, pelos postigos abertos de uma das casas fronteiras, começou a sahir o som das vozes de creanças soletrando. Era um soletrar antigo, cantado, estranho á influencia de João de Deus; mas as vozes puras das pequerruchas davam graça á cantilena, fundiam-se n'um chilrear alegre com o canto das andorinhas nos ninhos da cimalha. E, de repente, aquella casa, em que agora reparava melhor, evocou no espirito do Julio uma nova onda de recordações.

Aquella casa fôra mais sua do que a sua propria. Morava alli nos antigos tempos o João Pas-

choal, o escrivão. Era um homem alto, mal feito, desgracioso, com os olhos humidos, muito timidos. Tinha uma unica paixão—a dos passaros. As horas que podia roubar ás audiencias, ao escrever monotono no papel sellado, passava-as pelos vallados e barrancos, *armando*. E o Julio estava sempre em casa d'elle, ajudando-o a fazer gaiolas de canna, ou a concertar as redes das codornizes, vendo-o preparar grandes tachadas de visco.

Que boas tardes de verão tinham passado juntos, quando ao sahir da aula do padre Salgado vinha a casa deixar a *Selecta*, e pedir licença á avó para ir com o Paschoal! Com que seriedade o escrivão o iniciava nos segredos da arte, ensinando-o a distinguir os chamarizes dos tentilhões, fazendo-o escutar o canto dobrado dos chapins reaes—os cheichapins, como elle dizia,—ou o prrrt... metallico dos trigueirões, poisados sempre nos mais altos raminhos das moitas! Que anciedade quando a bandada dos pintasilgos se dirigia para as varas... elles deitados atraz de um vallado, e o Paschoal pondo-lhe a mão no hombro, fazendo-o estar quieto... quieto... sem respirar! Que ferros, quando ao longe estalava a funda

de um guarda de vinhas, e todo o bando fugia assustado! Que bons tempos!

O Paschoal fôra sempre pobre e pouco considerado. Chamavam-lhe o *passarinheiro*. Era um sonhador, um poeta a seu modo. Ficava horas esquecidas escutando os melros nos balseiros, ou os papafigos nos chaparraes, vendo as nevoas brancas, leitosas, a levantarem-se dos barrancos, e a luz, coada pela folhagem verde, a acordar reflexos nos espelhos das péguias. Depois, chegava tarde, suado, mal arranjado para as audiencias. Sujava os autos de visco. E—coisa mais grave —apesar de pobre, esquecia-se ás vezes de receber o dinheiro dos orfãos e das viuvas, o que indignava algumas pessoas serias, como um mau exemplo.

—Quer-se fazer generoso, e não tem onde cahir morto, que tolo! diziam.

Pobre Paschoal, que seria feito d'elle? De certo já não morava na mesma casa, pois agora era alli a escola. Devia estar muito velho, se vivesse? E as filhas, deviam estar duas mulheres, a mais moça talvez casada? Lembravam-lhe agora as duas pequenas, com quem brincava, que tratava como irmãs; e parecia-lhe estranho, mal feito até,

ter-se esquecido da sua existencia durante tantos annos.

A mais velha, a Henriqueta, devia ter a edade d'elle. Era uma rapariguita galante, com um perfil fino, olhos grandes, e um esplendido cabello castanho; mas era contrafeita, coitadita. Os seus hombros deseguaes, as suas mãos delgadas, demasiado compridas, muito brancas com veiasinhas azues, e o seu sorriso triste, faziam pena. A Margarida—uma afilhada da avó—era pelo contrario uma creança linda, direitinha, de um trigueiro sadio, tendo uma alegria constante nos olhos pretos, e um cabello crespo, vigoroso, escuro na sombra, mas cheio de reflexos vermelhos, quasi ruivos, quando o sol o feria. Lembrava-se bem da amizade terna que tinha á pequenita. Na sua importancia de homemsinho, julgava-se o seu protector natural; e ella admirava-o muito—a sua superioridade de rapaz de treze annos, já crescido, as suas audacias, as suas invenções. Como ella ria, quando elle, trepado ao damasqueiro grande no fundo do quintal, lhe lançava os damascos no regaço; emquanto a corcundita, muito séria, já maternal, ralhava com os dois! Decididamente queria vel-as hoje... agora

mesmo... ia perguntar á creada se o Paschoal vivia, onde morava?..... Mas n'isto uma rapariga delgada appareceu em baixo no quintal grande das roseiras, que pertencia á escola; e começou a despregar das cordas a roupa já enxuta. Para tirar os alfinetes, levantava-se nos bicos dos pés, erguendo os braços nus, curvando a cintura flexivel; e o sol, cahindo sobre ella, doirava-lhe ligeiramente a massa espessa dos cabellos escuros. Passados instantes, como se sentisse de longe o peso do olhar do Julio, voltou-se, deu com elle na janella, corou e fugiu para dentro. Era a Margarida... com certeza... e quasi a mesma, com os seus olhos alegres, com o seu cabello crespo de creança! Então... ainda alli morava o Paschoal! E o Julio, n'um primeiro impulso, desceu a escada, atravessou a rua sem chapéo, metteu o braço pelo postigo da porta, correu o ferrolho muito seu conhecido, e entrou na escola.

Á sua entrada, quinze ou vinte pequenitas interromperam a leitura, contemplando-o pasmadas, com os olhos redondos de admiração; e, do estrado do fundo, a corcunda levantou-se, alegre, um pouco perturbada a principio:

—O sr. Julio!

—A mana Henriqueta, disse o Julio, usando instinctivamente o antigo tratamento, e apertando nas duas mãos as mãos debeis da invalida.

—E o Paschoal? perguntou.

—O pae está muito doente, entrevado! Mas venha vel-o... elle vae ficar tão contente.

E levou-o pelo corredor ao quarto do fundo, que dava sobre o quintal, onde o escrivão, muito acabado, com o cabello todo branco, estava sentado na cama.

—Oh! pae, o sr. Julio, disse Henriqueta.

—O menino Julio!... o menino Julio! E tão crescido... um homem! E não se esqueceu do pobre Paschoal, veiu logo cá... dizia o velho chorando, na facilidade banal das lagrimas, que dão a fraqueza e a doença.

Então o Julio, querendo cortar aquelle enternecimento, e reparando nas gaiolas penduradas das paredes, perguntou-lhe pelos passaros.

—Ai! ainda se lembra! Eu já não vou armar, estou aqui preso na cama vae para cinco annos, com o rheumatico. Mas vae o Pedro... o Pedro, o filho do carpinteiro... ha de ter idéa d'elle? E olhe o rapaz tem geito, tem muito geito...

N'isto entrava a Margarida, que tinha posto um

lenço novo nos hombros, e tentado alisar o cabello, tão rebelde como em creança.

— Sabes Margarida... disse o Julio, indo para ella; mas emendou-se, ao vel-a tão mudada, tão mulher:— Sabe, conheci-a logo, logo. De mim é que já se não lembrava?

— Então não havia de lembrar, respondeu a rapariga, corando. O pae fallava tantas vezes no sr. Julio, jámais agora, sabendo que o esperavam.

Ficaram alli de pé conversando, o velho em extase deante do seu menino, do seu grande valido, as raparigas voltando rapida e facilmente á velha intimidade de creanças. O Julio fez muitas perguntas; quiz saber o que se tinha passado n'aquelles longos annos; e a Henriqueta então contou-lhe como tinham soffrido grandes privações, necessidades até, depois de o pae cahir de cama, e ser obrigado a deixar o logar. Venderam uma a uma as suas fazenditas, o olival da Fontefria, os tres milheiros de vinha á Canada; só lhes restava aquella casa. Agora estavam um pouco melhor; a Henriqueta ensinava primeiras lettras.

— Ao principio não queriam mandar as peque-

nas, por eu... por eu ser assim, dizia ella com o seu antigo sorriso triste. Mas agora vem muitas, e todos na villa são muito bons para mim.

A Margarida trabalhava para fóra, cozia, engommava, fazia renda.

—Tem muita habilidade, accrescentava a Henriqueta com orgulho.

O tempo corria rapidamente. O Julio achava-se em famila, contente de ver o velho sorriso tranquillo e resignado da mana Henriqueta, e a pequenina Margarida, transformada n'aquella rapariga airosa, adoravelmente bonita no seu vestidinho pobre e no seu lenço vermelho. Conservava os fortes cabellos crespos, e o olhar alegre e claro de creança; mas, vendo-a bem, estava muito mudada, com o oval mais longo e afinado, com uma expressão nova, funda e doce, nos seus esplendidos olhos negros, levemente pisados em roda. E o rapaz ficou-se a olhar para ella, enlevado, voltando-lhe a ternura protectora dos tempos passados, sentindo já, como a Henriqueta, um orgulho de irmão mais velho.

O candidato esquecera-se completamente da hora, do commendador e da eleição, quando ouviram bater á porta. A Margarida foi lá fóra cor-

rendo, e voltou dizer: «... que a moça vinha chamar o sr. Azevedo, porque o sr. João Lopes e muitos senhores estavam defronte, no palacio, á sua procura».

V

O candidato atravessou a rua, subiu os degraus da escada dois a dois, como nos bons tempos de rapaz de escola, e entrou na sala desculpando-se de se ter demorado um instante: «tinha ido alli defronte, visitar o seu velho amigo Paschoal».

— E muito o honra não olvidar as pessoas com quem tratou na infancia, mórmente sendo... emfim sendo pessoas de condição humilde, observou benignamente o commendador.

Estavam já alli, além do João Lopes, o Castro, o Moniz e mais alguns convidados do jantar da vespera, com tres ou quatro novos amigos politicos. O Moniz apresentou particularmente um d'estes, um rapaz amarello, apertado na sobrecasaca preta, com uma gravata de setim azul bastante encebada:

—O meu amigo José Mena.

—Tenho o maior prazer em conhecer pessoalmente a v. ex.ª, disse o rapaz, estendendo a mão ao Julio. Tenho admirado muito os seus bellissimos artigos no *Facto*.

—O Mena tambem é escriptor, é uma das illustrações cá da nossa terra, explicou o Moniz.

—Pelo amor de Deus! atalhou modestamente o Mena. Publiquei apenas alguns contitos insignificantes, muito singellos... um pouco vividos talvez... n'aquelle genero simples do Daudet.

—Ah!... no genero do Daudet!! disse o Julio n'uma surpreza profunda.

—E escrevo as chronicas litterarias no jornal do districto, no *Clarão do Sul*. É possivel que v. ex.ª as tenha notado?

—Li alguns numeros do jornal, mas não... não me lembro bem...

—Eu na chronica não uso o meu nome, assigno Sagaz.

—Ah!!

A entrada de novas visitas veiu interrompel-os. O commendador fazia ceremoniosamente as apresentações; e os amigos politicos sentavam-se em roda, com os chapéos altos sobre os joelhos, em-

quanto o Julio começava a notar com uma certa inquietação, que tinha poucas cadeiras, e algumas quebradas.

Mas a conversa tornou-se geral. O João Gualberto fallou: «na situação desgraçada do paiz». Então o Lopes, com as pernas abertas, as mãos nos joelhos, expoz as suas idéas:

—O que não pode continuar é esta desconsideração systematica da propriedade. A agricultura, a nossa primeira industria, descurada; salarios cada vez mais caros; encargos pesadissimos; o preço do genero como todos nós sabemos; n'isto é que ninguem pensa. Porque afinal quem nos governa são empregados publicos.... moços de intelligencia, não ha duvida!... mas sem sisudez, sem terem interesses ligados á terra...

—E que no fim de contas o que querem é comer, interrompeu o Castro mais positivo.

—Não digo tanto, Castro, não digo tanto!... Ainda que desgraçadamente parece, que alguns se teem locupletado á custa dos dinheiros publicos. O remedio, tenho-o eu dito muitas vezes, está em restituir á propriedade a sua legitima influencia. A propriedade territorial é a verdadeira, é a unica aristocracia dos nossos dias...

— Não devemos esquecer a aristocracia do talento, sr. João Lopes, observou o Mena.

— Ora, sior Mena, atalhou o Castro sempre positivo, faz favor de me dizer o que paga a tal aristocracia do talento? Quem paga é a terra, e quem deve governar é quem paga... tudo o mais são historias.

— Felizmente o nosso Azevedo reune as duas aristocracias, disse o Moniz conciliador.

O Julio tinha-se levantado para ir receber o velho Galrão, que entrava, coberto pelo capotinho apesar do calor; e lhe apresentou um homem gordo, de suissas brancas, sem gravata, com os collarinhos altos, bem lavados, presos por dois botões de filigrana de oiro:

— Sr. dr. Azevedo, o sr. Francisco Dias, um antigo amigo de toda a sua familia.

— Ora ainda bem que torno a ver um Azevedo n'esta casa! disse o lavrador, apertando fortemente a mão fina do candidato.

E começou a fallar-lhe do pae, da avó, «uma santa senhora, uma dona de casa como já as não havia»; tudo isto n'um tom de amizade, de respeito sincero pelo nome e pela familia dos Azevedos, que lisonjeou o rapaz, descançando-o da

eloquencia do commendador. Gostou do homem, achou-o original, muito fino sob a sua bonhomia rude.

Mas o Mena veiu dizer-lhe ao ouvido, com a familiaridade de um confrade em lettras:

—Um bom typo, hein! V. ex.ª vae-se divertir muito com estes selvagens.

E o Julio sorriu, pensando que o bom typo, o typo divertido e reles, era o Mena e não o lavrador.

As visitas demoravam-se, hesitando em se despedir. Mas, quando o Moniz e o Mena deram o exemplo, foi uma debandada geral. Agora ficavam unicamente o João Lopes, o Galrão e o Castro, de pé junto de uma das janellas. E sós, mais á vontade, o Lopes desenvolveu o plano de campanha:

— Passado ámanhã vamos a S. Gens, por causa do João Maximo. O João Maximo está duvidoso.

—Ah! o João Maximo está duvidoso? disse o Julio para dizer alguma coisa.

—Está! O homem está retirado. Ficou descontente desde a ultima eleição... desde o caso que se deu com o dr. Fragoso. Ha de saber?

—Bem sei, respondeu o Julio, que não sabia nada.

—Pois ficou; mas indo nós lá, estou certo que o levamos a campo. E pode dar-nos um bom contingente... elle tem alli muita influencia!

—Não esqueça a carta para o visconde, insinuou o Castro.

—Ah! é verdade; fez bem em me lembrar, Castro. É necessario que o conselheiro Freitas escreva ao visconde.

—Eu mando pedir a meu tio que lhe falle, e estou certo que o Freitas manda immediatamente a carta.

—Pois é urgente. O visconde sempre pertenceu ao partido, mas tem antigas relações de amizade com este governador civil, e por ora não quiz dar a cara. Escrevendo-lhe o conselheiro Freitas, que foi quem lhe deu o titulo, quando era ministro do reino, estou certo que se decide...

Mas o commendador interrompeu-se, vendo o relogio; e, dirigindo-se de novo para o candidato, accrescentou amavelmente:

—Isto são horas das sopas, e o sr. Azevedo vem jantar commigo.

—Eu não quero incommodar.

—Incommodo, nenhum! E depois o meu amigo hoje não tem remedio senão vir. Isto cá na sua casa está ainda tudo no ar... Vem, sr. Galrão?

—Obrigado... obrigado, a minha esposa espera-me.

—Você vem, Castro, pode ser preciso tomar alguma nota depois do jantar.

E o commendador enfiou o braço no do Julio, dando-lhe apenas tempo de pegar no chapéo e nas luvas, protestando contra qualquer mudança de *toilette:*

—Isto é sem ceremonia, meu caro amigo, não estamos na capital.

Se o Julio se não tivesse esquecido um pouco da topographia da villa, teria notado que o commendador o levava por um caminho singularmente longo. Subiram toda a rua do Alamo, e foram virar á rua de S. José, direitos á Praça. O João Lopes levava-a fisgada. Queria atravessar a Praça e passar deante da loja do Faria, o baluarte dos contrarios, em toda a sua gloria, com o *seu* candidato pelo braço.

Quando desembocaram na Praça, viu immediatamente que não perdera o tempo. Á porta da loja estava o Faria, um beirão atarracado, de

barriga em bico, e barretinho de pala de seda preta. E, encostado á hombreira, o administrador de concelho, muito engoiado sob o chapéo alto, conversava com o Joaquim Carvalho, o mais moço dos do Lendroal, um rapaz forte, de chapéo á serrana, botas de montar, e jaqueta de alamares. Trocaram saudações cortezes, mas frias:

—Sr. administrador... meus senhores.

—Sr. João Lopes.

E os tres ficaram examinando criticamente o *veston* justo de quadradinhos e as calças escuras do Azevedo.

—Parece um palhaço! disse o Joaquim Carvalho, que tinha visto em Lisboa os clowns da companhia do Dias.

VI

Na vespera á noite, o Julio apenas entrara na casa de jantar improvisada ao rez do chão; mas hoje, o commendador fel-o subir a escada de ladrilho, escrupulosamente limpa e almagrada de fresco; e, atravessando uma pequena casa de espera, introduziu-o na sala.

Estava clarissima a sala do commendador, com o tecto e as paredes bem caiadas, reluzindo n'uma brancura immaculada. O sol d'aquella bonita tarde de maio entrava largamente pelas duas janellas que davam sobre a Praça, e, passando atravez das cortinas transparentes, apanhadas nos *pateres* de folha doirada, cahia em fachas obliquas sobre o esteirão hespanhol de esparto, amarello e vermelho. Não havia alli tamboretes carancho-

sos, nem veneraveis e invalidos buffetes de pau santo, como no palacete da rua do Alamo; pelo contrario, todos os moveis pareciam sahir n'aquelle momento do armazem. Um canapé e doze cadeiras, de mogno e reps verde, recentemente comprados na rua Augusta, guarneciam as paredes em linhas regulares e symetricas. Ao fundo, por cima do canapé, estava suspenso um largo espelho, com a sua moldura doirada, nova, muito crua sobre o branco forte da cal. E, das paredes dos lados, encaixilhadas em madeira preta com filetes doirados, pendiam quatro lithographias de Julien, *aux deux crayons:* uma pastorinha da Suissa com as tranças cahidas; uma castellã da Edade média; uma tyroleza, rechunchuda e alambicada; e uma contemporanea qualquer de M.lle de Montpensier, largamente provida de caracoes. Entre as janellas, um piano; e, defronte, uma mesa de jogo — da rua Augusta — fechada, tendo em cima dois castiçaes de prata, assentes em tapetinhos de lã, ornados de contas de vidro. Deante do canapé, uma mesa oval — sempre da rua Augusta — sobre a qual se via um candieiro de petroleo de zinco esverdeado, um cestinho de prata arrendada contendo bilhetes de visita, um album

de retratos, e um volume do *Musée des familles*. Tudo isto era nitido, correcto, e absolutamente novo.

O Julio apenas teve tempo de ver rapidamente estas coisas, porque a porta do fundo se abriu, dando passagem ás duas velhas irmãs do João Lopes, seguidas por um padre moço, alto e magro. E, ao ver entrar as duas senhoras no antigo traje da provincia, as saias redondas e um pouco curtas, os chales de lã nos hombros, os lenços de seda escura sobre os cabellos grisalhos, o rapaz teve uma emoção. Achou-as parecidas com a avó. Era o mesmo vestuario, era o mesmo ar sereno, bondoso, um pouco apagado mas digno, formado pela longa influencia da vida tranquilla, passada no conforto pallido da casa abastada. Ao vel-as, sentiu como um toque suave e doce das velhas ternuras, do conchego tepido de umas saias de mulher em que se aninhava em pequeno. O sorriso, com que inventariara a sala do commendador, apagou-se; e foi com um respeito commovido que elle se curvou perante as duas senhoras.

Mas o João Lopes apresentou-lhe o padre, um antigo condiscipulo; e o Julio lembrou-se logo de

o ter visto na aula do padre Salgado, rapaz já feito, esgrouviado, muito pobre, com uma quinzena roçada de mangas curtas, que deixava ver os punhos da camisa esfiados, e os pulsos ossudos, vermelhos do frio: «Com que então tinha-se ordenado?»

—O nosso padre José está capellão da Misericordia, explicou o João Lopes.

—Favores aqui do sr. provedor, accrescentou o padre curvando-se.

—Não tem que agradecer, padre, foi justiça... foi simples justiça.

N'este momento a porta abriu-se de novo, e uma senhora entrou magestosamente, apertada no vestido de *faille* preto.

—Permitta-me que o apresente a minha esposa, disse o commendador:—Amalia, o sr. dr. Azevedo.

—Muitissimo prazer em o ver n'esta casa, disse ella, estendendo correctamente a mão ao seu hospede.

E, voltando-se para o João Lopes:

—Menino, o jantar está prompto.

Passaram para a casa de jantar, pegada com a sala, muito alegre tambem, illuminada por uma

porta de vidros que dava sobre o terraço. Á mesa, ao principio, ficaram callados; mas o Julio, em excellente disposição de espirito, poz todos á sua vontade, fallando dos antigos tempos, lembrando-se de tudo, dos nomes das pessoas, dos sitios aonde ia passear. Interrogou directamente o padre José, querendo noticias dos condiscipulos: ... «o Moniz tinha-o visto já!... Mas o Chico Saraiva? E os dois Sequeiras, os filhos do capitão reformado? E o... aquelle, um gordo... que nunca sabia a lição?»

—O Antonico Soares?

—Isso!

—Está prior na Córte.

—O quê, tambem se fez padre?!

—O rapaz, coitado, precisava de um modo de vida... o pae tinha-lhe dado cabo de tudo, explicou muito naturalmente o padre José.

Mas o que encantou sobretudo as duas velhas irmãs, foi o modo por que o rapaz fallava da avó, com um respeito profundo, com uma saudade ainda viva. No dia seguinte, não se callavam em elogios ao Azevedo: «Tão bom rapaz», diziam ellas, «parece impossivel que seja dos que escrevem nos papeis!» O commendador, porém, emen-

dou-as, advirtindo-lhes: «que entre os redactores havia pessoas muitissimo sérias... que a imprensa era uma instituição util, sendo regrada».

E, na verdade, as duas santas senhoras faziam dos jornalistas uma idéa singular. Julgavam todos pelo José Mena, que—segundo affirmavam na villa—tinha roubado os resplendores de prata dos santos no oratorio da mãe, para ir jogar a batota no bilhar do Cáxinha, á esquina do Terreirinho.

Durante o jantar, e apesar da conversa, o Julio observou dissimulada e curiosamente a sua visinha do lado. Deu-lhe trinta e cinco... talvez quarenta annos. Em todo o caso era uma bella mulher, alta e forte sem ser gorda, com um busto amplo, muito apertado no vestido de *faille,* que reluzia como uma couraça. Quando se voltava para elle, nas attenções naturaes de uma dona de casa, envolvia-o no olhar directo dos seus olhos verdes, a que os cabellos muito pretos e lustrosos, e as sobrancelhas espessas davam uma expressão um pouco dura. Pareceu-lhe uma senhora muito decidida. Trinchou o perú assado com gestos correctos mostrando os anneis ricos de gosto duvidoso; e dava ás duas moças que

serviam, ordens curtas e claras, promptamente obedecidas.

Fallou pouco ao jantar, como se os assumptos locaes, que seduziam as duas cunhadas, fossem menos dignos da sua attenção; mas depois, quando serviu o café na sala, mostrou-se muito amavel, pedindo ao Julio que fumasse:

—Faz favor de se não prender, sr. Azevedo, nós as senhoras estamos todas tão costumadas.

E, como o Julio collocasse a chicara do café sobre o piano, perguntou-lhe se tocava, dizendo-lhe que a musica era a sua distracção favorita, que passava alli horas e horas. O Julio tocava tambem, de ouvido, bocados de valsas, e umas *peteneras* e *tangos,* aprendidos em má companhia. Esta semelhança de talentos estabeleceu logo uma familiaridade. Fallaram de S. Carlos e das ultimas operas. D. Amalia ia todos os invernos passar uma temporada em Lisboa, e o theatro lyrico era a sua paixão. Ao lembrar-se dos prazeres da capital, lamentou-o:

—Vae-se aborrecer muito n'estes dois mezes.

—Não me parece, minha senhora, e basta para me não aborrecer o ter a honra de ser recebido em casa de v. ex.ª

—É muito amavel, sr. Azevedo, mas vae... olhe que se vae aborrecer muito! Isto é uma terra impossivel, sem passatempos de especie alguma, sem convivencia quasi. É um desterro para as pessoas creadas de uma certa fórma...

Lentamente, n'uma conversa cortada, fazia-lhe as suas confidencias. Disse-lhe quantos annos tinha passado em Lisboa, no collegio da madama Santos, a Buenos-Ayres, uma senhora finissima, de uma educação esmerada. Fallou-lhe da sua terra, Setubal, uma terra boa, com bastantes recursos, muitas familias das suas relações, e tão proxima da capital. Tinha conhecido alli o João Lopes, que estava a banhos. Havia uma grande differença de edade entre os dois; mas a sua familia toda desejava muito aquella união, e... o tempo das primeiras illusões já tinha passado. Podia dizer que fôra muito feliz. Nunca se arrependera de ter dado aquelle passo; ninguem de certo seria mais attencioso, mais delicado do que o commendador:

—... mas tenho uma creação, um modo de pensar muito diverso das pessoas d'aqui. É muito triste não ser comprehendida!... terminava ella com um suspiro.

—V. ex.ª não tem filhos? perguntou o candidato talvez indiscretamente.

—Ai não, sr. Azevedo, e felizmente... filhos são cadilhos. O João Lopes desejou muito um herdeiro, mas hoje, coitado, nem pensa n'isso.

Havia n'esta ultima phrase um desapego tão desdenhoso, que o Julio involuntariamente levantou os olhos para o commendador. Viu-o sentado na extremidade da sala, conversando com o Castro e o padre José. De pernas abertas, por causa da barriga, a papeira cahida sobre a gravata preta, tinha um ar lamentavel de abatimento pomposo e gordo. O Julio começava a interessar-se—n'este interesse muito especial, dispertado sempre pela mulher que parece facil, ou simplesmente possivel. E, muito amavel, n'um principiosinho já de côrte, insistiu para a ouvir. Ella então poz-se ao piano, e, depois de uns accordes, cantou-lhe uma *romance* qualquer, muito conhecida.

A tarde cahia. Lá fóra havia um silencio, cortado apenas pelo ruido dos carros de mullas, que atravessavam a Praça, voltando do trabalho. Na obscuridade que invadia a sala, o João Lopes e o padre José escutavam somnolentamente; e, en-

costado ao piano, a luneta no olho, o Julio via de vez em quando os olhos verdes de D. Amalia voltarem-se para elle n'uma expressão exagerada.

A *romance* esfriou-o; achou-a mal cantada, com uma pronuncia detestavel. Pareceu lhe a cantora ridicula. Mas, apesar de tudo, quando recolheu a casa pensou muito na nuca forte e bem encabellada, no buço esfumado sobre os beiços vermelhos, e no olhar directo da mulher do commendador.

—Que diabo quererá ella? foi a sua ultima reflexão.

VII

No dia marcado, o João Lopes e o Azevedo foram a S. Gens, visitar o João Maximo; e ao outro dia á Córte, onde estava prior o Antonico Soares; e no dia seguinte a S. Miguel.

Ás noites juntavam-se na sala pequena á esquerda da casa de espera — a que o commendador chamava o seu escriptorio, apesar de nunca escrever. Alli, á luz do candieiro de petroleo, o Castro lia o recenseamento; tomavam-se notas; faziam-se calculos; vinham trazer noticias os galopins subalternos, o Chico barbeiro, e o Norberto, um official de diligencias demittido, que esperava ser reintegrado quando o ministerio cahisse. Mas pouco a pouco os trabalhos afrouxaram. Por maior que fosse o zelo do João Lopes e do Castro, era im-

possivel ficar dois mezes inteiros na brecha. Depois, as coisas tomavam bom aspecto; o João Maximo decidiu-se; o visconde pronunciou-se; os governamentaes andavam muito descoroçoados. Finalmente o candidato podia respirar.

Ia todas as noites a casa do commendador, mas, emquanto ao emprego do dia, conquistara uma independencia relativa. Estava já regularmente installado na sua velha casa. Uma das suas moças, a Josepha, sahiu-se uma cozinheira de talento. Tinha-lhe chegado de Lisboa um caixote de livros; e, mesmo no seu quarto de dormir, improvisara uma grande mesa de trabalho, com o seu tinteiro, as suas pennas validas, e uma boa provisão de papel almasso. Alli, durante as horas de calor, redigia as correspondencias para o *Facto,* ou os primeiros capitulos de um romance esboçado. E sentia-se em veia, escrevia umas paginas mais vivas, mais naturaes do que tudo quanto tinha escripto até então. Afastado de todos os modelos, em contacto intimo com a poesia penetrante e severa d'aquella natureza um pouco arida, o seu modo de dizer despia-se das formulas convencionaes, tornava-se mais simples e mais vibrante, como se o animasse o ar fino, que

entrava largamente pela janella, aberta de par em par, como se o illuminasse a luz forte, que inundava o valle.

Quando passeava no quarto, procurando uma phrase, mascando nos dentes a ponta do cigarro apagado, succedia-lhe ficar-se parado defronte da janella, absorvido na contemplação d'aquelles campos vastos, alongados sem fim, onde as searas iam branqueando de dia para dia. As ceifas das cevadas temporãs começavam já. Pelas onze horas, as moças recolhiam do trabalho, andando depressa sob o sol pesado; e os ranchos de figuritas negras, graciosamente envoltas nos chales, animavam um momento a solidão das estradas, poeirentas e claras. Ás vezes, de manhã, passavam vaccadas, voltando das pastagens da serra — as rezes vermelhas vinham lentamente, marcando o passo no aceno das cabeças finas, fazendo soar os chocalhos n'um rythmo demorado, que accentuava o largo silencio tranquillo. Sentia-se o verão chegar. Os trigos amadureciam. O trabalho mysterioso da vida completava-se, pondo nas sementes o germen da vida futura. O ar vinha de longe, morno, em sopros leves, carregado das emanações aromaticas e bravas das grandes char-

necas fortemente aquecidas. E elle então experimentava o prazer puramente animal de viver, da retina que se banha de luz, dos pulmões que se enchem, dos contactos tepidos na pelle; qualquer coisa como a beatitude reflectida nos olhos mansos dos bois, ruminando ao sol, enterrados na herva até ao joelho.

E sempre, antes de recolher para dentro, deitava os olhos para o quintal das roseiras. Uma ou outra vez via a Margarida a despregar roupa no seu gesto gracioso, em bicos de pés, os braços erguidos. Trocavam de longe uma saudação e um sorriso; e elle vinha sentar-se á mesa de trabalho, com os olhos e o cerebro cheios de luz — talvez do sol, talvez do sorriso da rapariga.

Terminada a pagina, o Julio demorava-se ainda n'umas voltas pelo quarto; e depois descia, dando-se a si proprio uma explicação... «ia fazer um bocado de companhia ao Paschoal, coitado!... ouvir-lhe repisar pela centesima vez as velhas historias».

Ao acabar da aula, a Henriqueta vinha sentar-se n'uma cadeirinha baixa, ao lado da cama do pae. Como o tempo ia quente, a janella abria-se, deixando ver um cantinho do quintal, a ruasita

fugindo entre linhas de alfazema, as roseiras altas, mal talhadas, batendo na ramagem clara das amendoeiras. Os prisioneiros do Paschoal chilreavam; e, lá fóra, na sua gaiola de canna, dois melros novos ensaiavam assobios hesitantes, n'uma modulação fresca de primavera. Uma roseira de toucar orlava a janella, e os cachos compactos de rosinhas brancas, miudas, cahiam em festões. A Margarida, que ensaboava no quintal, vinha encostar-se ao parapeito da janella, pelo lado de fóra, com os braços trigueiros, muito puros de fórma, ainda humidos do sabão. E ficava alli muito tempo, immovel, os olhos pretos attentos, escutando o Julio. O sol, reflectido na parede do fundo, orlava-lhe os cabellos crespos de um contorno luminoso, deixando-lhe o rosto n'uma sombra vaga; e as rosinhas de toucar formavam-lhe em volta uma especie de moldura de *vieux saxe,* fresca e virginal. Quando o Julio tinha graça — o que lhe succedia varias vezes — Margarida descerrava os labios n'um dos seus risos claros de creança; e uma atmosphera viva e alegre de mocidade e primavera enchia o quarto do pobre paralytico.

Pouco a pouco as visitas amiudavam-se e pro-

longavam-se. O Julio agora passava as manhãs no quarto do Paschoal. Ás vezes, com um pretexto qualquer, voltava de tarde. As suas creadas já sabiam onde elle estava. Alli lhe vinham trazer os escriptinhos urgentes do commendador; e as grandes bandejas de doces da D. Amalia: «... com muitas recommendações da senhora», como dizia o moço dos recados. Elle sentia-se bem, á vontade, entre as duas raparigas muito singellas, e muito intelligentes na sua singelleza. Todas as vulgaridades da meia civilisação que o feriam na casa do commendador, desappareciam alli, n'aquelle interior primitivo. E, sem que o presentisse a principio, a paixão da Margarida retinha-o, envolvendo-o, penetrando-o, como o envolvia e o penetrava o ar fino d'aquellas manhãs limpidas de primavera.

E era uma paixão! Logo nos primeiros dias, sem o saber e sem o querer, elle tomara posse do coração da rapariga, como de uma coisa naturalmente sua. Margarida tinha chegado aos vinte e dois annos sem um namoro, guardada pela vigilancia da Henriqueta, pela vida quasi clausurada, sobretudo pela timidez altiva. Arredada de uns pela sua situação humilde, de outros

por um principiosinho de educação e pelos instinctos finos, encerrara-se no retrahimento doloroso da sua pobreza. O apparecimento do Julio, superior a tudo quanto tinha visto e tinha sonhado, veiu trazer uma funda perturbação á sua existencia socegada. Sentiu-se subitamente presa por aquella intelligencia clara, elevada, occupada de mil coisas que ella não percebia, mas começava a adivinhar na sua intuição subtil de mulher já namorada. E ao mesmo tempo que o Julio a deslumbrava como um ente quasi sobrenatural, tranquillisava-a pela familiaridade alegre e franca de antigo companheiro. Na physionomia original do Azevedo, tão finamente insolente, quando em presença de estranhos encaixava o monoculo na orbita, havia sempre para ella o sorriso carinhoso e bom de um irmão mais velho. E ella achava-se bem na sua inferioridade, na sua admiração sem limites de mulher submissa.

Tudo n'elle a seduzia, a finura do seu espirito, como os requintes absolutamente desconhecidos da sua elegancia. Para a pobre rapariga, que só vira a jaqueta domingueira do Pedro carpinteiro, ou, á porta da egreja nos dias de festa, as gravatas vistosas do Mena e do Moniz, houve uma

revelação nos *vestons* de flanella branca do Julio, nas suas meias azues com estrellinhas vermelhas, nas suas mãos bem cuidadas, nos anneis solidos, tendo as esmeraldas e os rubis fundamente cravados no oiro fosco. Todos os pequenos objectos da elegancia masculina a surprehendiam: a perola do alfinete; a cigarreira de prata, onde os *phereslies* descançavam em symetria no fundo doirado; as firmas de côr nos lenços perfumados, que ella admirava muito com os seus conhecimentos praticos de costureira.

Então, deante d'elle, achava-se ignorante e rude, nos seus vestidinhos de chita, na vulgaridade das suas mãos bonitas, mas um pouco avermelhadas e grossas do sabão. Julgava-se duramente, muito humilde, muito distante d'elle, apenas digna de ser sua creada, uma das suas moças, como eram a Josepha, ou a Barbara. Mas depois lembrava-lhe a camaradagem de outros tempos. Via n'elle a antiga imagem do rapaz energico e forte, que protegia a sua fraqueza de pequenita de oito annos. Feria-a assim com todo o vigor de uma impressão nova, e com toda a suavidade de uma recordação de infancia. E, docemente, confiada, deixava-se ir sem resistencia para aquelle amor, que

era como a continuação natural de uma amizade innocente. Com um atrevimento puro de creança fixava n'elle largos espaços os olhos meigos, sem fugir aos seus olhares.

Mas, ás vezes, sentia-se perturbada, n'umas revelações subitas, quasi brutaes, da intensidade da sua paixão. Um dia que estava fazendo renda, o Julio veiu ver a obra, passando-lhe o braço á roda da cintura. Assim, muito perto d'ella, a sua respiração agitava-lhe levemente os cabellinhos da nuca; e ella julgou desfallecer, uma onda rosada tingiu-lhe o pescoço e as faces, e, na pelle até á raiz dos cabellos, correu-lhe um arrepio doce, de uma doçura tão funda que era dolorosa. Ao mais leve contacto percebia que era toda d'elle, o corpo como a alma. E, vagamente, sabia que a um aceno lhe teria cahido nos braços, rendida antes de combater, sem defesa possivel.

O Julio, porém, estava a mil leguas de pensar em uma seducção. Se lhe occorresse tal idéa, de certo a teria repellido sem hesitar—a casa do seu velho Paschoal era sagrada para elle. Mas, na verdade, nem mesmo resistiu á tentação, porque não tinha consciencia do amor da rapariga. E, se lhe tivessem dito, que elle gostava da Mar-

garida, teria dado uma gargalhada. Que disparate! Era amigo das duas irmãs... da Margarida como da corcundita. Isso era! muito amigo d'ella... nada mais.

Sómente, quando passava algumas horas sem a ver faltava-lhe o que quer que fosse.

VIII

Os dias e as semanas passavam, e—contra o que prognosticara a D. Amalia—o Julio não se aborrecia.

Uma unica coisa lhe bulia ás vezes com os nervos, e era exactamente a que o trouxera alli—a eleição. O ingenuo redactor do *Facto* trazia sobre eleições idéas um tanto falsas; sonhara comicios, movimentos de opinião, vontades populares energicamente manifestadas; e vinha cahir em umas transacções mesquinhas de pequeninos favores e de resalvas de recrutamento. Como entendia pouquissimo d'estes manejos, sentia-se inutil nas complicações da sua propria eleição. Via que o não consultavam; percebia que o tinham mandado vir unicamente para o mostrar, como um objecto de

luxo, uma especie de coche de respeito, um cavallo do estado de S. Jorge bem encaparaçonado. Esta situação um pouco singular não o incommodava, divertia-o até, vendo-lhe bem todo o lado comico; mas outras coisas mais positivas repugnavam-lhe. Elle viera naturalmente com a intenção firme de não dever a sua eleição ao dinheiro. Não se lhe dava de gastar alguns centos de mil réis em despezas indispensaveis; mas coisa que cheirasse a compra não queria — positivamente não queria. Ninguem lhe fallou em gastar um real. Não lhe era difficil, porém, perceber que o commendador gastava por elle, e gastava bastante. Isto no fim de contas vinha a dar no mesmo; simplesmente, era mais economico e... mais reles. E, sempre que se demorava n'esta idéa, sempre que uma allusão qualquer a dispertava no seu espirito, ficava mal á vontade, aborrecido, envergonhado quasi.

Uma tarde, já luzes accesas, entrando ao passar na botica, encontrou o Moniz todo paramentado, de collarinhos altos, um botão de rosa na casa do fraque preto — era o dia da recepção intima do commendador. O Mena, pelo contrario, pareceu-lhe particularmente sujo, com a barba

de tres dias, e a pelle amarella muito lustrosa. O commendador nunca o convidava para casa, apesar de elle pertencer ao partido—isto irritava-o. Affectava então maior desalinho, um despreso do mundo, uma superioridade de homem de lettras.

Emquanto o Moniz se inundava de agua de Colonia, e dizia ao Josésinho, o praticante, que podia fechar mais cedo, o Julio ficou vendo a partida de damas do João Gualberto com o prior —dois jogadores de fama. O Mena, entre portas, assobiava; e, de repente, voltando-se:

—Então o João Maximo sempre entalou o Lopes com a fiança?

—Parece que sim, respondeu o João Gualberto seccamente, sem levantar os olhos do taboleiro.

—Estava claro que o tal sujeito não dava os votos de graça! accrescentou o Mena no seu tom azedo de homem amarello.

O Julio não fez reflexões, e a conversa cahiu. Mas depois, quando sahiram todos para a Praça, deu o braço ao Moniz, obrigando-o a ficar para traz, perguntando-lhe: «que historia era aquella de fiança»?

—Homem, é simplicissima! respondeu o Moniz. É uma divida de novecentos mil réis que o João Maximo ahi tinha, de que lhe não queriam renovar a obrigação, e de que o Lopes ficou agora por fiador.

—Para que o outro lhe desse os votos de S. Gens?

—Provavelmente.

—Que diabo... isso é extremamente desagradavel!

—Desagradavel, o quê?

—Desagradavel que o Lopes esteja assim a gastar dinheiro na *minha* eleição.

—Deixa lá, que tens tu com isso? Estás muito enganado se cuidas que o Lopes te faz deputado pelos teus bellos olhos... É para conservar a sua influencia... para ser o reisinho cá da terra. Ora essa! se quer uste que lhe custe... Olha, deixa-o gastar, e vem d'ahi para casa d'elle... a D. Carolina já passou ha que tempos com as sobrinhas.

Esta philosophia pratica do Moniz não quadrava completamente ao Azevedo, que subiu a escada do commendador muito contrariado.

Logo na casa de espera, vendo os chales das

senhoras sobre as cadeiras, e os chapéos pendurados, o Moniz exclamou:

—Olá! temos enchente!

E, ao entrarem, ficaram parados, para não interromper. As duas sobrinhas da D. Carolina tocavam a quatro mãos um *pot-pourri* da *Traviata;* e, junto do piano, o amanuense da camara, serio e pallido, passando de vez em quando os dedos no bigode preto, voltava a folha. Isto desagradou ao Moniz, que namorava a mais velha.

Encostado á hombreira da porta, escutando o piano por polidez, mas sem o ouvir, o Julio via distrahidamente as senhoras, sentadas em fila ao longo da parede, nas cadeiras de reps verde. Conhecia-as todas: a velha esposa do Galrão e a filha, uma rapariga dos seus trinta e tantos annos, secca e magra, de uma magreza acida de solteira; a prima D. Joanna, na sua apathia molle, entre as duas irmãs do Lopes; a D. Carolina, uma viuva ossuda e rica, de buço preto, sempre afogueada; a D. Placida, a mulher do cirurgião, pequenina, muito puxada, fresca ainda nos seus quarenta annos. Abanavam-se lentamente n'um abatimento doce, tendo nas physionomias apagadas um ar tranquillo, como uma resignação á mo-

notonia indefinida e vaga da vida. E, mais no fundo, no canapé por baixo do espelho, o Julio via as meninas, duas ou tres, direitas nos vestidinhos mal feitos, deixando escorregar os olhares sonsos até ao grupo dos homens, compácto na porta da casa de jantar.

Quando entrou, o Julio abaixou de longe a cabeça á D. Amalia; e, ao terminar o *pot-pourri* n'um murmurio de applausos, atravessou a sala para lhe fallar.

—Vem hoje muito tarde! disse-lhe ella, envolvendo-o todo nos olhos verdes, pondo n'esta simples phrase uma queixa imperiosa.

—Demorei-me um bocado na botica do Moniz, respondeu elle quasi seccamente.

A sua *flirtation* com a D. Amalia continuava, mas frouxa, sem um passo decisivo, cortada de hesitações, de escrupulos, de faltas de pachorra; e demais, n'aquella noite estava nervoso, pensando ainda nos novecentos mil réis do João Maximo.

Mentindo á sua reputação já bem estabelecida de amabilidade com as senhoras, passou um pouco desdenhoso, com a luneta cahida, indo juntar-se ao grupo dos homens, que fumavam no

terraço. Teve um momento a intenção de se explicar com o Lopes sobre aquella seccantissima questão de dinheiro; mas francamente a occasião era mal escolhida. E não tinha mesmo tempo de lhe fallar; todas as senhoras estavam de pé, entrando para a casa de jantar. Era a hora do chá, que se costumava servir alli á roda da mesa. E n'este movimento forçado, ellas animaram-se um pouco, em conversas mais intimas, mas lentas, no tom discreto de pessoas bem educadas. Junto da mesa, a D. Amalia fazia as honras na sua solicitude vigilante de boa dona de casa:

—Os merendeiros que estão frescos, prima Joanna!... mais uma chavena, sr. Galrão?... com pouco assucar, não é verdade, sr. Azevedo?...

De pé, a um lado, os homens graves conversavam, sorvendo devagar pequeninos goles do chá muito quente. Vinham os assumptos mil vezes repisados: os olivaes que estavam bonitos com muita flor; os trigos que não engradeciam, queimados por aquelles calores de maio; toda uma vida de esperanças e decepções. E, n'aquellas queixas de lavradores, sentia-se passar o amor á terra, o amor vivo e entranhado a uma ingrata,

que pagava tão mal aos seus apaixonados. Pouco a pouco cahiram na eterna questão do trabalho; fallaram dos creados que se não podiam soffrer, uma sucia de bebedos, sem respeito aos amos, sem zelo pelas casas onde serviam; mas os jornaleiros eram peores, mais insolentes, e depois os salarios subiam de dia para dia. O Galrão perguntou:

—A como traz os homens esta semana?

Então o Lopes teve um gesto de desolação, como se o mundo acabasse:

—Não me falle n'isso... a quatorze vintens!... e olhe que não pegam no trabalho senão com uma e duas horas de sol.

—Eu não sei onde isto ha de ir parar! disse o padre José, remechendo lentamente o assucar no fundo da chicara.

Callaram-se, meditando aquella reflexão profunda; e, na pausa da conversa, o Julio, que escutava distrahido, ouviu distinctamente atraz de si a sobrinha da D. Carolina dizer em voz baixa:

—Passas ámanhã?

—Ás duas horas, respondeu o Moniz.

Mas no ruido abafado, comedido, das conversações lentas, as vozes das senhoras levanta-

ram-se agora, mais altas, n'um enthusiasmo, que os attrahiu a todos para junto da mesa; tratava-se de uma proposta do João Gualberto, acolhida com muito favor. Habitualmente, depois do chá, a D. Amalia organisava uma partida de loto, alli mesmo em volta da mesa grande; e o João Gualberto acabava de propor o monte, baratinho, uma brincadeira, para divertir as senhoras. Teve um successo; todas applaudiram, n'um desejo de ganho, n'uma tentação aguda do fructo prohibido. A prima D. Joanna, sahindo da sua apathia, exclamou:

—É mais divertido, não é prima Amalia?

O proprio commendador sorriu com benevolencia, explicando ao dr. Azevedo: «que o jogo era um vicio funesto, mas assim em familia podia considerar-se um divertimento aprazivel». Apenas o Castro protestou tacitamente... não se divertia com aquellas coisas. Esgueirou-se para o escriptorio, a tomar certas notas sobre uns diabos de uns eleitores de S. Miguel, que lhe não pareciam seguros.

Todos rodeavam a mesa; e, mal se levantaram as bandejas, o João Gualberto installou-se para talhar, pondo deante de si quatro libras e

uns cassoquinhos em prata, dizendo amavelmente:

—Vinte mil réis para quem os quizer!

D. Carolina estava já sentada ao pé do banqueiro; a mulher do cirurgião do outro lado. A D. Amalia chamou o candidato para junto de si:

—Venha fazer uma vacca, sr. Azevedo, mas eu é que administro, que o senhor é um perdulario. Dê-me cá dez tostões.

O principio da cartada foi fatal para os pontos; o João Gualberto ganhava de todos os lados. A D. Carolina, já muito excitada, estendia nos dedos uma moeda de dois tostões, dizendo:

—Cerco á sena... mas espere lá, o que é que está morto em baixo?

—Deve estar morto o valete da côr... mas se a sr.ª D. Carolina quer não se mata nada, respondeu o João Gualberto, que carteava finamente, com muito bons ditos.

—Ora muito obrigada ao seu favor!... bem, está morto o valete de oiros, então cerco á sena.

—Jógo, disse pausadamente o João Gualberto; e voltou na palma o valete de paus.

Apertado pela fogosa D. Carolina, o Julio arredou-se um pouco para traz, pondo o braço so-

bre as costas da cadeira da D. Amalia, assistindo á sua administração prudente e habil dos dinheiros da vacca. Via-lhe o perfil perdido, a nuca forte, redonda, muito branca sob o nó preto dos cabellos duros. Pareceu-lhe bonita assim, na sua elegancia solida, as costas largas, o peito oscillando no rythmo da respiração descançada. Quando se encostava para traz, a abertura em bico do vestido descobria-lhe o principio do sulco fundo entre os seios, perdendo-se em baixo na sombra tepida e provocante. Sentia-a muito perto de si, roçando-lhe no braço em contactos demorados talvez intencionaes, envolvendo-lhe as pernas nas pregas do vestido azul, n'um calor penetrante de saias. De toda ella partia a emanação quente de uma mulher robusta, com o sangue vigoroso, muito desejavel na perfeição outoniça da sua belleza. Esta visinhança excitou-o, deu-lhe um momento a necessidade puramente animal de a apertar, de lhe pôr um beijo mordido na nuca branca, alli mesmo, deante de todos.....
..... Mas a sua imaginação indomita e caprichosa fugiu-lhe para longe d'alli. Tudo em volta d'elle se apagava pouco a pouco. A D. Amalia, o João Gualberto carteando, as senhoras á roda da mesa, a

fila dos homens de pé, estendendo os braços para receberem os tostões, sumiam-se gradualmente sem contornos já e sem fórma, como se os cobrisse o véo de gaze de uma magica — d'aquelles véos que se vão multiplicando, espessando, obscurecendo, até se tornarem opacos n'um cinzento negro de nuvens carregadas. E agora, n'esta obscuridade, creada pela phantasia, uma janella abriu-se. Dava sobre um fundo luminoso e claro, todo cheio de sol, de folhagem viçosa e de flores. Em torno pendiam cachos de rosas de toucar, miudinhas, brancas, apenas tintas de carmin diluido. E ao parapeito da janella veiu encostar-se pelo lado de fóra uma rapariga. Tinha o oval fino, sob os cabellos escuros tocados de reflexos quentes, os olhos negros e alegres, os beiços entreabertos deixando ver o esmalte brilhante dos dentes pequeninos. E ficou alli, fitando-o e sorrindo.... Passado um instante, a sua expressão mudou; os olhos negros, levemente pisados em roda, tornaram-se serios na concentração intima de um sentimento absorvente. E aquelles olhos negros eram transparentes, apesar da sua negrura; via-se atravez d'elles, como em algumas noites escuras se vê a profundidade infinita do céo. E do

fundo, muito do fundo da sua transparencia, vinha uma corrente de amor, intensa e doce. Na creação desordenada do sonho, elle *sentia* aquella corrente, como se fosse material e palpavel. *Sentia-a* na testa e no cabello, semelhante ao sopro de um leque brando, agitado de manso..... E a expressão mudou de novo; o circulo escuro em volta dos olhos negros marcou-se mais, e elles tomaram a tristeza magoada de uma queixa humilde e muito submissa; mas esta expressão dorida e queixosa não lhes apagou o amor, como se coisa alguma n'este mundo nem no outro fosse capaz de o apagar.....

Em volta da mesa houve um movimento, e o Julio acordou sobresaltado—o João Gualberto acabava de ir á gloria, e a sua vacca com a D. Amalia ganhava sete mil e oitocentos.

Todos se levantaram para sahir: Era um escandalo... mais de meia noite!

O Galrão já tinha partido com a esposa e a filha. A prima D. Joanna, embrulhando-se muito, sahiu tambem, acompanhada da moça e de um creado de cacete, porque era uma senhora muito timida. Os outros desceram a escada em rancho, n'uma conversa animada, debicando ainda com

o João Gualberto sobre a perda dos vinte mil réis.

—É um porquinho de menos na vara, disse o Castro, que acabava de sahir do escriptorio com a tal lista dos eleitores de S. Miguel.

E já na rua a conversa continuava:

—Que noite tão linda!

—Faz um luar que parece dia, observou o padre José.

—Ó D. Carolina, sempre é bom abafar-se, que está humido, disse a D. Amalia da janella.

—Ai não, menina, até está calma.

—Boas noites!

—Boas noites!

Foram deixar a D. Placida e a filha em casa logo alli na rua de S. José, e a D. Carolina mais adeante á esquina da rua dos Ferreiros. O João Gualberto, o Castro e o padre José seguiram conversando; e o Julio, sósinho, tomou a travessa do Fosso ao longo das muralhas. Veiu devagar pelas ruas desertas da villa adormecida, fumando machinalmente, todo cheio de sensações novas e complicadas.

Antes de bater ao portão ficou um bocado olhando para a janella da Margarida. Tudo es-

tava fechado e quieto. O luar illuminava cruamente as paredes caiadas da escola, emquanto a sua casa parecia mais alta, toda na sombra, recortada em negro sobre o cinzento claro do céo sem estrellas. Á volta não havia nem um ruido, nem um movimento; apenas as corujas brancas passavam em cima no seu vôo fofo, absolutamente silencioso.

IX

Como era singular tudo aquillo! Aquella revelação justamente alli á mesa do monte! Aquella interposição de uma imagem entre elle... e um desejo banal!

O rapaz passeava no quarto, ruminando estas coisas, dando voltas á roda de uma idéa, sempre a mesma, insistente e teimosa. Grupava um a um todos os acontecimentos das ultimas semanas, pequeninos, insignificantes, um gesto, um olhar, uma entoação mais vibrante na voz, coisas vagas, despercebidas no momento; mas que, grupadas agora, lhe mostravam o amor da Margarida tão claro, como aquelle sol claro de maio. O seu primeiro sentimento foi uma alegria intensa e irreflectida, um desejo vivo de a ter junto de

si, de lhe tomar as duas mãos, de ficar longamente com os olhos mergulhados na transparencia dos seus olhos negros. Mas n'esta mesma alegria percebeu de repente, que elle... gostava tambem da Margarida; e no seu espirito formulou-se uma pergunta, que ficou sem resposta: Para quê? Para ter com ella uma aventura semelhante ás outras?... para lhe pegar e largal-a, como teria feito á sua moça, a Barbara, uma rapariga desembaraçada e instruida, que de certo se não incommodaria muito com o caso? Isto era simplesmente impossivel; nem o queria, nem mesmo... o desejava. Elle não podia tocar na Margarida, na velha companheira, na filha do Paschoal, na afilhada valida da avó! Então... para quê? Esbarrava n'esta pergunta, como em um muro sem porta. Sim... para quê?

E, gradualmente, deante d'esta embaraçosa interrogação, veiu-lhe uma reacção de juizo. Começou a formar planos sensatos, todos cheios de prudencia e de razão. A eleição estava á porta; logo em seguida partia para Lisboa; e até lá tudo ficaria assim. Mais tarde, a paixoneta da Margarida passava facilmente... se acaso a tinha. Para se socegar, diminuia-lhe a importan-

cia... teria inventado talvez... exaggerado de certo. Chegou a pensar no futuro da rapariga, bem estabelecida, tranquilla e honestamente casada. Mas esta idéa do casamento... com outro, deu-lhe um arrepio; repugnou-lhe violentamente. Não... casada não... assim tranquilla e honesta como estava. Era isso, nem podia ser outra coisa! No entretanto não alterava os seus habitos... mesmo por prudencia, para se não reparar. E na verdade não tinha nada que alterar, pois se no fundo não havia nada!

Justamente era a hora da sua visita ao Paschoal, e desceu a escada, mais lentamente talvez do que costumava. Achou o velho melhor n'esse dia, animado, muito entretido a mudar de gaiola uns verdilhões que o Pedro lhe trouxera na vespera. No quarto ao lado, com a porta aberta, a Margarida engommava, attenta ao trabalho, encanudando habilmente uma saia complicada da D. Carolina.

—Viva! disse o rapaz da porta, n'um tom que julgou perfeitamente natural.

—Muito bons dias, sr. Julio. Então divertiu-se muito hontem? perguntou ella levantando os olhos da taboa.

—Nem muito, nem pouco... uma coisa. Porque pergunta isso?

—Porque veiu muito tarde.

—Como sabe? Eu olhei para cá, e estava tudo fechado.

Mas ella demorou-se a responder, pondo o ferro nas brazas para tomar outro; e, direita, approximando o novo ferro da face, experimentando-lhe o calor:

—Ouvi-o bater ao portão a sua pancada do costume, e d'alli a um instantinho deu uma hora.

—Ah! então o que fazia a menina acordada áquellas horas? perguntou ainda o Julio, forçando-se a brincar.

—Eu... não sei... não podia dormir.

Callaram-se. Ambos elles sentiam instinctivamente que o som das suas vozes os atraiçoava, que as palavras não significavam nada, que tinham outra coisa a dizer, a verdadeira coisa, a que estava lá dentro. Margarida foi a primeira a cortar o silencio:

—É verdade, e a sua rosa!

Pagava-lhe o fôro diario de uma rosa para o *vestou;* e era sempre uma longa escolha no quintal, de botão em botão, a que o Julio assistia

sem querer intervir. N'aquelle dia escolheu-lhe uma rosita vermelha, meia aberta, e veiu enfiar-lh'a na casa, muito unida com elle, séria, tendo apertado entre os beiços o alfinete com que a devia pregar. Quando terminou, recuou um passo para admirar a sua obra, levantando para elle um olhar tão franco e tão claro, que o rapaz ficou indeciso. Sentiu-se penetrado pela paz intima da sua expressão. Pareceu-lhe um olhar de irmã. Decididamente... talvez se tivesse enganado. Era melhor assim.

E, pouco a pouco, nos dias seguintes, recahiu na sua segurança. Julgava de novo, que era unicamente muito amigo da Margarida. Uma coisa contribuia para o illudir—a sua tranquillidade junto d'ella, aquelle effeito tantas vezes repetido do seu olhar franco e claro. Longe, tinha-a sempre no pensamento, sentia-se inquieto e impaciente como um verdadeiro namorado; mas ao entrar na escola ficava bem, contente de a ter alli, de a ver trabalhar, de a ouvir no quintal, cantando a meia voz a moda nova da villa. E não desejava outra coisa, não se violentava para a respeitar—respeitava-a pelo simples instincto do seu amor naturalmente casto. Não lhe reparava

no pé bonito e fino, no tom quente do braço trigueiro, nos peitos pequeninos, direitos sob as pregas do lenço. Não, não gostava d'ella *assim*—gostava d'ella de outro modo, do que via no fundo dos seus olhos negros, da alegria do seu sorriso, do seu modo de fallar doce e grave, um pouco cantado á alemtejana. Tinha ás vezes a necessidade quasi irresistivel de a puxar para si, pondo-lhe um beijo longo e apertado na testa, á raiz dos cabellos—nada mais. O desejo masculino e rude que sentira tantas vezes sem uma parcella de amor, que sentia junto da D. Amalia, apesar de a achar ridicula, que podia mesmo sentir ao ver passar uma hespanhola pintada, de quem teria nojo uma hora depois, nunca o sentiu ao pé da Margarida. A sua virilidade diluia-se na intensidade da sua ternura. E julgando o seu amor menos forte, exactamente porque era mais fundo, adormecia n'uma segurança toda ficticia, sem ver o que se passava dentro de si, sem ver mesmo o que se passava em volta.

E era necessario ser cego para o não ver. A historia do Azevedo com a Margaridinha do Paschoal andava na bocca de todos. Um personagem da importancia do candidato não podia dar

um passo, sem que dezenas de olhos curiosos o seguissem; e a frequencia das suas visitas a casa do velho escrivão foi notada, logo desde os primeiros dias. Naturalmente todos acertaram com o motivo; e naturalmente tambem ninguem acreditou na innocencia do idyllio.

Alguns acharam aquillo mal feito. Os adversarios pensaram mesmo em levantar a questão. Na loja do Faria chegou-se a fallar em «seducção de menores». Mas um advertiu logo d'alli: «que era uma asneira, que a rapariga tinha vinte e dois annos já feitos». Isto callou-os. E, como a especulação politica fosse impossivel, o zelo pela moralidade esfriou.

De resto, a opinião geral não os seguia, muito indifferente, favoravel mesmo ao Azevedo, n'uma deferencia pelos que estão de cima. Quando na loja do Loureiro se discutiu o caso, todos se desinteressaram, achando desculpas: «Que diacho, o Azevedo era um rapaz solteiro, tratava de arranjar a sua vida conforme podia... e a rapariga lá lhe encontraria tambem as suas conveniencias».

O velho Peres, o antigo juiz ordinario, bom latinista e muito devasso, teve um dito feliz, recordando-se a proposito do seu Terencio.

—*Homo sum: humani nihil a me*... disse elle, não terminando a citação, n'uma meia palavra de bom entendedor.

Na roda, sem perceberem bem, ficaram convencidos, celebrando o dito, penetrados de respeito pelo texto latino.

Unicamente o Galrão, tocado pela esposa, se mostrou um pouco inquieto. Chegou a consultar o Lopes; mas este tranquillisou-o:

—Olhe, sr. Galrão, eu não sei o que ha, nem quero saber. Em todo o caso não me parece coisa de circumstancia... sim, não anda n'isso envolvida uma familia das nossas relações. É uma rapaziada!... E nós quando eramos rapazes não fizemos tambem o que podémos?

—Lá isso é verdade... e mesmo agora, hein!... e mesmo agora! disse o Galrão, com as rugas apanhadas n'um sorrisinho bregeiro.

Olharam um para o outro satisfeitos, remoçados até por aquella aventura, n'uma alegria de velhos gastos, que folgavam na taberna. E nunca mais fallaram no assumpto—era uma questão liquidada.

A opinião feminina... essa foi contraria á Margarida, absolvendo o seductor. Achavam-lhe sim-

plesmente mau gosto. Uma das moças do Azevedo, a Barbara, rapariga de muitas posses e nada má, resumiu-a no fim de uma conversa com a Rita do forno:

—Até parece impossivel, com uma lesma d'aquellas!!

N'isto é que todas se matavam: «o que encontraria o Azevedo n'aquella lesminha, n'aquella santinha de pau carunchoso»?

Mas algumas senhoras protestaram com mais aspereza. Uma manhã, á missa das dez, quando as Paschoaes vieram ajoelhar ao pé da capella do Santissimo, a D. Placida, a amiga intima da D. Amalia, puxou ostensivamente a filha para o lado, arredando-a d'aquelle contacto impuro. A Margarida não percebeu; mas a corcunda viu o gesto, e, muito pallida, abaixou os olhos sobre o livrinho de missa.

Effectivamente a Margarida não percebia. Vivia, como o Julio, nas regiões aerias. Concentrava-se no goso intimo de uma coisa que ella sabia sem ninguem lh'a ter dito, por um saber lá de dentro, todo instinctivo. Repetia mil vezes comsigo: «Elle gosta de mim»; e a felicidade que lhe davam estas palavras transbordava, en-

chendo-lhe os olhos de lagrimas. No emtanto, ambos iam dando que fallar ás más e ás boas linguas da villa.

O Julio agora vinha todas as manhãs, e voltava todas as tardes—n'aquellas tardes interminaveis de junho. Entrava ao cahir do dia, quando o sol se ia escondendo atraz das ultimas serras n'uma côr sanguinolenta de incendio. N'esta hora, morta para o trabalho, as duas raparigas, ao largar da agulha, andavam no quintal, occupadas nos arranjos da casa. E o Julio sentava-se tambem cá fóra, ao pé da janella do velho. Uma ou duas vezes estranhou a Henriqueta. Pareceu-lhe constrangida, hesitante, como desejosa de lhe fallar. Achou-a mesmo mais pallida, com o perfil mais afilado. Coitada... talvez estivesse mais doente? Mas sempre activa, girando de um lado para o outro no seu passinho desegual, entretida com os passaros do pae, mudando a agua dos bebedoiros; e, quando se approximava d'elle, sempre com o mesmo sorriso triste e bom.

Algumas tardes vinha por alli o Pedro carpinteiro: «dar noticias ao sior Paschoal da passarada». Era um grande amigo do Azevedo, andava sempre a desafial-o para irem ás perdizes,

ao reclamo; tinha dois perdigões como não havia outros na villa, nem d'alli muito longe:

—Ó sior doutor, honte á tarde alli ós carrascaes da Mãe-d'agua era uma praga. Abalei d'aqui já depois das tres horas, e inda matei quatro.

—Homem, é tempo defeso, objectava-lhe o Julio.

—Ora, isso o que monta?... ninguem repara.

A conversa esgotava-se, e ficavam muito tempo em silencio. O Pedro, sentado no fundo de um cesto, inclinava-se para deante na sua physionomia parada e paciente de homem do povo, enrolando lentamente o cigarro nos dedos duros. Ficava alli como ficaria n'outra parte, n'uma tranquillidade de animal, habituado a todas as massadas. E o Julio cahia n'um sonhar vago, tocado d'aquelle adormecimento contagioso. Mas a Margarida voltava do terraço do fundo, de regar os goivos, córada, levemente despenteada do trabalho, sacudindo os pingos de agua da saia; e, sentando-se no angulo do alegrete, voltava para elle os olhos negros, callada tambem, embebida na quietação da hora.

Sob as arvores, as sombras cresciam, mais ne-

gras e mais humidas. Na obscuridade nascente, as fórmas veladas perdiam as proporções; a ruasita das alfazemas alongava-se; todo o quintal parecia maior sem limites definidos. E' defronte, do outro lado da rua, o Julio via a sua casa, a janella do seu quarto aberta, a fachada cinzenta, um pouco vermelha ainda nos ultimos clarões do céo. Vista assim de baixo, a velha casa dos Azevedos, com as grades negras de ferro batido, e, nas hombreiras de pedra, as manchas amarelladas e redondas dos lichens mortos, tinha um ar severo, dominando o quintalsinho plebeu do alto da sua aristocracia. O Julio ás vezes julgava ler uma censura n'aquelles muros denegridos; mas desviava os olhos, procurando o perfil da sua Margarida, indeciso já na luz quasi extincta. Sentia-se preso no amor da rapariga; sentia-se enredado tambem na doçura neutra d'aquella existencia, para que o attrahia o seu sangue apathico de provinciano, para que o preparavam as fortes impressões da sua primeira mocidade.

N'uma preguiça invencivel ia-se demorando até ser já escuro. A Henriqueta accendia a luz no quarto do Paschoal; e cá fóra, a aragem fresca da noite levantava-se, passando nas folhas finas

das amendoeiras, que tremiam n'um susurro de goso, consoladas depois do longo dia abrazador.

X

Mas, de repente, esta tranquillidade alterou-se. A campanha eleitoral tomava uma feição nova. Os ministeriaes, que pareciam batidos, acordaram n'uma febre de trabalho. Do governo civil vieram ordens terminantes, ameaças de transferencias e demissões, promessas de empregos, auctorisação até, segundo diziam, para gastar muito dinheiro. E o candidato do governo—um tenente coronel de engenheiros—chegou tambem, indo alojar-se no Lendroal, em casa dos Carvalhos, a quatro kilometros da villa. Foi então um sem cessar de mensageiros. De manhã, de tarde, altas horas da noite, os moços do Lendroal nas eguas do monte, nas mullas da lavoura, vinham trazer recados ao administrador, ou atravessavam

a villa, levando cartas para a capital do districto. Este ruido de bestas pelas ruas irritava o commendador, e punha o Castro n'um continuo sobresalto.

Tinham, porém, dias de triumpho e de vingança, quando os creados do visconde chegavam da sua quinta de S. Marcos, onde elle agora estava. Vinha ás vezes o feitor, um homem serio, já grisalho, na egua russa do amo. Mas quem sobre todos fazia effeito era o perreiro, o Joaquim Poças, um mulato alto do Sado, de jaqueta de pelles, espingarda de dois canos atravessada, montado no seu cavallo preto, que marchava em passo hespanhol, com um grande barulho nas calçadas, deixando a perder de vista as mullas do Lendroal. O commendador chegava então á janella da Praça, gritando aos seus creados: «que recolhessem o cavallo, que lhe deitassem ração»; e ao Joaquim Poças:

—Suba, Joaquim, suba!... Você vae tomar alguma coisa, emquanto eu respondo á carta do sr. visconde.

Tudo isto azedava os animos. Da botica do Moniz, os amigos do Julio olhavam, desconfiados e ironicos, para as entradas e sahidas na loja do

Faria, ao outro canto da Praça. Mesmo as relações pessoaes estavam quasi cortadas. Apenas o João Gualberto, partidario fiel mas de genio facil, parava algumas vezes á porta do Faria e trocava uma chalaça com o administrador, apertando a mão ao Joaquim Carvalho, um companheiro de caçadas. E o Castro não via aquillo com bons olhos, resmungava:

— É uma asneira do João Gualberto estar-lhes a dar confiança.

O Julio, sem querer, andava mais envolvido na eleição. Duas, tres vezes por dia, ia ver a Margarida; mas ficava menos tempo com ella, achava-se mais preso, mais rodeado. O Chico barbeiro e o Norberto vinham procural-o a casa; traziam noticias das manobras; allegavam serviços, contando as boas partidas que tinham feito ao Faria. E os eleitores, dependentes da casa dos Azevedos, appareciam tambem, obsequiosos, no seu ar cauteloso e fino de homens do campo — offereciam o seu prestimo, fazendo jus a favores futuros.

Emmaranhado n'uma serie de intriguinhas, o rapaz aborrecia-se, voltava ás idéas do principio. Queria fazer uma reunião popular, dizer

áquella gente o que era uma eleição, explicar-lhes os seus direitos, mostrar-lhes que iam votar contra um governo immoral e estupido. O candidato ministerial tinha chegado... Pois bem! Que viesse á reunião defender-se. E, lembrando-se dos seus triumphos nas assembléas academicas, o Azevedo sentia um desejo vivo de controversias. Então, o commendador dissuadiu-o, demonstrou... «ao seu joven amigo, que tudo aquillo podia ser muito bom em paizes adeantados, onde o povo tinha illustração... alli não... ganhavam mais no trabalhinho de sapa... além d'isso a eleição estava segura».

O Castro foi mais positivo, n'um grande desdem pela palavra:

—Parolas, sr. Azevedo! Isso com elles não pega! Olhe, prometta-lhes o senhor dividir em sortes a sua herdade de Val de Pêgas; arranja mais vinte votos em S. Miguel, e ainda em cima ganha dinheiro.

E, conhecendo os negocios do candidato a fundo, muito melhor do que elle proprio, o Castro fazia-lhe as contas:

—Val de Pêgas anda arrendada em trezentos mil réis: se a der ao quarto tira d'alli dez moios

de trigo e cinco ou seis de cevada, uns annos por outros... e fica-lhe a pastagem livre...

O Julio, nervoso, sem animo para luctar, cedia, promettia dividir a herdade, cahia indirectamente nas compras de votos, que tanto lhe repugnavam. E agora, mais de perto, via tambem as pressões, com que se não podia conformar. Não sabia apertar as cordas nas gargantas. Chegou a trabalhar contra si.

Um domingo, ao sahir para a missa, encontrou na escada uma mulher ainda bonita, com um bello olhar direito, e os cabellos pretos apenas riscados de fios de prata.

—Eu vinha fallar a sua eicelencia por via dos votos, disse-lhe ella, no ar desembaraçado das alemtejanas do povo.

—Ah! por causa dos votos! respondeu o Julio, a quem esta palavra «votos» fazia mal aos nervos.

—Sua eicelencia já me não conhece... já se não lembra da gente... inda nem alli foi abaixo á sua horta. Eu sou a Prazeres, a sua hortalôa da horta dos Frades.

—A Prazeres! exclamou o Julio. Lembro-me perfeitamente!

E lembrava-se; na sua memoria tenaz passou n'um momento a visão da horta: a linha das faias brancas e o cannavial ao fundo; a mancha vermelha do romeiral em flor; o porquinho loiro, grunhindo debaixo da figueira, preso á estaca por um pé. A Prazeres, casada então de fresco e uma linda moça, fôra a sua primeira paixão—aos treze annos. Quando artificiosamente podia convencer o Paschoal, lá iam os dois parar á horta; e não dormia de noite, meditando planos complicados e perversos para dar um beijo na hortelôa, atraz do cannavial. Os planos falharam sempre, e d'elles nunca teve conhecimento, nem a Prazeres, nem ninguem.

—Ora a Prazeres! repetiu o Julio, muito alegre de a ver. E você ainda está na horta?

—Pois stou, mail-o meu Bento e os rapazitos. E hoje vinha cá fallar ó senhor por via do voto do meu homem.

—O seu homem vota em mim naturalmente.

—Pois stá bém. O sr. Lopes mandou dizer á gente, que lhe haveramos de dar o voto, quando não que nos tiravam a horta, prá dar ao Zé da Rita, que a quer. Mais a gente conhece a razão; somos rendeiros cá da casa vae pra dezaseis an-

nos, e o meu homem disse logo, que o seu voto havera de ser cá prá casa. De todo ó modo sempre ficamos desgraçados.

—Sempre ficam desgraçados!?

—Stá bém que ficamos. Bem vê sua eicelencia que a horta é piquinina, e a gente alli só não se podia governar, jamais com quatro filhos. Como o meu homem tinha a parelha, pidiu umas terras ao sr. Cravalho, na herdade d'elle que fica ahi pegada com os Coutos. Assim é que nos temos governado, com o que sameamos nas terras do sr. Cravalho, e alguma coisa que dá a horta. De maneiras, que as semanas passadas o sr. Lopes mandou-nos aquelle recado; e honte o sr. Cravalho foi estar com o meu homem, e disse-lhe, que lhe havera de dar o voto prós outros, ou que o deitava fóra das terras. Já vê sua eicelencia que sempre ficamos sem as terras, ou sem a horta... sim... de todo o modo sempre ficamos sem o nosso governo.

A Prazeres contou a sua historia serenamente, sem lamurias, n'um desprendimento fidalgo dos interesses materiaes; mas o Julio escutou-a em espinhos. Que diacho de historia tão desagradavel... uma complicação de horta, e de terras, e

de hortelões desgraçados por causa d'elle! Depois, o bello olhar claro da Prazeres lembrava-lhe a sua antiga paixão. Via a rapariga de outros tempos, forte, de lenço vermelho atado na cabeça, dando a travia ao bacoro com os braços nús —uns braços que o faziam tremer todo. D'aquelle primeiro acordar da imaginação e da carne ficava-lhe uma ternura vaga, uma amizade pela mulher. Mentalmente mandava a eleição, e o Carvalho, e o Lopes para... sitios muito distantes; e, de repente, n'uma inspiração:

—Olhe, Prazeres, diga ao seu homem que dê o voto aos Carvalhos, percebe. E quanto a tirarem-lhe a horta... isso é commigo, pode ficar descançada.

Safava-se já, sem a querer ouvir mais; mas de baixo chamou-a:

—Ouça lá... vocês não fallem n'isto, é escusado que o sr. Lopes, ou o sr. Castro o saibam.

Subiu a rua, em direcção á freguezia, muito satisfeito com aquella solução; contente de ter deixado a Prazeres tranquilla; n'uma alegria de estudante ao lembrar-se do voto, roubado ao Lopes, e ao Castro. Apressou o passo, porque era tarde.

Em Lisboa tinha deixado havia muito tempo de ir á missa, esquecido nas somnolencias preguiçosas das manhãs do domingo, almoçando depois do meio dia para ir de tarde aos touros; mas alli, na sua terra, cumpria regularmente o preceito catholico. Não para fazer effeito; nem elle se lembrava de tal; nem, no nosso sceptico Alemtejo, uma missa de mais ou de menos era coisa que pesasse na balança de um candidato. Ia naturalmente... porque tinha ido em pequeno com a avó, á mesma egreja, á mesma hora. Reatava o fio d'aquelle habito, como reatara o fio de tantos outros. Logo no primeiro domingo, ao ouvir o repique bem conhecido, annunciando a missa das onze, pegou no chapéo e sahiu, sem mesmo pensar no que fazia.

Mas n'esta manhã chegou tarde, demorado pela conversa com a Prazeres; e, fendendo o grupo dos homens de trabalho, apinhados junto do guarda-vento, foi encostar-se á pilastra do primeiro altar á esquerda.

A missa estava começada, e elle ficou alli, de pé, n'uma distracção pouco devota, deixando a vista errar ao acaso pela egreja, grande, de uma nudez fria—aquelle frio especial do estylo jesui-

tico. Via, no corpo da egreja mal cheio, os grupos disseminados das mulheres do povo, ajoelhadas com os chales pretos postos alto, quasi pela cabeça, em linhas rigidas de freiras; mais adeante, junto da teia de pau-santo, os chapellinhos floridos de cinco ou seis senhoras, dando uma nota moderna, discordante alli, de meia civilisação; lá ao fim, no altar-mór, o prior lendo a epistola, n'uma casula verde debotada, a pequenina corôa muito nitida nos cabellos duros; e por cima, sobre as luzes tremulas da banqueta, a talha doirada do throno, denegrida em tons roçados de cobre velho. Em volta, reparava agora nas capellas dos lados, onde, na penumbra funda, se entreviam fórmas indecisas—o branco sujo de um manto de imagem, a lividez doentia de um Christo preso á columna. E, nos azulejos azues e brancos que revestiam as paredes, examinava curiosamente as figuras dos santos, esguias, em roupagens duras, tendo gestos falsos e sem vida de automatos. Com as janellas do côro fechadas, tudo isto se velava de sombra, todas as côres se apagavam em entoações discretas e mortas. Apenas, lá adeante, um raio claro de sol cahia de uma fresta, marcado na

poeira visivel — como uma cutilada de luz na obscuridade azul.

Sentia uma tristeza pairando. Pensava n'aquella religião, viva e aguda quando se levantou a egreja, e se pintaram os azulejos, e se esculpiu a talha; adormecida hoje, cahindo n'uma tradição, seguida como um simples habito por todos os que alli estavam, desde o prior até elle proprio. E pouco a pouco deixava-se penetrar por esta tristeza — a tristeza das coisas que se vão sem serem substituidas.....

Subitamente, porém, uma leve emoção varreu como um sopro as suas meditações nebulosas. No vaguear distrahido dos olhos reconheceu as duas irmãs, ajoelhadas do outro lado da egreja, muito atraz das senhoras elegantes; e o coração bateu-lhe ao ver a Margarida, direita e graciosa no chalinho castanho, o modesto lenço de seda carmezim sobre os cabellos escuros. Foi uma surpreza. Não as esperava alli; ellas iam habitualmente á Misericordia, ás dez horas, ouvir a missa do padre José. Mas não teve tempo de fazer reflexões; o prior despachava as ultimas rezas, cortando atalhos pelo latim, e todos sahiam já, n'um arrastar lento de pés.

Cá fóra, na luz deslumbrante do adro, o Julio encontrou um grupo de rapazes conhecidos: o sobrinho do Galrão; o Moniz, esperando a D. Carolina e a namorada; o proprio Mena, que apesar de não ouvir missa por causa dos seus principios, vinha por alli ver as moças. Demorou-se um pouco com elles; e, quando as Paschoaes sahiram, foi-lhes fallar muito naturalmente, apertando-lhes a mão, retendo um instantinho a da Margarida na sua. Despediu-se d'ellas muito alegre, dizendo alto:

—Até logo.

Mas, ao voltar para o grupo, feriu-o um riso parvo, insolente, estampado na cara dos tres rapazes. Teve uma d'estas impressões frias, subitas, irreflectidas de colera; e, a voz baixa, o olhar directo sob as sobrancelhas apertadas:

—O que estão os senhores a rir?

O ar do Azevedo era tão aggressivo, que o sobrinho do Galrão bateu prudentemente em retirada; e o Mena, disfarçando, se afastou dois passos. Unicamente o Moniz resistiu ao choque, fiado na intimidade maior, n'aquelle *tu* que lhes ficara do latim. Metteu o caso a bulha, querendo brincar:

—Anda lá, maganão, que não perdes o teu tempo... parabens, a rapariga é boa deveras!

—Que tolice, ou que infamia é essa? perguntou-lhe o Julio entre os dentes.

—Homem, não te zangues... ninguem te pede que te confesses! respondeu-lhe ainda o Moniz, já muito compromettido.

O primeiro impulso do Julio foi retalhar-lhe a cara com a bengala; mas, n'um resto de sangue frio, percebeu que não remedeava nada com isso; e voltou-lhe as costas, violentamente agitado. Via tudo, absolutamente tudo. Como um relampago no campo nos mostra na decima parte de um segundo os mais pequenos accidentes do terreno, aquelle riso de tres parvos mostrava-lhe agora tudo quanto se dizia e se pensava em volta d'elle.

No caminho para casa, e já depois, fechado no quarto, revolvia todos os indicios que tão estupidamente lhe escapavam até aquelle momento —todas as meias palavras, todos os sorrisos significativos. Dava agora o verdadeiro sentido á luz fria e dura que vira brilhar nos olhos da D. Amalia, nas duas ou tres vezes em que innocentemente tinha fallado da rapariga deante d'ella. Lembrava-se tambem da expressão constrangida

e afflicta da pobre mana Henriqueta. Todos então sabiam, todos fallavam n'aquillo! E n'uma revolta—que elle julgava ser a revolta da sua justiça, mas era no fundo a revolta do seu amor —sentiu um desejo louco de ir pelas ruas, gritar áquella villa imbecil: «que se enganava, que elle nunca nem tinha roçado os beiços pelo cabello da Margarida».

Mas, no instante seguinte, viu a inutilidade dos seus protestos; cahiu n'uma desanimação. Achava-se desarmado deante da calumnia intangivel. Ainda quando elle corresse a pontapés o Moniz, e o Mena, e todos os Menas, a calumnia ficaria de pé, avivada mesmo pelo escandalo. E tanto menos a podia destruir, quanto era plausivel... tinha uma razão de ser. Accusava-se agora de imprudencia, de estupidez. No seu egoismo bruto, só porque lhe era agradavel passar longas horas junto d'ella, tinha-se esquecido do que podiam dizer. tinha-a dado em pasto ás más linguas de uma terra pequena. A consequencia alli estava. Quando partisse para Lisboa, eleito deputado, triumphante e tranquillo, deixaria atraz de si um rasto de lama—uma pobre rapariga perdida de reputação, e tendo para a

defender uma irmã corcunda e um pae paralytico. E era irremediavel isto!

Lentamente—o mundo exercendo mais uma vez o seu mister habitual de Galeoto—uma idéa germinou no espirito do rapaz, indecisa e confusa a principio, sem que elle proprio a quizesse formular claramente. Sim... se era irremediavel... se todos o acreditavam... se todos o diziam... porque não viria a *ser?*... porque não seria a sua Margarida realmente *sua?* Elle então, delicada, muito delicadamente, poderia melhorar a sua situação, installal-a n'uma casa boa, rodeal-a de bem estar, de luxo mesmo—aquelle luxo de provincia, que no fim de contas se pode ter com tão pouco. Não renunciava á sua vida livre de rapaz solteiro, ás suas novas e ainda pouco arreigadas ambições politicas, aos seus habitos sobretudo. Não... nem era necessario... continuava a viver em Lisboa, independente, tal qual como antes. Sómente, viria alli passar mezes, muitos mezes, com ella. Isto convinha-lhe mesmo; administrava a sua casa; podia talvez montar uma lavoura, quando terminassem os arrendamentos das suas herdades. Esta occupação sorria-lhe. Afinal estava cançado da sua antiga existencia, inutil e

ociosa. E quanto a ella, havia de a cercar de tanto carinho, de tantas attenções, de tanto respeito, que a imporia ao respeito de todos!

E um momento deteve-se com satisfação n'este plano. Via deante de si uma vida tranquilla, quasi regular; a Margarida junto d'elle para sempre, feliz e.....

Mas, no fundo do seu espirito ou do seu coração, alguma coisa se insurgia contra todos os seus planos, deixando-o mal comsigo.

XI

E, ao outro dia de manhã, o Azevedo permanecia nas mesmas duvidas, na mesma irritação surda.

Na vespera á tarde, muitas horas depois da scena do adro, tinha descido como costumava a casa das visinhas. Encontrou a Margarida como sempre, n'aquelle seu enlevo submisso, concentrada na sua paixão, feliz de o ver, esquecida de si e dos outros. A Henriqueta fez-lhe o effeito de estar mais triste, mais inquieta; ou porque realmente fosse assim, ou porque elle agora a observasse melhor. E tinha alli ficado até ser noite, no seu quintalinho querido, que lhe pareceu muito differente. Ainda lá estavam a ruasita das alfazemas alongando-se na sombra, e as amendoeiras

recortando a folhagem fina e negra no clarão vermelho do sol posto; mas a paz exterior das coisas tinha fugido, dispersada e desfeita pela agitação interna do espirito. Sahiu d'alli sem fixar uma idéa; voltava agora para lá no mesmo estado, impellido unicamente pelo desejo imperioso de ver a rapariga.

Quando correu o ferrolho da porta, e entrou na casa de fóra, viu a Henriqueta sósinha, sentada á banca de pinho da aula, apesar de não ser ainda a hora da lição. Estava-o evidentemente esperando. Veiu logo ao seu encontro, ao mesmo tempo hesitante e decidida, como quem obedece a uma resolução penosa, longamente meditada. E, sem rodeios, sem mesmo lhe dar os bons dias, n'aquella coragem precipitada dos timidos, perguntou-lhe n'uma voz baixa, um pouco tremula:

—É nosso amigo... não é verdade?

—Se sou seu amigo, mana Henriqueta... Que pergunta!

—É que eu queria-lhe pedir uma coisa. Ha muitos dias que lhe quero pedir isto, sem ter animo... e tenho feito mal... mas custava-me tanto! Queria-lhe pedir que viesse cá menos...

A um gesto involuntario do Julio, a Henri-

queta poz-lhe no braço a sua mão de doente, branca e fraca, n'um toque doce, apenas perceptivel; e levantando para elle os olhos, já cheios de lagrimas:

— Eu bem sei que não faz mal nenhum... mas é para socego da... de nós todos. E não lhe peço que deixe de cá vir... Bem vê, d'aqui a pouco vae-se embora para Lisboa, e n'estes dias que faltam vem menos vezes... sim?

Como o Julio hesitasse, callado, ella accrescentou ainda, cada vez mais pallida:

— Lembre-se que foi creado comnosco, como se fossemos suas irmãs.

— Tem razão, mana Henriqueta! disse o Julio; e sahiu.

Tinha razão... elle não devia, não podia ir alli. Mas ao encontrar-se na rua experimentou uma sensação de isolamento doloroso, como se o tivessem transportado subitamente para uma terra distante, desconhecida e hostil. Só, sem ter para onde ir, viu bem o logar que no seu coração, nos seus habitos, na sua vida inteira, tinha tomado aquella casita pobre, onde agora não podia voltar. Sem animo de entrar na sua casa, receioso da solidão do seu quarto, subiu a rua, dirigindo-se para

o centro da villa. Sentia a necessidade de um conselho, de um desabafo. Se ao menos tivesse alli um amigo—um d'estes amigos, que nos ouvem pacientemente, com um bom sorriso de sympathia nos labios, emquanto nós, n'um passeio nervoso pelo quarto, vamos contando tudo, dizendo tudo, como se pensassemos alto! Mas que podia elle dizer áquella gente d'alli, que lhe profanara o amor nas suas supposições materiaes e brutas? E, pensando bem, lembrou-se que em Lisboa estaria no mesmo isolamento. Não tinha um unico amigo a quem fallasse *n'aquillo*. Os amigos de S. Carlos, de rosa na casaca, o cerebro vazio sob o cabello correcto, a quem elle contava a rir as aventuras com a Adelaide, a quem mesmo—n'uns momentos de condemnavel vaidade—tinha deixado entrever algumas das peripecias da sua ligação com a D. Sophia, a esses não podia fallar na Margarida. Este sentimento novo escondia-se nos retrahimentos de um pudor, absolutamente novo tambem.

Sentindo-se infeliz, o candidato victorioso ia subindo a rua sem destino, sob o sol a prumo, brutamente reverberado na calçada e no branco violento das paredes. Respondia um pouco des-

confiado ás saudações das pessoas que encontrava; julgava ver nas caras de todos, aquelle riso parvo do Moniz e do Mena; parecia-lhe que atraz d'elle deviam dizer: «Alli vae o Azevedo com quem *está* a Margarida do Paschoal».

No seu desejo de ver alguem, de fazer alguma coisa, fosse o que fosse, tendo horror a entrar na botica, occorreu-lhe ir procurar o Castro — esse ao menos só lhe fallaria na eleição. E, quando o encontrou, suggeriu-lhe um plano, uma expedição, a primeira coisa que lhe veiu á cabeça: «Talvez fosse bom irem á Córte, fallarem com o prior, o padre Soares, saberem o que por lá se passava»? O Castro cahiu das nuvens ao notar-lhe este excesso de zelo; mas não era homem que deitasse agua na fervura de ninguem, muito menos em uma fervura eleitoral. Combinaram logo jantar cedo para ir de tarde. Iam no carrinho — a estrada municipal de macadam já chegava mesmo á aldeia.

E ás cinco horas, sob um sol de chumbo, lá se foram pela planicie enorme, sem uma arvore, ao trote choutado do cavallinho lazão. O Julio sentiu uma especie de prazer n'aquella viagem desagradavel, atravez de uma desolação amarella

e secca: a herva secca nas valetas da estrada; as searas de trigo, sem fim, ainda de pé, oscillando lentamente n'um ruido secco de palha já morta; os restolhos das cevadas quasi brancos, feios e hirtos como uma barba de oito dias; e, ao longe na estrada, a poeirada secca, levantando-se n'um d'estes pés de vento, subitos e sem razão de ser, das tardes quentes.

Voltaram já de noite. O rapaz ao menos tinha gasto a tarde, e trazia os nervos applacados pelo cansaço physico, a cabeça azamboada do sol, os rins moidos das mollas infernaes do carrinho. Apesar de ser tarde, quasi dez horas, vestiu-se e sahiu para ir a casa do Lopes. Conservava ainda o receio do seu quarto, do isolamento, de se achar face a face comsigo mesmo.

Encontrou o commendador na casa de jantar, só com as duas irmãs e o padre José, sabendo já da expedição á Córte e desejoso de noticias. As noticias eram excellentes; os eleitores, teimosos a principio no tal aforamento do baldio, cediam todos, levados principalmente pelo prior e pelo Galrão, que tinha alli perto o seu assento de lavoura. Deviam obter na Córte uma votação quasi a flux...

Mas, emquanto relatava o emprego da sua tarde, a D. Amalia appareceu na porta da sala, que estava ás escuras, dizendo-lhe n'um tom de reprehensão amavel:

—Ditosos olhos que o vêem, sr. Azevedo!

Effectivamente elle não fôra muito assiduo nos ultimos dias; e, voltando-se agora n'uma surpreza:

—Ah! V. ex.ª estava ahi!

—Estive alli um bocado na janella da Praça. É o unico sitio onde corre ar.

O Julio tinha-se dirigido naturalmente para ella, e penetraram juntos na escuridão da sala, cortada pela fisga de luz que vinha da casa de jantar. A situação do candidato junto da D. Amalia era singular e levemente embaraçosa. Logo desde os primeiros dias elle lhe notara os requebros, mais do que isso, um d'estes desejos claramente manifestados de mulher já madura. Esta descoberta deu-lhe uma vibraçãosinha agradavel na vaidade e nos sentidos; e uma ou duas vezes experimentou uma tentação mais forte, como umas velleidades de se deixar conquistar. Reteve-o a principio a consideração que tinha pelo commendador, tão serviçal, empenhando o seu tempo e o seu dinheiro em o fazer deputado. Reteve-o sobretudo o lado

vulgar da aventura, o sorriso involuntario que lhe despertavam as pretensões senhoris da D. Amalia. E ultimamente, com a vontade e o coração presos n'outra parte, deixara de pensar n'ella. Mas isto collocava-o em uma attitude de resistencia, em uma situação de defesa, sempre difficil e um pouco ridicula mesmo da parte de um homem.

—Então foi hoje á Córte? perguntou-lhe ella agora, encostando-se á grade da sacada sobre a Praça.

—Sim, minha senhora. Com um sol medonho... por uma estrada medonha! respondeu o Julio, exaggerando comicamente o adjectivo.

—Coitado! disse ella n'uma lamentação ironica. Não se affllija, o fim do seu desterro está por dias...

—Não ha desterros junto de v. ex.ª, atalhou o rapaz na sua amabilidade antiga. E depois, não estou nada fixado sobre o fim d'isto, que chama o meu desterro. Ainda não sei quando irei para Lisboa. Em todo o caso, se vencermos a eleição, volto logo depois das camaras fechadas; e conto passar aqui muitos mezes. Tenho mesmo umas idéas de não renovar o arrendamento da Pedra-

negra, e de me fazer lavrador. Já vê que estou um provinciano completo.

Sem querer, o Julio respondia mais ás suas preoccupações intimas que ás perguntas da D. Amalia. Na obsessão da idéa fixa, fallava alto d'aquelle seu plano incerto, tão indeciso ainda, de ficar alli, de não abandonar a sua Margarida. Talvez a mulher do commendador presentisse isto, talvez a imagem importuna da rapariga passasse de relance no seu espirito; mas não se denunciou. E vendo, ou querendo ver nas palavras do Julio coisas muito diversas, perguntou-lhe n'uma voz toda cheia de intenções:

—Isso... é serio?

—Perfeitamente serio, respondeu elle simplesmente.

Ficaram algum tempo callados, encostados á grade hombro a hombro, as mãos quasi unidas sobre o apoio de ferro, olhando, sem a ver, para a Praça escura e deserta. Do outro lado, nas casarias altas, vagamente destacadas em negro no céo estrellado, não havia uma luz, um signal de vida. Apenas á esquerda, o petroleo brilhante da botica do Moniz projectava sobre a calçada uma faxa clara. E defronte, para além da loja do Fa-

ria já fechada, mesmo á esquina do Terreirinho, via-se um clarão baço na porta envidraçada do bilhar do Cáxinha. De vez em quando soava o choque de uma carambola; um momento, as vozes dos parceiros levantaram-se mais altas, n'uma disputa. Depois o silencio cahiu de novo em volta d'elles. E, n'este silencio, a obscuridade da Praça e da sala rodeava-os, isolando-os n'uma cumplicidade. D. Amalia disse baixo, como na explosão involuntaria da poesia interior:

—Que céo tão bonito!

E, direita agora, olhando para cima, as mãos apoiadas sobre o ferro, os peitos salientes:

—Como as estrellas brilham esta noite! Sobretudo aquella, alli, não vê, sr. Azevedo?

—É Wéga, minha senhora, disse o Julio que, apesar de formado em direito, tinha seus laivos de astronomia popular.

—Se eu amasse alguem que estivesse longe, continuou ella, haviamos de escolher esta estrella, para todas as noites a contemplarmos á mesma hora. Nunca olhou assim para uma estrella?

—Francamente nunca! respondeu o rapaz com um leve sorriso, que se perdeu na obscuridade.

Mas a D. Amalia cortou a conversa n'uma

phrase inesperada, que deixava pairar a suspeita da culpa sobre as suas innocentes relações:

—Vamos para dentro, sr. Azevedo... podem reparar.

Dava meia noite quando o Julio se encontrou na rua, entregue de novo ás agitações do seu espirito, esquecido já da D. Amalia. Veiu lentamente, sem vontade de entrar em casa; e quando chegou á porta ficou-se a olhar para a casita pobre da sua Margarida, d'onde o expulsavam a mana Henriqueta e... o dever. Mas, na claridade frouxa das estrellas, pareceu-lhe ver uma das janellas meia aberta. Teve a intuição de quem alli estava, e, atravessando rapidamente a rua, perguntou baixo:

—É você, Margarida?

Uma fórma indecisa recuou um pouco para a escuridão interior; mas elle, conhecendo-a, perguntou ainda:

—Que é... succedeu alguma coisa?

—Não... nada... eu não podia dormir. Porque não veiu hoje cá em todo o dia? disse ella n'uma queixa muito humilde.

O Julio tomou-lhe a mão, murmurando umas desculpas confusas: ... «gente que o tinha procurado de manhã... aquella massada de ter de ir á Córte».

Lentamente puxava-a para si; e ella, cedendo mais ao impulso interior que á sua pressão, encostou-se ao parapeito, um pouco debruçada. Muito perto agora um do outro, tinham os olhos confundidos, as mãos apertadas e tremulas; e de repente, sem uma palavra de amor que não era precisa, collaram as boccas n'um beijo interminavel. Ao contacto humido dos seus beiços entreabertos, sentindo-a abandonar-se, desfallecida e entregue, o amor do Julio—indagora casto e quasi ideal—completou-se subitamente n'um desejo ardentissimo. Queria-a toda... toda! Queria-a na vibração das mais intimas fibras. Queria-a, sim, n'um desejo ainda cheio de ternura, purificado pela identificação com a paixão interior, n'um desejo, que era como a aspiração infinitamente doce e infinitamente intensa para a união absoluta de dois seres, almas e sentidos; mas que... nem por isso o dominava menos rude, menos imperiosamente...

O parapeito da janella era baixo, o Julio apoiou

as mãos em cima para o galgar de um pulo, e... n'esse instante teve uma singular reminiscencia theatral. Viu-se como o Fausto, á janella da casa *casta e pura,* apertando nos braços a Margarida. Esta lembrança estranha, cortando a violencia da sensação, salvou-o de uma acção má. Ouviu atraz de si o riso do Mephistopheles, e não lhe quiz dar razão. Pegou com as duas mãos na cabeça da rapariga, puxou-a mais para si; e dando-lhe um beijo muito longo na testa, á raiz do cabello —n'aquelle sitio tanto tempo desejado—fugiu para casa.

XII

Durante tres dias, o Julio cumpriu religiosamente a promessa tacita, feita á mana Henriqueta. Durante tres dias não entrou uma só vez na escola; e quando, na primeira noite, ao recolher a casa, viu aberto aquelle postigo, junto do qual experimentara a mais doce commoção da sua vida, teve a coragem extraordinaria de se não approximar. Nas noites seguintes, a janella estava fechada, e tudo quieto e silencioso, como de costume.

N'estes tres dias, o rapaz atravessou todas as phases, que vão da irritabilidade violenta á prostração desconsolada. No comprimento mortal das horas tentou trabalhar. Pegou de novo no seu romance, bastante adeantado nas primeiras se-

manas de estada alli. Releu os capitulos já escriptos, em que elle contava a entrada de um provinciano na vida de Lisboa—um advogadosito pobre do norte, lançado de repente na roda litteraria das redacções, e na baixa cozinha politica. Ao mesmo tempo, um deslumbramento e uma desillusão. Um assumpto bom—tendo apenas o defeito de ser inspirado directamente por algumas paginas das *Illusions perdues* de Balzac —e que elle tratara com uma certa força. Mas quando agora quiz proseguir, o trabalho recusou-se, a phrase não vinha, a tinta não corria, pegada aos bicos da penna. Rasgou nervosamente meia duzia de folhas mal escriptas, e não continuou. O romance vivído desviava-o do romance inventado.

Na tarde do quarto dia, vestido já para a recepção semanal do commendador, parlamentou com a sua consciencia. Não lhe era possivel viver assim. Tinha feito muito mais do que podiam esperar; mesmo a mana Henriqueta não lhe pedira tanto. Não queria passar nem mais uma hora sem ver a sua Margarida, sem lhe ouvir a voz, sem ao menos lhe apertar a mão. E, cheio de emoções diversas, o coração a bater, desceu a

escada e foi direito ao quarto do Paschoal. O escrivão teve uma grande alegria ao vel-o, achando logo o motivo da sua ausencia: «Estava claro, o menino tinha tido muito que fazer, por força, nas vesperas da eleição».

Uma unica coisa preoccupava agora o Paschoal, e era estar alli pregado na cama, não lhe poder dar o voto. Pois todos haviam de dar o voto ao seu menino, menos elle! Não se conformava com isto. Pensava até em pedir ao Pedro carpinteiro e a outro que o levassem á egreja n'uma cadeira, n'uma escada, fosse como fosse. O Julio, sorrindo, consolou-o, explicando-lhe que o seu voto não havia de fazer falta, contando-lhe com muita pachorra o estado prospero da campanha eleitoral. Emquanto fallava com o velho, examinou attentamente a mana Henriqueta, que, tranquilla e triste, cosia na sua cadeira baixa, e o acolhera á entrada com um olhar agradecido, mas muito desconsolado. E só d'alli a pouco, quando a Margarida appareceu, elle penetrou bem o olhar da Henriqueta — o olhar desconsolado de um medico, que tivesse applicado um remedio heroico já fóra de tempo. A Margarida estava muito mudada; lembrou-lhe a singular visão que

elle tivera junto da mesa do monte. Parecia sahir de uma doença, pallida, as olheiras cavadas, os olhos maiores, como dilatados pelo soffrimento.

E na verdade tinha soffrido muito n'aquelles tres dias; tanto mais, quanto não percebia nada do que se passava. Havia tempo já que o seu enlevo alegre e descuidado se desvanecera. Tinha revolvido longamente um problema doloroso na sua cabecinha ignorante, mas intelligente. Sabia que não tinha nada, absolutamente nada a esperar do seu amor. Vivia no presente, procurando afastar do espirito um futuro, que não existia para ella. De um momento para o outro o seu Julio iria para Lisboa, esquecendo-a... talvez? deixando-a em todo o caso alli, só, entregue ás suas recordações, á sua paixão, que, longe como perto, devia durar sempre! Estava preparada para isso. Pertencia á raça das mulheres que acceitam facilmente a dedicação e a dor, como sendo o seu destino natural na vida. Resignava-se a vel-o partir; mas isto que succedia... não podia perceber! Ignorando o que diziam d'elles na villa, ignorando a intervenção da irmã, não podia penetrar o mysterio do seu subito abandono. Pois elle estava alli, defronte, e não a queria ver... porquê?

Porque não gostava d'ella... então que significavam a sua voz e o seu olhar dos tempos felizes?... Que significava aquelle beijo, que ella sentia ainda nos beiços, de dia e de noite?... E o outro beijo, talvez melhor e mais doce, que lhe dera longamente na testa, ao despedir-se?... Não percebia... e a sua dor avivava-se na picada irritante d'esta duvida... porquê?... Porquê?... Que lhe fiz eu?...

Ao vel-o de novo, alli, junto da cama do pae, Margarida ficou indecisa, timida, mais pallida ainda. Todos—excepto o pobre velho—sentiam como um peso—a angustia das situações difficeis. E era singular, ver como aquelles tres entes, que se adoravam, permaneciam assim, mudos, constrangidos, afastados por uma desconfiança. De todos, o Julio era talvez o que estava menos á vontade; accusava-se do soffrimento tão visivel da rapariga; via bem que a doce e tranquilla intimidade tinha fugido para não voltar; parecia-lhe agora aquella entrevista, antes tão desejada, mil vezes mais penosa que a ausencia. E, passado pouco tempo, não podendo dominar-se, arrancou-se d'alli com uma desculpa qualquer, que o velho acceitou logo:

—Vá, vá, pois está claro, o menino deve ter muito que fazer!

Instinctivamente, a Margarida veiu acompanhal-o alguns passos pelo corredor. Não trocaram uma palavra; mas, junto da porta, elle passou-lhe o braço á roda da cintura, teve-a um instante encostada ao peito, sentindo-a chorar devagarinho. Baixou a cabeça para lhe dar um beijo; e, sem lhe procurar a bocca, bebeu-lhe nos olhos o sabor amargo das lagrimas.

O escriptorio do commendador estava completamente cheio. Faltavam apenas dez dias para a eleição, e n'aquella noite havia reunião magna de influentes, apuramento de resultados, uma especie de revista das tropas alliadas. Logo da porta, atravez do fumo denso dos cigarros, o Azevedo reconheceu nos grupos o velho Galrão, o Loureiro, o João Gualberto, o Francisco Dias, o Moniz, que lhe veiu immediatamente fallar, um pouco embaraçado depois d'aquella scena do adro. Estava alli tambem o Mena, convidado pelo commendador em seguida a um artigo laudatorio no *Clarão*. Á mesa, o Castro, positivo e metho-

dico, não fallava a ninguem, classificando uns papeis que ia numerando a lapis. E, n'um angulo, o padre José e o prior conversavam com o padre Soares, chegadinho n'aquelle instante da Córte, ainda de esporas, todo empoeirado do caminho. Tinham vindo mais emissarios: o feitor do visconde, com uma carta do amo, em que se desculpava de não comparecer pessoalmente por estar de cama; e o irmão do João Maximo, valentão de aldeia, na sua barba loira inculta. Entre os grupos, o Lopes circulava, radiante, n'uma aureola de gloria—a eleição estava segura, segurissima, archisegura!

E todos, muito alto, faziam as contas.

Ganhavam nas duas assembléas da villa. Não seria por muitos votos, porque o Faria e o administrador tinham feito nos ultimos dias um trabalho dos diabos, usando e abusando de todas as tricas, de todas as prepotencias—uma pouca vergonha. Mas ganhavam com certeza; o Chico barbeiro e o Norberto cortavam a cabeça se se perdesse em qualquer das duas assembléas.

Em S. Miguel ficavam em minoria. Não lhe podiam valer, era o centro da influencia dos Carvalhos.

A votação da Córte compensava, porém, esta differença e muito mais. Alli, o padre Soares e o Galrão tinham tudo a postos; e da aldeia de S. Marcos — que vinha votar á Córte — o visconde trazia a sua gente arregimentada, sem lhe faltar um só homem.

Restava S. Gens, muito importante, onde o Lopes dispunha de grande influencia pessoal, e, alliado agora com o João Maximo, devia obter uma votação quasi unanime.

Tudo isto sommado, apurado, feitos todos os córtes, todos os descontos, deixando margem para todas as eventualidades, dava quatrocentos a quinhentos votos de maioria, perfeitamente seguros. Não havia que sahir d'esta conta. Apenas o Castro, depois de classificados e numerados os papeis, levantou um grito de prudencia:

— Em todo o caso, meus senhores, é necessario que ninguem se descuide. Olhem que elles ainda trabalham como uns damnados... e lá teem as suas esperanças. Eu não sei o que ha... mas ha coisa!

Os outros riam: «O Castro era o demonio, a eleição estava ganha, ganhissima!» E, na certeza do resultado, felicitavam o Azevedo, cheios de

deferencia, considerando-o já o representante do circulo. O Lopes especialmente contemplava-o com orgulho, com um amor de litterato pela sua obra—era o *seu* deputado, feito contra o Faria e os Carvalhos, contra o administrador, o governador civil e o ministro do reino: «Apre! haviam de ver se se brincava com elle!» Mas todos o queriam um pouco para si—todos o tinham feito. Em roda do candidato havia como um murmurio continuo de adulações, emquanto o commendador, pomposo e grave na sua jubilação intima, lhe prognosticava... «situações eminentes, a que elle tinha incontestavelmente direito pelos seus dotes, pela sua respeitabilidade de grande proprietario».

Pouco a pouco, o Julio animou-se, no ruido das conversas, na excitação d'aquella atmosphera de batalha e de victoria. A eleição, de que se desinteressara quasi nos ultimos dias, embebido em outro e mais fundo sentimento, occupava-o agora todo—a sua ambição voltava. Parecia-lhe de novo invejavel aquelle logar de deputado, que o podia levar a tudo. No triumpho do momento, na visão de triumphos futuros e maiores, esqueceu completamente as lagrimas da Margarida. Sentia uma impressão de vaidade satisfeita ao

ver-se rodeado, cheio de importancia, a primeira pessoa, em volta de quem tudo gravitava, de quem todos dependiam. Porque alguns, sem perderem tempo, tomaram-n'o logo alli de parte, fallando-lhe nas suas pretensões: «... querendo elle era uma coisa feita... os deputados da opposição gozavam de mais influencia que os da maioria... todos sabiam isso». O proprio Mena, que ainda na vespera, irritado pelos seus ares arrogantes no adro, lhe chamara na ausencia «uma besta», enfiou-lhe o braço, familiar e subserviente, dizendo-lhe ao ouvido:

— Olhe lá, Azevedo, não me deixe ficar enterrado n'esta pelintrice d'esta terra. Em sendo tempo, eu me farei lembrar.

E mesmo o Galrão e o padre Soares, entalando-o a um canto, chegaram a submetter-lhe o plano de um discurso, uma interpellação ao governo: «A directriz da estrada de primeira classe, que devia passar á parte de cima da Córte, e agora desviavam para os lados de S. Miguel, contra toda a justiça, contra os interesses mais evidentes e mais sagrados d'aquelles póvos...»

N'esta confusão de calculos, de ápartes, de recommendações, o tempo correu rapidamente. Da-

vam já dez horas, e alguns começavam a sahir. No momento das despedidas, o escriptorio tomava uma apparencia pittoresca e bellica, ares de quartel-general. Os que partiam para longe, e se não tornavam a ver até á hora da batalha, recebiam as ultimas instrucções, os ultimos apertos de mão. Tinham a gravidade decidida de officiaes, que vão occupar os seus postos de combate. O padre Soares ficava n'aquella noite em casa do padre José, mas sahia logo de madrugada para a Córte. O feitor do visconde ia já para S. Marcos, tinha a egua apparelhada á porta. E o irmão do João Maximo tambem seguia d'alli para S. Gens — só o tempo de ir buscar o cavallo á estalagem.

—Vê lá se te sahem ao caminho, disse-lhe o João Gualberto rindo.

—Isso sim!... Ainda lhes não nasceram os dentes com que me hão de morder! respondeu o valentão, cheio de despreso.

Os que habitavam na villa, desciam tambem a escada aos grupos, conversando, sem mesmo se lembrarem de entrar na sala. Mas o Julio não podia esquivar-se polidamente a ir cumprimentar as senhoras.

Encontrou-as muito abandonadas, sós com o

Moniz e o amanuense da camara, jogando em volta da mesa um loto desanimado. No seu golpe de vista prompto, a D. Amalia viu-o entrar; chamou-o com um sorriso, fazendo-lhe um logarsinho muito apertado entre ella e a prima Joanna. O jogo continuou. A Luizinha, a sobrinha mais velha da D. Carolina, tirava os numeros, sentada junto do Moniz, com os olhos sonsos mas brilhantes. E defronte, o amanuense da camara, mais pallido do que o costume, passava melancholicamente os dedos no bigode preto. No silencio somnolento, a voz fina da Luizinha deixava cahir os numeros:

—Vinte e seis.... quarenta e oito.... quinze....

D. Amalia, desinteressando-se do loto, começou a fallar baixo com o visinho:

—Já sei que tudo corre ás mil maravilhas, não imagina o prazer que sinto com isso. Olhe, que me ha de mandar dizer quando falla na camara... vou de proposito a Lisboa para o ouvir.

O côro de adulações do escriptorio continuava alli; mas mais intimo e mais quente. A voz reprimida da D. Amalia dava a estas palavras simples a significação de uma caricia lenta. E, requebrando-se, envolvia-o de lado no olhar verde,

filtrado pelas pestanas unidas. O rapaz ouvia-a confusamente, atordoado do ruido e do fumo do escriptorio, ficando-lhe na cabeça fragmentos das conversas politicas. Não lhe voltara ainda a visão nitida da Margarida em lagrimas; mas sentia-se outra vez preso de uma sensação dolorosa — uma d'estas dores surdas que nos atormentam, mesmo sem d'isso termos consciencia. Abandonado, inerte, os nervos lassos depois d'aquellas horas de excitação, não reparava bem no que se passava em volta. Mas n'um movimento involuntario — muito apertado entre as duas senhoras — encostou de leve o joelho ao da D. Amalia; e, com uma surpreza que o despertou, sentiu-a responder demorada, energicamente, á sua pressão casual.

— Quinei! disse do outro lado da mesa a D. Carolina.

Todos fixaram os olhos no cartão. Verificavam-se os numeros; não se sabia bem se o oitenta e sete já tinha sahido. E, n'este instante de attenção que lhes creou um isolamento, D. Amalia disse-lhe ao ouvido:

— Venha commigo.

Levantou-se, vagarosa e serena, dirigindo-se

para a porta de vidros, aberta sobre o terraço. Ao passar, disse na sua voz pausada:

—Luizinha, eu não jógo agora. Acho isto aqui abafadissimo!

Da porta do terraço chamou o Julio, que hesitava:

—Está uma noite estrellada, lindissima! Venha ver, sr. Azevedo.

Quando o rapaz sahiu para a escuridão exterior, atravessada em diagonal pela faxa de luz da porta, ella tomou-lhe as duas mãos com força, os braços hirtos n'um espreguiçamento, dizendo-lhe baixo, de muito perto:

—Era então certo que me amava... eu tinha-o adivinhado ha tanto tempo!

Attonito, perturbado momentaneamente n'uma surpreza dos sentidos, o Julio murmurou algumas palavras incoherentes. E ficaram alli, quasi defronte da porta, no risco de serem surprehendidos, as mãos enlaçadas. Elle via-a vagamente, alta e forte n'um vestido claro; ouvia-lhe a respiração curta, passando entre os dentes cerrados. N'um movimento poetico, ella levantou os olhos para o céo, dizendo:

—Vê a nossa estrella?

—É verdade, a nossa estrella! repetiu o Julio tolamente.

Mas a D. Amalia recobrou com presteza o sangue frio; e, na sua voz habitual, imperativa e decidida:

—Precisamos ter muita prudencia... Devemos voltar para dentro... ámanhã lhe direi como nos podemos ver a sós.

Quando entraram, o commendador, que tinha chegado n'aquelle instante do escriptorio com o João Gualberto e o Castro, veiu ao seu encontro. Radiante ainda, envolvendo-os a ambos no mesmo olhar de protecção admirativa e terna, disse para a mulher:

—Ah! estavas ahi fóra com o nosso deputado!

—Estivemos alli um bocadito a tomar ar, respondeu ella tranquillamente.

XIII

Pelas tres horas da tarde, o moço de recados do Lopes trouxe ao Azevedo um escriptinho da sr.ª D. Ámalia—um escripto muito simples, que todos podiam ler. Dizia-lhe apenas que tinha ajustado com a D. Carolina irem dar um passeio de tarde; mas á noite estaria em casa só, e esperava lhe fosse fazer companhia. Sublinhava a palavra «só», sem a explicar. Simples como era, este escripto veiu avivar todos os remorsos do Julio.

Porque elle agora sentia remorsos de se ter deixado involver, um instante que fosse, n'aquella estupida aventura; remorsos mesmo das horas em que se esquecera da Margarida, occupado da eleição, no ruido de lisonjas banaes e interessei-

ras. N'uma reacção inevitavel, recahia mais profundamente na contemplação exclusiva e doce do seu amor; e ao mesmo tempo na angustia irritante das suas duvidas. Mais do que nunca, estava decidido a pôr um termo áquella situação, a callar por uma vez todas as calumnias; sómente... não sabia bem como. E esta ridicula aventura com a D. Amalia vinha complicar tudo! Um momento pensou, que não podia recuar—a honra masculina não o permittia. Lembrou-se mesmo com um sorriso d'aquelle sabio José, que ainda se não levantou na opinião publica, e sobretudo na opinião feminina, da prudencia com que se houve em uma occasião semelhante. Mas logo em seguida esta idéa repugnou-lhe. No egoismo a dois do seu amor chegou a ser injusto com a pobre D. Amalia. Desconhecia o que podia haver de verdadeiro, n'aquillo que duramente chamava «um capricho de velha». Se fosse preciso acabava tudo n'uma explicação clara... Extremamente difficil e desagradavel a tal explicação... mas, que remedio?

E pouco a pouco esqueceu-se do singular acontecimento da vespera; a sua imaginação fugiu-lhe para outro lado. Voltou-lhe aquella visão con-

stante de dois olhos negros, magoados e cheios de lagrimas por causa d'elle. N'uma esperança vaga, n'um impulso irreflectido, foi á janella para ao menos ver a escola por fóra. Os postigos verdes estavam cerrados; o quintalinho, deserto, inundado de sol. A humildade d'aquella casita pobre prendeu-o. Porque no seu amor complexo, feito da antiga amisade de creança, de funda ternura, de desejos ardentes, entrava inconscientemente outro elemento, subtil e mal definido.. Sabia que não tinha satisfações a dar ao seu velho Paschoal, nem á Henriqueta, nem á Margarida, pois... por isso mesmo! Elle, que se revoltaria contra uma exigencia, rendia-se á submissão absoluta. Sem habilidade, na simpleza innocente da sua indole e da sua paixão, a Margarida usara da maior arma de uma mulher, deante de certos homens—a dependencia. Tinha, perante a força, o encanto doce da fraqueza. Appellava para o sentimento tão viril da protecção. E todos em volta d'ella, na sua indifferença ou na sua hostilidade, se haviam feito involuntariamente seus cumplices. A pouca importancia dada ás suas relações suppostas com a Margarida, a naturalidade com que admittiam que elle tivesse sedu-

zido uma pobre rapariga sem defesa, indignavam o Julio. Tomava o partido d'ella contra todos, e... contra si.

N'este estado violento, passeando no quarto, accendendo cigarros que deixava apagar em seguida, passou a manhã toda. Jantou só, em silencio, servido pela Barbara, que o rodeava outra vez de attenções significativas, desde que elle deixara de andar «mettido com a lesma da visinha». Quando acabou, veiu encostar-se á velha grade de ferro forjado, com um novo cigarro entre os dentes.

E alli, apoiado á grade, olhando para o valle, recordou-se d'aquella esplendida manhã dos principios de maio, em que se encostara n'aquelle mesmo logar, e vira pela primeira vez a Margarida despregando a roupa no quintal em bicos de pés. Dois mezes apenas... nem tanto... e como tudo estava mudado fóra d'elle e dentro d'elle! Lembrava-se bem do valle ainda fresco; os olivaes em flor; o trigo espigando, n'um verde claro, lavado de branco; a folhagem nova das faias, fina e tremula na aragem ligeira. Dois mezes apenas!..... E agora o verão tinha passado sobre aquelles campos como um incendio. Na varzea

ceifada, amarella e feia, os restolhos deixavam ver por baixo a terra ardida, reduzida a pó, toda gretada do calor. Os olivaes sem brilho pareciam cobertos de cinzas. As faias mesmo envelheciam, picadas já de folhas mortas. Todo o campo, arido, sequioso, prostrado sob o sol chammejante, se estendia sem viço e sem vida até ás ultimas serras, roxas agora na luz da tarde. E por cima, no azul do céo, duvidoso e quente, encastellavam-se umas nuvens brancas, compactas, duras, como feitas de algodão em rama, que annunciavam trovoadas distantes. Dois mezes apenas!... Lembrava-se bem da sua emoção ligeira e fresca, ao reconhecer na rapariga delgada e graciosa, a Margaridinha dos tempos passados, a antiga companheira de infancia. E agora esta emoção convertera-se em um amor profundo, aquecido nas duvidas, amadurecido na lucta interior, regado já de lagrimas.....

Envolvido nos seus pensamentos, o rapaz olhava distrahidamente em volta, e viu com surpreza abrir-se a porta da escola. As duas irmãs sahiam, caso raro, em traje de passeio, nos seus chales escuros, os lencinhos na cabeça. N'um movimento involuntario, como se se sentisse culpado,

recuou um passo, e ficou escondido, observando-as. A Margarida levantou para a sacada os olhos, que lhe pareceram muito tristes, e desceu a rua devagarinho, esperando pela irmã. Viraram ambas no fim da rua a uma travessinha, que dava em baixo para os farrejaes de fóra da villa. O Julio hesitou um instante, e decidiu seguil-as; queria fallar á rapariga, mesmo deante da Henriqueta, dizer-lhe..... não sabia o quê, qualquer coisa, comtanto que o sangue voltasse ás suas faces pallidas, a alegria aos seus olhos negros!

Mas quando ia a retirar-se da janella para sahir, reparou no João Lopes, que vinha do outro lado, rua a baixo, n'um passo rapido, nada habitual. Mandou internamente aquelle massador para o inferno; e, com o fim de lhe abreviar a visita, veiu esperal-o ao alto da escada. O commendador entrou esbaforido, excitado, muito fóra da sua costumada pompa e gravidade. Sem poder fallar na falta de respiração, deixou-se cahir sobre a primeira cadeira que encontrou, tão alterado, n'um ar de caso tão estranho, que o Julio—tocado de uma inquietação—lhe perguntou quasi sem querer:

—Ha alguma coisa de novo?... alguma coisa que lhe dê cuidado?

—Se ha alguma coisa de novo? respondeu o Lopes n'uma ironia concentrada e feroz. Ha uma traição e uma infamia!

Ficou um instante callado, e, achando um termo mais forte, repetiu:

—Ha uma pouca vergonha, é o que ha!

A consciencia mal segura do Julio disse-lhe que o marido da D. Amalia sabia tudo. Não podia perceber como, mas evidentemente sabia tudo. Viu n'um relance todas as complicações desagradaveis da sua situação. Serenou-se, porém, n'um esforço de vontade; e, tendo umas reminiscencias romanticas, murmurou as palavras sacramentaes:

—Eu.... eu estou ás suas ordens, sr. João Lopes.

—Bem sei meu querido amigo... bem sei, mas não ha de ser preciso. A coisa é commigo, e só commigo.

—Então, por Deus, explique-me o que é!? exclamou o rapaz, na manifestação involuntaria e muito compromettedora da sua surpreza.

—O que é? É o João Maximo que se passou.

Que patife! Fazem-lhe a ponte que elle queria no rio Crez, e dá-lhes os votos todos. Mas que pouca vergonha de governo!... Já ahi está o engenheiro para ir lá pôr as bandeirolas, chegou esta manhã. O Castro bem dizia que havia coisa. Que grande patifaria!... Manda-nos hontem cá o irmão para nos deitar poeira ós olhos... e já tinha tudo combinado...

O commendador passeava na sala, agitado, fallando alto:

—Que isto não nos faz differença nenhuma. Temos a eleição aqui... fechada na mão. Ainda que elle lhes desse os votos todos de S. Gens, nós tinhamos a eleição. Mas não dá... que eu para lá vou... Quero ver aquelle patife cara a cara!

Na distensão dos nervos, o Julio sentia-se agora penetrado de sympathia pelo commendador, cheio de remorsos, agradecido aos seus serviços, ao calor que elle tomava na sua causa; e n'um offerecimento muito espontaneo:

—Vamos ambos.

—Não, Azevedo, não! Francamente não me ajudava. Vou com o Castro, e ficamos lá esta noite no meu monte da Ferraria. Venho de ma-

nhã, mas volto outra vez de tarde se for preciso. O senhor João Maximo ha de saber com quem se metteu! Que patife!... Nem você Azevedo pode calcular toda a patifaria que ha n'isto.

Mas o Julio lembrou-se dos famosos novecentos mil réis, a que o commendador delicadamente não alludia.

—Ahi vem o Castro, disse este, sentindo rodar uma carruagem.

Desceram a escada juntos. Em baixo, o Castro deitou a cabeça fóra da portinhola, dizendo ao Julio:

—Então... que me diz a uma d'estas?

O commendador perguntava ao cocheiro, o Jeronymo, se vinha o alforge, e o embrulho das mantas, e a condeça, e a maleta. Tudo prompto, ao despedir-se, apertando a mão ao Azevedo:

—É verdade, a sr.ª D. Amalia disse-me que lhe tinha escripto, e que lá o esperava á noite sem falta. Até amanhã.

De dentro da carruagem, o commendador gritou ao cocheiro:

—Ó Jeronymo prá Ferraria, e toca!

O rapaz ficou um instante parado na porta,

vendo a carruagem descer a rua ao trote largo dos machos castanhos. Pensava no João Lopes, que ia passar a noite em um monte, tratando da *sua* eleição... e na D. Amalia, que o esperava em casa, só.

XIV

O Julio tinha perdido um tempo precioso a conversar com o João Lopes — as duas irmãs deviam ir já longe, mesmo n'aquelle passinho demorado da Henriqueta.

Quando desembocou da travessa para o campo, ficou um momento em duvida, sem saber a direcção que devia tomar. Mas lembrou-se, que ellas, em pequenas, iam bastantes vezes á horta da D. Margarida — a horta chamada dos Frades, onde estava a Prazeres, e que era agora sua. Podiam muito bem ter ido para lá — ficava perto, do outro lado do ribeiro. Elle nunca mais alli fôra desde os tempos de rapaz de escola; mas conhecia o càminho a palmos. Tomou á direita, na estrèma de um farrejal, um carreirito estreito, entre

chupameis já seccos e cardos em flor. Na encosta descoberta, voltada ao poente, o sol da tarde ainda cahia pesado, n'um calor abafadiço de trovoada. Em cima, na matriz, ouviu dar seis horas.

Depois de atravessar o ribeiro sobre a velha ponte de um só arco, achou-se em uma das estradas, que desciam da villa. Orientou-se. Virando á esquerda, a horta dos Frades devia ficar logo alli em baixo, a terceira ou a quarta. A estrada, uma simples carreteira fundamente cortada das rodas, acompanhava a margem do ribeiro, apertada de um lado pelos vallados de pitas das hortas, do outro pelas balsas de silvados, que trepavam aos troncos das faias. O Julio seguiu-a devagar, procurando encontrar na poeira a marca dos pés das raparigas. Esta pesquiza interessava-o; dava-lhe a sensação do caçador que segue uma pista.

E, pouco a pouco, o sentimento angustioso de duvida que o opprimia, desvaneceu-se; voltavam-lhe todas as alegrias de rapaz, toda a elasticidade de espirito dos dias passados. Esqueceu-se da D. Amalia, do commendador e da eleição, sentindo-se de novo creança. Não tinha to-

mado uma resolução; não sabia o que ia dizer á sua Margarida—sabia só que ia em busca d'ella. Isto bastava-lhe. O simples facto de ter sahido do seu quarto, onde se agitava ao acaso como um urso na jaula, dava-lhe a excitação do sangue em movimento. Depois, a estradinha assombrada, que ia conhecendo pedra a pedra, arvore a arvore, recordava-lhe a sua vida de estudantinho de latim, as longas excursões aos passaros com o Paschoal, o innocentissimo namoro á Prazeres. Sorria, pensando n'aquella infantil paixão; e mergulhava-se mais na sua nova paixão, tão differente, tão séria e tão funda! De vez em quando, julgava distinguir no pó da estrada a marca estreita do pé da Margarida. Devia ser!... ia alli adeante... dentro em pouco alcançava-a... via-a... fallava-lhe!... E isto enchia-o de um contentamento intenso e louco. Parecia-lhe que toda a natureza em volta celebrava o seu amor, que as arvores e as hervas estavam contentes como elle. Ao lado, o ribeiro cantava alegremente nas pedras. Por cima, as folhas das faias tremiam, n'um susurro leve e festivo.

Em ùma volta, viu lá ao fim o portão velho da horta dos Frades. Conheceu-o logo. E,

quando o empurrou e entrou, ficou surprehendido ao encontrar tudo sem uma alteração: as faias e o cannavial ao fundo; as taboadas do romeiral, com a meia duzia de laranjeiras grandes por detraz; mesmo, debaixo da figueira, um porquinho loiro, absolutamente egual ao antigo.

Não se tinha enganado; deante da porta da casa, as duas irmãs estavam sentadas com a Prazeres. Esta viu-o entrar, e levantou-se, dizendo n'uma surpreza alegre:

—Olha, o sr. Azevedo!

O Julio caminhou para ellas, sorrindo, perguntando:

—Então, que passeios são estes?

E a Margarida, córada ao vel-o, muito pallida em seguida, foi a primeira a responder:

—Ora... uma lembrança da Henriqueta. Diz que haviamos de sahir esta tarde, porque eu andava assim... amarella, sem vontade de comer.

A Prazeres foi-lhe buscar uma cadeira; e o Julio sentou-se junto d'ellas conversando, olhando longamente para a rapariga. Achou-a abatida ainda, um pouco animada agora de o ver, de perceber que elle tinha vindo em sua procura. Revivia na sua presença, como alli em baixo,

nos canteiros da horta, as plantas murchas iam revivendo na agua corrente da rega. Um momento fitou-o tambem, avidamente, para se certificar de que o tinha outra vez junto de si. Os seus olhos encontraram-se, e elles sentiram como uma impressão physica da ternura interior, os beiços tremulos, as palpebras pesadas. Mas o Julio queria-lhe fallar; e, reparando n'umas roseiras de todo o anno, que estavam mais longe, junto do tanque, disse-lhe brincando:

—Margarida, eu quero a minha rosa do costume... que me não dá, já nem eu sei ha quantos dias?

Levantaram-se juntos, dirigindo-se para o tanque, e, afastados já da Henriqueta e da Prazeres, elle perguntou-lhe:

—Porque estás triste?

Pela primeira vez, instinctivamente, sem saber porquê, tratava-a por tu. A rapariga não respondeu, procurando a rosa com as mãos a tremer. Elle continuou docemente:

—Não quero que estejas triste... Sabes... já me não vou embora. Fico... por tua causa... porque não posso viver sem ti. E tu gostas um bocadinho de mim?

—Para que me pergunta isso... sabe-o tão bem como eu, respondeu ella muito baixo.

O rapaz callou-se... sem saber... sem se atrever talvez a dizer o que queria. Tinha-a deante de si, com a cabeça curvada, os olhos no chão, torcendo nervosamente nos dedos o pé da rosa. Via-lhe de cima a risca estreitinha nos cabellos escuros, e a passagem para a testa, onde lhe dera aquelle longo, longo beijo... um só. No silencio em volta, ouvia-se distinctamente o ruido de uma nora distante, o chocalhinho da mula, a agua dos alcatruzes cahindo em jorros sobre o taboleiro. Lentamente, elle insistiu, ainda n'uma hesitação:

—Não, não quero que estejas triste. Quero-te alegre, feliz... feliz commigo... feliz por mim...

Margarida levantou os olhos, bebendo uma a uma as suas palavras. Na ultima tentativa de resistencia ainda murmurou:

—Bem sabe, que isso não pode ser...

—Não pode ser, porquê? atalhou elle. Pois não vês que eu fico para sempre... que te hei de ver todos os dias. Não queres que esteja sempre comtigo... como antes... mais do que antes? Dize, não queres?

— Quero tudo quanto quizer, respondeu ella, muito submissa.

Interromperam-se, porque a Henriqueta se approximava. Não para os separar — coitada, toda a sua energia se esgotara n'aquella primeira e infeliz tentativa de intervenção. Vinha unicamente lembrar á Margarida, que eram horas de voltar para casa.

— É por causa da ceia do pae, explicou ella ao Julio.

— Eu vou com vocês, disse este.

E, despedindo-se da Prazeres, sahiram. Subiram a estrada vagarosamente para não cançar a Henriqueta. Estava mais fresco já. O sol tocava nas collinas fronteiras; e as sombras das faias, alongando-se, cortavam a estrada, perdiam-se para além dos vallados sobre os canteiros regados das hortas. A aragem tinha cahido; nem uma folha bulia. No ar, humido de repente n'aquelle fundo de valle, espalhava-se o perfume da hortelã brava, viçosa e densa nas margens do ribeiro. Elles subiam callados. O Julio sentia-se menos alegre. Trazia junto de si a sua Margarida, reanimada só de o ver, esquecida já do que soffrera nos dias passados, enleiada de novo na

sua paixão, que a não deixava resistir, nem pensar. E... apesar d'isso, sentia-se menos alegre, invadido outra vez por um mal estar... como por um remorso. Pesava-lhe não lhe ter dito... uma coisa.

Mas, subitamente, em uma das voltas da estrada, antes de chegarem á ponte, viram a distancia um grande grupo que descia. Vinha a D. Amalia, a D. Carolina e as sobrinhas, a D.Placida, o Moniz, o sobrinho do Galrão—uma ranchada. A retirada era impossivel, seria uma derrota vergonhosa—do grupo tambem os tinham visto. Nem havia meio de o evitar; a estrada apertava-se entre as pitas e os silvados, sem uma sahida. Deviam passar hombro a hombro, com os vestidos a roçarem quasi. Machinalmente, sem raciocinar este movimento, o Julio deu o braço á Margarida. E a Henriqueta cozeu-se tambem muito com elle, toda tremula. Seguiram assim; estavam já muito perto. No grupo ninguem fallava tambem; e n'este silencio de observação sentia-se uma crise, uma catastrophe que se approximava. Vagamente, o sobrinho do Galrão teve medo, e foi-se deixando ficar para traz. Mas a D. Placida, que logo de manhã tinha recebido

umas confidencias talvez exaggeradas, collocou-se resolutamente ao lado da D. Amalia.

Quando iam quasi a cruzar-se, o Julio tirou o chapéo, cumprimentando respeitosamente as senhoras. Então, a mulher do commendador não poude conter-se; direita, as ventas abertas, os olhos verdes duros, disse n'uma tranquillidade affectada:

—Ah! o sr. Azevedo por aqui! Sentimos muito incommodal-o... a culpa não é nossa. Em..... certas companhias é melhor andar de noite, ou por sitios escusos.

O Julio tinha variadissimos defeitos; mas não era cobarde. Ao ouvir aquella injuria clara, lançada assim ás faces da sua Margarida, tomou instantaneamente a resolução, deante da qual hesitava havia dias. Encaixou o monoculo na orbita; e, curvado, muito amavel, com o chapéo ainda na mão, disse para o grupo:

—Minhas senhoras, eu peço-lhes licença para lhes apresentar a minha noiva, que justamente acaba de me dar a honra de consentir no nosso casamento.

N'esse instante elle sentiu os dois braços da rapariga, que se enlaçavam no seu para o resto

da vida. Do outro lado, sem ninguem reparar, a corcunda pegou-lhe na mão, e beijou-lha.

O effeito d'esta scena foi deploravel. N'aquella mesma tarde, e sobretudo no dia seguinte, ninguem se occupava de outra coisa na villa.

Logo de manhãsinha, a Barbara, que amassava, o lenço vermelho atado nos cabellos pretos e os bellos braços nus, declarou peremptoriamente á comadre Rita, quando esta veiu buscar o pão, que não ficava nem mais uma hora na casa:

—Era o que me faltava... era servir uma lesma que não é mais do que eu!

E entre os amigos politicos do Azevedo havia tambem uma grande emoção. Quando o Francisco Dias, com os seus collarinhos altos e bem lavados, o estomago conchegado na cinta larga, veiu um boccado ás noticias antes de sahir para o monte, encontrou a loja do Loureiro já muito animada. Sentado na cadeira do costume, á parte de fóra do balcão, o velho Peres escutava com um sorriso; e os commentarios cruzavam-se em volta d'elle, desfavoraveis mas confusos. Todos

tinham admittido que o Azevedo quizesse «arranjar os seus negocios com a rapariga»; mas *aquillo* desnorteava-os. Não percebendo, condemnavam—ouvia-se esta phrase repetida: «É uma loucura, uma perfeita loucura»! E consultavam o Galrão, que, tocado pela esposa, tinha vindo sondar a opinião publica. O Galrão, porém, respondia evasivamente, sem se querer comprometter, não conhecendo ainda o modo de pensar do Lopes:

—De certo... de certo! Eu sempre julguei que o Azevedo tinha outras idéas... Sim, outras intenções... Mas casar-se, senhores!... casar-se!

Pela volta do meio dia, o Castro cahiu alli como uma bomba. Chegava n'aquelle instante da Ferraria, e acabava de receber a noticia. Estava fumando:

—Então, que me dizem a isto? Que disparate! Uma d'estas nas vesperas de uma eleição! Isto dá cabo de um homem... é uma vergonha!

A palavra soou mal ao Francisco Dias, que protestou timidamente:

—Lá uma vergonha, tambem não sei porquê? ninguem tem nada que dizer á rapariga...

—Muito bonita é ella apesar de trigueirinha!!

apoiou o João Gualberto, já meio voltado na sua benevolencia habitual.

—*Nigra sum, sed formosa,* explicou do seu canto o velho Peres, que se conservava muito superior áquellas coisas.

Mas o Castro saltou-lhes, irritado sobretudo com o João Gualberto:

—Que diabo de asneira! Que importa lá se é bonita ou feia? É uma costureirinha ordinaria, sem um vintem, sem situação, sem nome, sem familia, sem coisa nenhuma! Olha que o Azevedo fica n'uma boa posição! Arranjámos um fresco deputado... não tenha duvida!

Justamente o Moniz entrava, de braço dado com o Mena; e a sua chegada creou uma diversão. Todos quizeram ouvir o Moniz, que tinha presenceado «a coisa». E, no silencio da roda, elle contou a coisa pelos miudos, principiando pelo principio, como os tinham visto de longe, como se encontraram cara a cara, como a D. Amalia disse palavras muito serias...

—Ella lá teria as suas razões para estar escamada, observou maliciosamente o Mena.

Mas a insinuação cahiu; e o Moniz poude completar a sua narrativa, demoradamente, fazendo

estylo, referindo mesmo o que disseram depois as senhoras, que «ficaram vexadas».

—O que se podia ver, disse elle ao terminar, era o ar satisfeito e insolente do Azevedo. O rapaz está doido!...

—Qual doido! interrompeu o Mena. O que elle é, o tal cavalheiro das donzellas, é um papalvo de marca, a quem a pequena metteu gato por lebre...

Isto fez sahir do seu serio o Francisco Dias, que havia pedaço já que estava embuxado, e de mais a mais embirrava com o Mena:

—Olhem! Sabem que mais, cá quanto a mim o Azevedo andou como um homem de bem... e aqui o sior Mena ha de andar toda a sua vida como um pulha. E com esta vou-me até ao monte, que tenho lá as parelhas a debulhar favas.

O Mena esperou que elle se afastasse, e, quando o apanhou já longe, desafogou energicamente:

—Arre, grandecissimo bruto!

Os outros socegaram-n'o: ... «O Dias era assim, muito arrebatado!... muito arrebatado! sobretudo se lhe tocavam lá em pessoa de quem fosse amigo... Era melhor não fazer caso». E callaram-se respeitosamente, vendo chegar o com-

mendador. Vinha magoado, mas digno. Recebeu os apertos de mão como se estivesse de nojo.

— É uma occorrencia desagradavel, não tem duvida nenhuma! disse elle para a roda. Mas francamente a culpa é toda nossa, em nos mettermos com estes escriptoresinhos modernos, que não teem a noção clara das coisas, que desconhecem as distincções sociaes sobre que, em ultima analyse, assentam todos os principios de ordem. E o peor é, que isto altera os nossos planos politicos. A sr.ª D. Amalia já me disse esta manhã, e eu concordo plenamente com ella, que nós em vista d'este escandalo não o podemos apoiar.

XV

Tres dias depois, o ministro do reino recebia do governador civil do districto o seguinte telegramma:

«Dissidencias entre chefes opposição. Commen-«dador Lopes abandona urna. Eleição segura para «governo.»

A CAÇADA DO MALHADEIRO

A CAÇADA DO MALHADEIRO

Tinhamos ido — o mestre Domingos ferreiro, o malhadeiro do Val-fundo e eu — em busca de um porco, que o malhadeiro atalayára na vespera. Tencionavamos fazer apenas uma mancha pequena, proximo da qual o porco fôra visto, e voltar á tarde ao monte das Pedras-alvas, onde ficára o nosso rancho.

O malhadeiro foi com os cães bater, emquanto o mestre Domingos e eu esperavamos nas portas. O porco não estava na mancha. Batemos segunda, onde tambem não estava; mas ahi os cães pegaram com força no rasto, e em baixo no valle achámos-lhe as sahidas frescas. Sempre na esperança de o encontrar, batemos terceira e quarta

mancha, e fomos de cerro em cerro, e de valle em valle, até que, quando nos decidimos a voltar — sem ter visto um pello do porco — estavamos a duas leguas, e leguas de serra aspera das Pedras-alvas. Era em dezembro, já ao cahir da tarde. Começava a chover, e as nuvens grossas, correndo do lado do sul, annunciavam uma noite de agua.

— Nós com um tempo d'estes não deitamos ás Pedras-alvas senão alta noite, disse o mestre Domingos.

— Não deitamos é certo! respondeu o malhadeiro. Má raios partam o porco! accrescentou, para se consolar.

— Mas que ha a fazer?

— Podiamos ir á malhada da Crespa, que é d'aqui meia legua. O tio João sempre hade ter alguma coisa que se coma, e um lume p'rá gente se enxugar.

— Pois vamos lá.

As nuvens negras tinham-se fundido n'um tom cinzento. A chuva engrossava. Batida com força pelo vento, passava em linhas claras, apertadas, quasi horizontaes, sobre o verde negro dos cerros. O malhadeiro abria caminho a corta mato, e

o mestre Domingos e eu seguiamos, abaixando a cabeça, fugindo ás rajadas de chuva que nos açoitavam a cara. Em fila a traz dos nossos calcanhares vinham os cães, tristes, de orelha cahida. O mato escorria. Nos valles, cheios de herva densa, a terra ensopada cedia fôfa debaixo dos pés; e as pégadas, marcadas no musgo verde, enchiam-se logo da agua que reçumava. Á luz tenue da tarde algumas poças maiores brilhavam, com reflexos frios de prata pulida. Duas gallinholas saltaram-nos aos pés, sacudindo com a ponta da aza as gottas scintillantes, prezas ás folhas viscosas das estevas; mas as espingardas estavam carregadas de bala, bem accomodadas debaixo do braço, com as fecharias tapadas pelas abas dos jalecos, e nenhum de nós ia de humor para atirar a gallinholas.

—Má raios partam o porco! dizia de vez em quando o malhadeiro.

Era noite fechada, quando os perfis confusos de umas azinheiras grandes se desenharam deante de nós no clarão baço do ceo. Ouvimos ladrar os cães—estavamos na Crespa. O tio João veiu á portà, conheceu a voz do outro malhadeiro e abriu logo. Estava só em casa com a nora e os

netos pequenos; o filho andava trabalhando longe d'alli, e não recolhera.

Improvisou-se rapidamente uma ceia pobre, que nos pareceu excellente. Duas braçadas de lenha secca de azinho estalavam na enorme chaminé, com uma chamma clara, muito alegre. E quando acabámos de cear e nos chegámos para o lume, accendendo os cigarros, penetrou-nos uma grande sensação de bem estar. Lá fóra ouvia-se o cahir monotono da chuva, e as lufadas do sul, assobiando na telha vã da malhada.

Naturalmente fallou-se de caça — o ferreiro e os dois malhadeiros eram os tres primeiros caçadores da serra.

— Oh! tio João, você é que fez uma caçaria melhor que todas essas? disse o ferreiro depois de se contarem muitos casos de mortes de pórcos e de veados.

— Fiz... fiz... disse o velho como quem meditava.

— Você devia-nos contar esse caso esta noite.

— Ó mestre Domingos, eu não gosto de fallar n'isso.

— Ora, uma vez não são vezes.... Eu sei do caso, mas nunca lh'o ouvi contar bem a preceito

como elle foi, e os mais que aqui estão não o sabem.

—Pois conto, respondeu o malhadeiro, abaixando-se para accender o cigarro a uma braza.

Estava sentado defronte de mim, dentro da chaminé, ao lado da nora. A luz crua da labareda illuminava-lhe brutalmente a cara, energica, sulcada de rugas fundas, muito queimada. Entre os joelhos tinha o neto, uma creança de sete ou oito annos, com uma cabecita redonda, bem encabellada, e uns olhinhos pretos, vivos, em que a chamma punha pontos brilhantes. De vez em quando a mão negra, muito dura, do velho passava sobre a cabeça do pequeno, com um toque suave, de uma doçura infinita. Deante do lume, o ferreiro e o Joaquim do Val-fundo estendiam para o brazido os sapatos grossos e as polainas, que ainda fumavam. A chamma, levantando e abaixando, projectava-lhes as sombras, desmesuradamente grandes, na parede caiada do fundo, fazendo-as dançar de um modo phantastico.

—Isto por aqui no tempo dos francezes esteve mau... muito mau! começou o malhadeiro. Passaram ahi duas vezes. Quando passaram juntos,

em tropa, bem foi; mas depois, quando iam na retirada, sem respeito lá aos seus commandantes, nem a ninguem, queimavam e roubavam tudo. Os montes, nos barros, estavam todos desertos; e mesmo cá na serra, nas malhadas mais perto das estradas, não ficou viva alma. Todos fugiam, levando alguma coisa melhorzita que tinham. Meu pae quiz aqui ficar.

—Pra onde ha de a gente ir? dizia elle. E depois isto é cá desviado, não vem cá.

Eu, ó tempo, era rapazote, ia nos meus dezasete. Estava aqui com meu pae e as minhas duas irmãs; a Ignez, a mais nova, que ainda vive, era mais velha do que eu um anno; e a Marianna, Deus lhe perdoe, teria então os seus vinte ou vintaum.

Passou tempo, sem os francezes apparecerem. A gente sabia que passavam tropas, ahi pelas estradas, direitas a Hespanha; mas cá na serra já estava descuidada. Quando uma manhã, que eu andava lavrando com a parelha alli no farrejal, e meu pae estava falquejando umas aivecas aqui na empena, a Ignez que tinha ido á fonte... á fontinha lá abaixo na umbria, sabes Joaquim?... a Ignez veiu fugindo ladeira acima, e

chegou ahi esfalfada, dizendo: — Ahi vem... ahi vem!

E vinham. Aquillo sorte é que se tinham desviado da estrada, perderam-se e vieram a corta mato, direitos á casa, que viam aqui na altura. Eram oito. Vinham muito rotos, com os sapatos em frangalhos, atados com trapos. Um — estou-o vendo — um alto, magro, com o nariz grande e o bigode cahido aos cantos da bocca, trazia um lenço branco, sujo, com grandes manchas de sangue, atado á roda da cabeça.

Meu pae bradou-me, e quando eu vim correndo, disse-me baixo:

— Esconde as espingardas.

Fui áquelle canto onde ellas sempre teem estado, peguei-lhes, passei á porta de traz, e fui mettel-as na palha da arramada. Quando voltei já os francezes estavam dentro de casa. Não se percebia nada do que diziam, senão — vino... vino... — e faziam signal que queriam comer. O pae disse ás moças que lhes dessem o que havia; mas elles não esperavam, abriam as arcas e traziam o que achavam pra cima d'essa mesa. Meu pae tinha-se sentado n'aquelle banco...

O velho indicava os logares com o gesto, que o Joaquim e o mestre Domingos seguiam no movimento de attenção dos olhos; e assim contada, n'aquella casa, que não tinha mudado nos ultimos sessenta annos, onde ainda se viam as espingardas encostadas ao mesmo canto, e o banco tosco ao lado da porta, a historia adquiria uma intensidade de vida, uma actualidade singular.

—Os francezes, proseguiu o tio João, comeram, beberam, estavam já alegres, rindo e gritando. Um d'elles, um loiro, que tinha um galão e parecia mandar alguma coisa nos outros, quando a minha Ignez passou ao pé d'elle, deitou-lhe um braço á cintura, sentou-a á força nos joelhos e deu-lhe um beijo.

Eu vi isto, e no mesmo instante vi meu pae de pé, e um machado de cortar azinho direito á cabeça do francez. O francez era leve, furtou-se; e quatro ou cinco d'elles agarraram-se a meu pae e depois de uma lucta deitaram-no no chão. Eu tinha levado uma coronhada pelos peitos, e estava encostado áquella arca, seguro por outros dois. O loiro ria-se, com um riso mau, mas dizia — quiz-me a mim parecer — que nos não fizes-

sem mal, que nos atassem. Estava ahi uma corda grande de enchirir, com que elles ataram o pae de pés e mãos. A mim ataram-me com um baraço e com a minha cinta.

As moças... arrastaram-nas para a casa de dentro, gritando e chorando...

Á mesa ficaram dois francezes, bebendo.

Eu ouvia minhas irmãs chorar lá dentro, chamando-nos, que lhes acudissemos; e via o pae deitado no chão, com a camisa rasgada, e as mãos atadas atraz das costas. Na lucta, quando cahiu, partiu a cabeça na esquina do banco. Um fio delgado de sangue corria-lhe da testa até ás suissas brancas, e, dos olhos muito fitos, vi correremlhe as lagrimas, que se misturavam com o sangue.

Não posso dizer o tempo que isto durou; mas pareceu-me muito.

Quando os francezes sahiram, rindo e mettendo nos bornaes o pão e uns queijinhos que tinham sobejado, nem olharam para o pae; a mim pegaram-me, e, assim mesmo atado como estava, levaram-me á porta para lhes ensinar o caminho. Não sei o que me lembrou; mas em logar de lhes mostrar a trocha que vae direita á estrada, mos-

trei-lhes a que desce para a ribeira. Essa trocha era a mais seguida das duas—elles não desconfiaram, deitaram as espingardas ao hombro, e desceram valle abaixo.

A Ignez não dava acordo de si; mas a Marianna, muito branca, muito enfiada, veiu cá fóra desatar o pae. Elle não fallava, e, quando a Marianna me desatou, disse-me só:

—As espingardas.

Fui á arramada buscal-as, e quando vim já o pae tinha o polvorinho a tiracolo; apontou para o outro polvorinho que eu enfiei, e, tirando da arca o sacco das balas, esteve-as dividindo, deu-me um punhado d'ellas e metteu as outras na algibeira. Sahimos sem elle dizer uma palavra á Marianna. Fez-lhe signal que chamasse e fechasse os cães. Só deixou ir uma podenga velha vermelha; mas a podenga era—salvo seja—como uma creatura; quando estava n'uma porta nem latia, nem mexia um cabello. Á ponta dos farrejaes abaixou-se; desafivelou a colleira do chocalho da cadella e deitou-a fóra.

Nós iamos devagar. Entendi eu que meu pae os queria deixar metter bem para os valles mais asperos. Lá abaixo, ós matões do barranco do

Alendroal é que os apanhámos. Vimol-os de longe n'uma volta da trocha. Meu pae não fallava, fez-me signal que fosse á meia encosta da umbria, que elle ia pela soalheira; e quando nos apartámos, n'uma voz ainda tremula, disse-me só estas palavras:

—Não atires, sem eu atirar.

Eu metti á encosta, de gatas, por baixo das estevas. Era uma creança ainda, mas não me lembrei de ter medo. Fui... fui, até que cheguei bem a tiro. Já n'esse tempo atirava bem. Desde pequeno que andava com meu pae, e você ainda se lembra como elle atirava, mestre Domingos?

—Era a primeira espingarda da serra, a chumbo e a bala! affirmou o ferreiro.

—E era! continuou o velho. Eu não o via; mas sabia que elle ia na outra encosta. Os francezes iam em baixo no valle, todos n'uma linha porque a trocha era estreita. N'uma volta do valle, ouvi um tiro; e o francez, o loiro, que ia adeante, abriu os braços e cahiu de bruços. Os outros pararam; eu apontei bem um, dei ó dedo, e elle cahiu redondo. Ao segundo tiro viraram-se para o meu lado; então o pae—para me livrar—appareceu-lhes no mato. Atiraram-lhe to-

dos, e eu vi as estevas cortadas pelas balas em volta d'elle; mas não lhe deram. Os homens ainda quizeram avançar pela encosta direito a elle, mas era um bastio de mato muito forte, não puderam romper, e, deixando os dois mortos, abalaram a correr pelo valle.

O pae chamou-me e fomos juntos sempre pelo fio da altura, a ver o caminho que tomavam. Acho que se arrecearam de ir pelo valle, que era cada vez mais estreito, e metteram a uns matos ralos, de umas queimadas que se tinham feito n'esse anno, direito á porta-baixa do Sovereiral.

Quando os topámos foi já no barranco do Algeriz, alli ó açude do Moinho-velho. Estavamos mettidos nos medronhaes altos, e elles vieram sahir no claro do areial do barranco—mesmo onde tu matastel-a à porca grande a semana passada, Joaquim.

Era quasi á queima-roupa; cahiram dois. Os homens eram valentes. Os quatro que restavam ficaram direitos, encostados uns aos outros. Atiraram para o mato, na direcção do sitio em que tinham visto o fumo, e uma bala cortou um ramo por cima da minha cabeça. Nós separámo-nos, e mesmo de rastos por baixo do mato, fomos

carregando. Quando atirámos, eu precipitei-me e errei; mas o pae não errou... nem errava! Os tres perderam coragem e fugiram para o mato. Era já escuro, perdemol-os.

Fomos para um cabeço e ficámos alli toda a noite. Eu estava cançado, era uma creança, prálli me deitei. Mas o pae nunca dormiu; e quando eu de noite acordava com o frio e com a fome, via-o sentado n'uma pedra, direito, encostado á espingarda.

Logo ao romper da manhã abalámos. Os tres francezes tinham tido toda a noite para fugir; mas aqui na serra quem não é pratico, jámais de noite, não avança caminho. Pode um homem andar uma noite toda, e de manhã achar-se no mesmo sitio. Ainda assim deram-nos trabalho; atalayámos pelos cerros; rastejámos os valles e as passagens dos barrancos, como se a gente andasse á busca de um javardo ou de um veado; até a cadella — Deus me perdôe — já lhes pegava no rasto. Seria meio dia quando os vimos lá muito em baixo, nos areiaes da ribeira. Tinham ido á agua. D'alli a duas horas estavam mortos todos tres.

Quando voltámos para a malhada, já os griffos

andavam no ar ás voltas, ás voltas, por cima do valle, onde ficaram os dois primeiros.

Meu pae ao entrar em casa não disse nada; mas agarrou as filhas e teve-as muito tempo abraçadas, e nunca até á hora da sua morte o ouvi fallar no que tinha succedido.

O lume ia-se apagando, sem que—presos á narração—nos lembrassemos de o atiçar; e o vasto brazido, onde ainda corriam umas chammas incertas, azuladas, illuminava vagamente a figura austera do velho, que amparava com muito cuidado sobre os joelhos o pequenito adormecido.

A MALUCA D'A DOS CORVOS

A MALUCA D'A DOS CORVOS

A primeira vez que a vi, passava eu a cavallo para uma caçada na serra. Era de manhã cedo —uma admiravel manhã de janeiro. A unica rua d'A dos Corvos trepava pela encosta ingreme até á egrejita, que, lá no alto, toda caiada, recortada no cobalto lavado do céo, com a sua cupula redonda e os seus eirados chatos, tinha uns ares de *marabout* arabe.

Illuminada horizontalmente pelo sol, que se ia apenas levantando, a aldeia parecia acordar, ainda inteiriçada e tremula do frio da noite. A herva alvejava, coberta de geada; e as estrumeiras, revolvidas pelos porcos, fumavam na friagem humida. Algumas mulheres abriam as

portas, varriam a rua, em saias de baixo de baetilha amarella, os lenços vermelhos atados nos cabellos. No ar fino, de uma transparencia excessiva, os tons destacavam-se nitidos, um pouco crús, sem esbatidos, como postos *á primeira* em um estudo do natural. E os sons: o martello do ferrador no alpendre ao cimo da rua, as vozes alegres dos rapazes jogando a pata-galharda, o canto conquistador dos gallos nas cevadas dos farrejaes, ouviam-se ao longe, nitidos tambem, n'uma vibração clara e secca.

Á superficie de toda a scena havia aquella tranquillidade rustica, que tantas vezes provoca a reflexão banal e falsa: — Que bom seria viver aqui, longe dos cuidados do mundo!

Ao voltar a esquina do muro de um quintal, vi na estrada uma mulher rota, descalça, muito miseravel; mas conservando na figura e no andar uns restos de mocidade e de elegancia. Não levava chapéo, nem lenço na cabeça; e os seus cabellos pretos, fartos e crespos, cobriam-lhe toda a testa, coroando-a de uma massa escura e singular, que me recordou a *Salomé* de Regnault.

Quando ouviu junto de si o ruido dos cavallos, voltou-se de subito; e, afastando da cara as ma-

deixas soltas com um gesto violento, fitou em mim os olhos grandes, luminosos, n'uma expressão intensa e dolorosa de interrogação. Foi apenas um clarão instantaneo. A luz apagou-se, e, baixando a cabeça com um sorriso idiota, apertou contra o peito, carinhosamente, um embrulho informe de trapos, como se acalentasse uma creança. N'isto, os rapazitos, que tinham descido a rua para admirarem de perto os cavallos, viram-n'a e começaram a gritar:

—Olha a maluca! olha a maluca!

Ella então, assustada, conchegou mais ao peito o embrulho de trapos, como se o quizesse livrar de algum perigo, e, deitando a correr, escondeu-se atraz dos muros dos quintaes.

Fez-me impressão o olhar d'aquella desgraçada, e a primeira vez que me encontrei com D. Jesus Serrano, perguntei-lhe se conhecia a rapariga doida d'A dos Corvos.

D. Jesus era um typo originalissimo—um liberal hespanhol, condemnado á morte pelo governo de Narvaez, que havia muitos annos se estabelecera alli na raia, onde vivia da sua clinica. Distincto medico, formado em Salamanca, diziam uns; simples curandeiro, affirmavam ou-

tros. Nunca se soube bem ao certo que cartas tinha; nem creio que as auctoridades averiguassem este ponto com muito zelo. E fizeram bem —elle curava e matava como qualquer outro. Medico ou curandeiro era um excellente homem, sempre prompto a acudir aos pobres, sempre a cavallo pelas estradas ao sol e á chuva, com um casacão de pelles, muito roçado, no inverno, e uma extraordinaria sobrecasaca de chita de ramagens no verão. A quatro ou cinco leguas em roda conhecia toda a gente, nas mais pequenas aldeias, nos mais afastados montes e malhadas; e quando lhe perguntei pela doida, respondeu-me logo no seu portuguez especial:

—Ah! Marianna, la pobre. Si á conheço. E qué bonita foi!... qué triste caso!

E contou-me a historia da rapariga—uma historia velha, sabida, de uma simplicidade extrema.

A Marianna era filha de uma pobre mulher d'A dos Corvos, que ficara viuva, sendo ella ainda creança. A mãe trabalhava fóra, emquanto a pequena brincava solta pela rua e pelos campos,

crescendo ao ar livre, trepando ás azinheiras, buscando bolotas pelos montados, e medronhos ou murtinhos pelos matos. Depois, já crescidita, começou tambem a ir ao trabalho; e aos dezoito annos tinha-se feito a mais graciosa rapariga da aldeia, e de todos aquelles contornos. Alta, delgada, direita e flexivel como um vime, era um gosto vel-a voltar do trabalho, andando na estrada n'um passo que poucos homens acompanhavam, ou vel-a descer, correndo com as outras, uma encosta fragosa, cortando o esteval denso, saltando de pedra em pedra com a segurança de uma cerva. Mas o seu encanto estava sobretudo nos admiraveis olhos pretos, e no olhar fundo, meigo, que se encontrava a custo, abrigando-se timido e arisco sob as longas pestanas negras.

De ser muito bonita e um tanto esquiva, não lhe resultava grande popularidade entre as outras raparigas; mas era muito procurada pelas manageiras, como uma boa trabalhadora, sempre prompta ao sol e ao frio, valente no apanho, nas mondas, nas descardas, nas seifas... nas seifas alemtejanas! As seifas ardentes de junho, nos cevadaes altos, pelas quebradas abafadiças dos montados, quando os levantes abrazam, quando

o calor se vê—positivamente se vê—dançando no ar fremente, quando á hora do meio dia tudo se calla, mesmo o ruido estridente das cigarras, e só se ouve, ao longe, o canto triste das rolas nas grandes azinheiras copadas dos barrancos. E ahi, de foice na mão, a cinta flexivel curvada, a Marianna podia pôr-se ao lado de qualquer trabalhador desembaraçado.

A mãe e a filha viviam bem. Duas mulheres sós, sádias, trabalhando no campo, não passam privações. Os ganhos da azeitona até chegavam largamente para as elegancias da Marianna. E que bem lhe ia qualquer coisa! Como os olhos pretos brilhavam sob a aba curta do chapéo novo de Braga! Como um pobre lencinho de chita encarnada dava valor ao tom quente da pelle morena; aos beiços vermelhos, sombreados por um buço tenuissimo, deixando entrever, nos raros sorrisos, os dentes pequeninos!

Veiu o anno da novidade grande de azeitona—aquelle anno em que os lagares moeram até ao Santo Antonio—e a Marianna foi com a mãe para o rancho da Sovereira-formosa, a maior herdade do concelho.

O filho do lavrador e proprietario da Sovereira,

o João, um rapaz de vinte e tres ou vinte e quatro annos, namorou se da nova azeitoneira. Nunca o apanho foi tão bem vigiado como n'aquelle anno. De manhã á noite o João acompanhava o rancho, fumando cigarros, encostado ás oliveiras, com a redea do cavallo castanho passada no braço. Quando ao recolher elle dava relação exacta dos saccos, que tinham entrado no lagar, o pae ficava satisfeito de o ver assiduo no trabalho, activo, esquecido da espingarda e dos galgos; mas no rancho a côrte do João á rapariga d'A dos Corvos era o assumpto de todas as conversas.

Não lhe era facil fallar á Marianna. Ella, lisongeada mas timida, evitava as occasiões; e sessenta pares de olhos femininos observavam-lhe os manejos com uma curiosidade, não talvez mais intensa, mas de certo mais grosseiramente indiscreta do que aquella com que nas salas se observam manejos muito semelhantes. Tinha de esperar horas para lhe dirigir a furto duas palavras quando ella ia levar azeitona aos carros — dias para a encontrar só no caminho da fonte, quando lhe chegava a vez de ser aguadeira. E então a Marianna apressava o passo, com os olhos baixos, fugindo ás

declarações, rendida já mas arisca, batendo-lhe o coração de medo, de vergonha, não sabia de quê, com o bater precipitado e violento de um coração de passarito apertado na mão.

Um dia esperou-a na volta da fonte, n'um valle arredado do olival; e ahi deteve-a quasi á força, dizendo-lhe tudo, roubando-lhe um beijo, emquando ella, os olhos cravados no chão, as faces accesas, passando nos dedos a bainha do avental de batido, deixava escapar uma confissão e uma promessa.

Quando terminou a colheita da azeitona, o cavallo do João aprendeu bem depressa o caminho d'A dos Corvos. A rapariga fugia de casa, e ia encontrar o namorado fóra da aldeia, no valle, atraz dos silvados do barranco.

Não sei se elle lhe fallou do futuro, se lhe prometteu casamento — é provavel que não. A Marianna deu-se sem pensar, sem calculo, sem exigir garantias; deu-se com a sua inexperiencia de selvagem, com os impulsos do seu coração, com os ardores do seu sangue de serrana vigorosa e forte. Mas deu-se toda e para sempre, e julgou que a tinham tomado para sempre.

Mezes depois a mãe ia só ao trabalho, porque

a rapariga já não podia dissimular o seu estado sob as prégas do chale de lã, e, envergonhada, ficava em casa.

Por este tempo levava o proprietario da Sovereira-formosa muito bem encaminhadas umas negociações para casar o filho com a D. Angelica — um excellente casamento.

Trinta e cinco ou quarenta annos antes, o pae de D. Angelica viera da Covilhã para caixeiro de uma loja na villa proxima. Era uma lojita fria, humida, escura, ao cimo da rua Nova, onde se vendia de tudo: chitas e manteiga, panno crú e assucar, pregos e vélas de cebo. O beirãosito passou alli annos ao balcão com os mesmos sapatos de ourelo, e o mesmo casaco côr de mel, encebado, com que viera da terra. Tinha o genio da usura; privava-se de tudo com uma sordidez energica, vivendo de pão de rala e alhos crús, e emprestando a juros os tostões do seu pequenissimo ordenado.

De repente soou na villa uma noticia extraordinaria: o caixeiro ia casar com uma sobrinha ou afilhada — ou talvez algum parentesco mais

proximo — que o velho e rico prior de Santo Antonio tinha em casa. Isto deu que fallar. Disse-se que o casamento era forçado; que o prior encontrara alta noite no quarto da sobrinha o aspirante da alfandega, um meliante de Lisboa, que tocava o fado, e se embebedava regularmente ás quintas e domingos na hospedaria das Silveiras. O caixeiro fôra então chamado a reparar culpas, que não commettera. Mas — observava n'este ponto da historia o velho Serrano — isto nunca se soube bem ao certo, e a calumnia não poupa ninguem... seria capaz de não poupar Nosso Senhor Jesus Christo, se commettesse a insigne imprudencia de voltar ao mundo.

Fosse como fosse, o caixeiro casou; e então, com o dinheiro do prior, tomou a loja de trespasse, e alargou as suas operações de usura, que passaram a chamar-se operações de *credito*. Teve tambem commissões de Lisboa — comprava cevadas e azeites.

Annos depois, o prior morria, deixando-lhe um bom lote de fazendas, e — diziam — uma grande arca, toda cheia de velhos cruzados novos. Nas mãos do beirão a fortuna do prior medrou. As fazendas arredondaram-se: com uns fóros da Mi-

sericordia, comprados barato; com uns milheiros de vinha, penhorados por uma divida de cem mil réis a uma viuva pobre; com uns olivaes, entregues na liquidação final de contas obscuras. E agora, o lojista da rua Nova era um personagem, um dos maiores entre os quarenta maiores contribuintes, grande influente eleitoral, tendo o seu palacete na Praça, de frontaria bem caiada, com frisos verdes na cimalha, e globos de vidro amarello nas grades das janellas.

O cruzamento do beirão com a alemtejana não fôra feliz—a sua filha unica, a D. Angelica, não era bonita. Grossa, córada, luzidia, dada a atavios vistosos... francamente não era bonita. Mas que boa dona de casa! Economica, madrugadora, severa com as creadas, e tendo—como a immortal Dulcinéa—a melhor mão para salgar pórcos de toda a provincia!

O lavrador da Sovereira tinha umas contas com o lojista—quem as não tinha? De anno para anno as contas iam-se enredando, complicando-se em mysteriosos labyrinthos de juros de juros. Lembrou-se de as saldar pelo casamento do filho. Mandou sondar o terreno; e as suas propostas foram bem recebidas. O lojista conhecia-lhe os

negocios a fundo, sabia que os seus embaraços não eram graves; e depois uma alliança com os Seabras da Sovereira lisonjeava-lhe todas as vaidades.

Quando o pae lhe fallou no casamento, o João ficou muito atrapalhado. Custava-lhe deixar a Marianna, e n'aquelle estado. Tinha pena da rapariga, e tinha medo do seu genio violento... de um disparate. Resistiu a principio. Então toda a familia o rodeou, dando-lhe bons conselhos.

O tio João Maximo, quando soube que a hesitação do sobrinho procedia do escrupulo de deixar uma azeitoneira d'A dos Corvos, riu a bom rir, segurando as ilhargas gordas nas mãos curtinhas, com grupos de pellos ruivos pelas phalanges.

—Já não ha rapazes! dizia-lhe elle. Vocês não sei o que me parecem. Então a gente ha de estar com essas coisas? Ellas lá se arranjam... lá se arranjam...

E contava-lhe as suas aventuras de D. João de aldeia. Tinha sido a Catharina, e a Benta, e mais a Isabel, e a Joanna da horta, e a Conceição da estalagem—uma hecatombe de mondadeiras. Hecatombe não é bem a palavra, porque,

a acreditar no que dizia o tio João Maximo, todas ellas prosperaram. A Catharina tinha casado, e tambem a Benta; a Conceição poz uma venda; a Isabel estava agora de creada grave em casa do juiz de direito, que era solteiro. Estavam todas bem estabelecidas, gordas e perfeitas.

—... Ellas lá se arranjam... lá se arranjam... E olha, terminava o tio João Maximo, o melhor que a gente leva cá d'este mundo é... rir e divertir-se sem estar lá com essas coisas!

A tia Dorothea não levava o caso tão placidamente; irritava-se:

—Umas doidas! umas...—é necessario espurgar cuidadosamente o vocabulario da tia Dorothea, que no emtanto era uma honesta senhora —umas doidas sem vergonha que andam mettidas com um e com outro! Que sabes tu se lhe deves alguma coisa?

O João não respondia, macambusio, mettido no quarto, n'uma resistencia passiva. Então o pae levou-o por bem, contando-lhe os seus embaraços, pintando-lhe as opulencias da Sovereira-formosa quando as dividas estivessem todas pagas, mostrando-lhe, no futuro, uma vida farta, á

vontade, caçadas, bons cavallos, viagens a Lisboa. Disse-lhe que dariam alguma coisa á Marianna, que a não deixavam desamparada. E que mais queria ella? que podia ella esperar?

Afinal o João cedeu. Prometteu ir Á dos Corvos, desenganar a rapariga, acabar tudo. Foi, mas teve medo da crise—adiou-a. Disse só que ia para a villa tratar de uns negocios, demoravase um mez, talvez mais, depois voltava. Deixou a rapariga lavada em lagrimas; mas segura, sem uma suspeita.

Passou um mez; passaram dois e mais. A Marianna, sentada agora junto do berço do filho, contava os dias e as horas. Não lhe chegou aos ouvidos a noticia do casamento—A dos Corvos fica tão arredada de tudo, e ella vivia tão só!

Uma manhã, voltava de longe, do mato, com um feixe de lenha á cabeça, e a creança ao collo, abrigada pela ponta do chale de lã. De um cerro viu a distancia, na estrada da villa, a bem conhecida traquitana da Sovereira-formosa. Viria alli o João? Bateu-lhe o coração tão violentamente que fechou os olhos, e teve de encostar-

se a um chaparro para não cahir. Veiu descendo para a estrada, e quando a traquitana chegou perto viu dentro o seu João. Não viu mais nada, deixou cahir o feixe de lenha e correu á carruagem, esfalfada, sem respiração, levantando o filho nos braços, dizendo só:

—Oh! João!

Vinha tão cega, com tanto impeto, que seria pisada se o almocreve não detivesse as mulas. Mas então... viu uma senhora ao lado d'elle. Dentro da carruagem, a D. Angelica perguntou n'uma voz aspera e aggressiva:

—Que é isto? quem é esta mulher?

Vendo-o ficar em silencio, amarello, enfiado, accrescentou n'um tom mais azedo:

—Tu conheces esta mulher, João?

E elle, baixo, mas de modo que a Marianna o ouviu distinctamente, respondeu, hesitando:

—Eu não... não sei quem é. Talvez... talvez esteja doida.

A rapariga recuou, como se esta palavra a empurrasse, e a D. Angelica gritou ao almocreve:

—Anda lá.

—Doida! dizia a Marianna, immovel ao lado da estrada.

Percebia tudo, e quando a traquitana, que se afastava ao trote largo das mulas, se sumiu lá adeante na volta, sentiu que tudo se acabava. N'um primeiro impulso deitou a correr pela encosta abaixo para a ribeira. Ia a direito, cortando o esteval alto, atravessando os balseiros, partindo as loendreiras, rasgando-se nas silvas, atirando-se á espessura brava do mato, como uma corsa ferida. Em baixo, encarou o espelho frio da agua na superficie tranquilla do pégo. Estava muito tranquilla, retratando nitidamente as moitas de loendro florido da outra margem; enrugava-se apenas em circulos, que se alargavam docemente, quando a ponta da aza de uma andorinha a tocava no passar rapido. Estava muito tranquilla nos recantos assombrados pelos balseiros, limpida, transparente, deixando a vista penetrar na fundura esverdeada.

A rapariga apertou o filho ao peito, e deitou-se ao pégo.

Uns cortadores, que andavam alli no montado, viram-na de longe correr para a ribeira, e seguiram-na. Dois ou tres mais affoitos lançaram-se á agua e poderam tiral-a a custo. Estenderam-na ao sol, de costas, na herva da margem. Branca,

os olhos cerrados, os longos cabellos negros, desatados, cheios de agua, espalhados sobre a relva florida, a chita molhada das roupinhas collada nas curvas firmes dos seios, a rapariga parecia morta. Passados momentos descerrou os labios n'uma funda inspiração; uma onda leve de sangue tingiu-lhe as faces; as palpebras tremeram.

Voltava á vida; mas ao peito apertava nervosamente o cadaver da creança afogada. Depois, sentada na relva, com os seus grandes olhos pretos, fitos, inintelligentes, conchegava o cadaver do filho n'um gesto terno, querendo aquecel-o. Os cortadores forcejavam por lh'o tirar, docemente, com um toque carinhoso das suas mãos rudes. Um d'elles—o Chico da Bemposta, que na semana passada dera duas facadas no João da Benta—de joelhos ao pé d'ella, soluçava. Quando a separaram do cadaver, não percebeu; e, enrolando o seu chale molhado, apertou-o ao peito, acalentando-o com um sorriso triste.

Hoje a maluca vive com a mãe, que trabalha para a sustentar. Vivem muito pobres... muito esquecidas. Quem vae ás vezes por casa d'ellas,

e lhes deixa sobre a mesa uns dez tostões, que lhe fazem falta, é o D. Jesus, o velho curandeiro.

O João está presidente da camara municipal; e o sogro espera, por occasião das eleições geraes, obter para elle o titulo de visconde.

A PESCA DO SAVEL

A PESCA DO SAVEL

Foi um reboliço infernal na venda da Clara, n'aquella noite em que o José Bento deu a facada no Joaquim das Aguias. Não tinha havido provocação—nem uma palavra trocada entre os dois.

Era um domingo—a venda estava entulhada de trabalhadores e de creados das lavoiras. De vez em quando abria-se a porta, e elles entravam, aos dois, aos tres, trazendo comsigo de fóra a sensação gelada e humida da noite chuvosa. Dentro fazia calor. Das mantas molhadas levantava-se um vapor brando e enjoativo, que se mistùrava com o fumo espesso dos cigarros. E as conversas repisadas, pastosas, carregadas já

de vinho, fundiam-se n'um ruido continuo, acompanhadas pelo gesto lento e cançado do homem de trabalho.

O Joaquim das Aguias estava muito tranquillo, lá ao fundo, encostado a um pote de tinto, quando de repente, na luz escassa da candeia, viu deante de si os olhos do cabreiro, brilhando sob o cabello inculto. Instinctivamente levantou o braço esquerdo, desviando ainda a faca, que lhe escorregou ao longo da clavicula, indo tanchar-se nos musculos do hombro. A mão direita do Joaquim pegou então com tanta força no pulso do cabreiro, que este gemeu, e, dobrando as pernas fracas e tortas, cahiu de joelhos. Toda a venda estava de pé, precipitando-se para o lado dos dois; mas o Joaquim afastou-os a todos n'um gesto largo, dizendo:

—Deixem lá... deixem... deixem-no sahir, este cão nem um pontapé merece...

E largou-lhe o pulso.

O cabreiro ficou um instante de joelhos, depois levantou do chão o seu chapéo velho, e, cambaleando como se estivesse bebedo, sahiu a porta. Um grupo rodeava agora o Joaquim, a quem a Clara abria a camisa ensanguentada, para lhe la-

var a ferida. Em volta os commentarios começavam.

—Ora o diabo do cambaio ir-se metter com o Joaquim, que o enrola com um dedo! disse o velho boieiro das Zorreiras.

—Aquillo é por via da Catrina, explicou o ajuda das porcas do dr. Silva.

—Quaes Catrina?

—A Catrina do Juncal.

—Ah! aquella moça alta.

—Pois essa! A moça anda agora mettida com o Joaquim, e pros modos isso não faz bom comer lá ao Zé Bento.

—Pois o diabo do cambaio tambem? perguntou o boieiro.

—Parece, respondeu laconicamente o ajuda.

O José Bento tinha sahido, sem ninguem o seguir. Tomou rua abaixo, n'um passo incerto, encostando-se por vezes ás paredes. Quando desembocou para os farrejaes, deixando atraz de si o ultimo candieiro de petroleo da illuminação municipal, respirou. O vento sul trouxe-lhe de longe um vago cheiro dos seus estevaes da serra, que lhe fez companhia—antes, entre as casas, sentia-se só e tinha medo.

A noite estava escurissima. A chuva miudinha, pouco mais de um nevoeiro, gottejava em largos pingos das grandes oliveiras encharcadas. O cabreiro não via um palmo da estrada; mas seguia-a com a segurança do habito e do instincto, sem n'isso pensar. No seu cerebro estreito revolvia-se uma idéa unica, que voltava e voltava, sempre na mesma fórma, n'uma obstinação monotona e estupida: . . . «Não o matei!»

É que, a resolução de dar aquella facada tinha sido o seu pensamento constante durante mezes. Durante mezes elle vira tudo e calculara tudo: vira o Joaquim das Aguias, morto, de costas, com a larga navalha hespanhola plantada no coração; vira-se a si preso, julgado, degredado para Africa. Não sabia o que era a Africa, e pouco lhe importava — Africa, fosse o que fosse, com tanto que o Joaquim ficasse morto. Mezes a fio, nas longas horas da guarda, deitado ao sol nos valles, ou de pé no alto dos cerros, rodeado pela cabrada vermelha, elle vira o Joaquim das Aguias, morto, de costas, com a larga navalha hespanhola plantada no coração. Calculara tudo; menos o que succedeu; menos aquelle golpe jogado a medo; menos o Joaquim de pé, tendo-o a elle ajoelhado

deante de si. E agora, na noite escura e chuvosa, ao longo da estrada lamacenta, a mesma idéa voltava e voltava sempre: «Não o matei.»

O cabreiro ia devagar. Deixava já atraz de si os olivaes que rodeiam a villa. A estrada seguia por entre largas terras lavradas, invisiveis na funda escuridão. O vento sentia-se mais vivo, vindo de longe, sobre a grande planicie, desafogada e nua. Á esquerda viu o clarão de um lume de pastores, alastrado na nevoa, e ouviu o ladrar, compassado e grave, de dois rafeiros. Distrahiu-se um momento, pensando: «É o rebanho do morgado»... Mas logo a mesma idéa voltou: «Não o matei.»

Acudia-lhe agora um tropel de reminiscencias, indistinctas e confusas, que mal formulava. Lembrava-se da primeira manhã em que vira a Catharina, uma moça forte, muito negra do sol, com os peitos duros e um largo riso bruto, que lhe descobria os dentes esplendidos, branqueados pela agua da serra. Sabia que a moça tinha má reputação. Diziam que estivera com um coiteiro do morgado, depois com um guarda da alfandega, depois com outros — com quem lhe dava um empurrão. Mas estas facilidades ainda mais o

intimidavam a elle, rude, pequeno, quasi contrafeito. Apesar d'isso procurou-a, sem saber bem para quê. Via-a muitas vezes, no caminho da fonte, ou lavando no pégo da ribeira, com as saias entaladas, e as pernas grossas, mettidas na agua, que punha uns tons vermelhos do frio na alvura da pelle. Agora já lhe fallava. Um dia trouxe-lhe timidamente um feixe de rosas albardeiras, colhidas no mato; e ella, ou fosse bom coração ou capricho perverso, atirou-o a rir para cima de umas urzes, e, debruçando-se sobre elle, deu-lhe longamente na bocca um beijo fundo. Depois fugiu, e de longe gritou-lhe:

—Olha Zé, prá semana, quando vieres da Serra-grande, vem aqui ao valle.

O José Bento, pobre, feio, meio selvagem, creado desde pequeno com as cabras, envergonhado das suas pernas tortas, e do seu fato roto e envernizado pelas estevas, tinha chegado aos vinte e cinco annos sem tocar em uma mulher. Aquelle primeiro beijo quente de femea, queimou-lhe o sangue. Durante toda a semana, nas vastas solidões da Serra-grande, de pé pelos cabeços, olhando para as largas prégas de terreno, que se desenrolavam até ao horizonte, vestidas de

esteval sombrio, rodeado das suas cabras, que, escondidas no mato, se denunciavam apenas pelo som do chocalho ou pelo oscillar das ramas, o José Bento pensou sem cessar no beijo. Quando fechava os olhos, via o sorriso provocante da Catharina, e sentia o contacto molhado e quente dos seus beiços grossos. Á noite, emquanto os lobos uivavam á roda do curral de pedra, e os cães furiosos remettiam á porta, elle distrahido, sem se importar com os lobos, repetia milhares e milhares de vezes: ... «Zé, quando voltares, vem aqui ao valle».

N'essa semana chegou da praça o filho do malhadeiro das Aguias. Vinha de Beja, onde estivera os seus tres annos no dezesete. Quando o José Bento voltou com as cabras, e foi ao valle procurar a Catharina, ella deu-lhe na cara uma risada de escarneo, dizendo:

—Olha o parvo!

No dia seguinte, viu-a detraz de uns medronheiros, abraçada com o Joaquim das Aguias. Começou então para o cabreiro uma existencia horrivel. Não sabia se gostava da moça, nem sabia o que era gostar: sabia só, que ella lhe dera um beijo, e que dava agora beijos assim... me-

lhores, no outro rapaz, alto e esbelto. Ao pensar n'isto tinha ataques de ciume feroz. Quando, de longe, os via juntos, espojava-se no chão, rasgando-se e mordendo-se como uma raposa chumbada. E quanto mais soffria, mais os espionava; mas elles nem se escondiam. O tio João do Juncal havia muito tempo já que renunciara a guardar a filha; e ella entregava-se agora aos seus novos amores, com o impudor bruto e a liberdade ampla de um animal bravo. Como uma cerva na brama, chamava o Joaquim do alto dos cabeços, n'aquella modulação cantada da serra, que se ouve de tão longe; e vinham encontrar-se nos valles escusos, largamente banhados de sol, onde o mato denso de urzes e alecrim lhes formava grandes leitos perfumados.

O Joaquim das Aguias tinha retomado rapidamente os seus antigos habitos. Já de bigode rapado, a longa espingarda ao hombro, e, ás costas, a velha mochilla, negra do visco das estevas e do sangue secco dos coelhos, parecia não ter sahido da serra. Nem por alli havia melhor caçador e pescador; ninguem rastejava mais cuidadosamente um porco, ninguem lançava com maior valentia uma tarrafa, abrindo-a n'um cir-

culo bem horizontal antes de bater na agua. O cabreiro, que o odiava profundamente, tinha medo d'elle—um d'estes medos physicos e instinctivos de animal inferior. Dezenas de vezes o esperou, e dezenas de vezes ficou immovel no mato, tremendo, emquanto o Joaquim passava de cabeça levantada, no seu andar cadenciado.

Depois, o cabreiro não tinha espingarda, nem meio de a obter. Comprara apenas uma navalha hespanhola, e passava horas a contemplal-a, vendo como a folha brilhava ao sol, passando o dedo no gume bem afiado, abrindo-a lentamente, fazendo soar, um a um, os tres estalinhos da mola. Á força de ruminar a sua vingança, o José Bento teve uma idéa: ... Não podia matar o Joaquim na serra... decididamente não podia... não tinha animo; mas ia matal-o á villa, quando estivesse descuidado, rodeado de muita gente. Depois prendiam-n'o. Pouco se lhe dava d'isso; não tinha medo da prisão, nem do degredo, nem da forca, tinha só medo do Joaquim—um medo profundo e terrivel. Mas apanhando-o d'aquelle modo, descuidado, dava-lhe um golpe só, bem dado, á altura do coração! E nas sovereiras da serra escolhia a altura, ensaiava o golpe.

Passou assim mezes, em crises de desespero e de hesitação. Quando abrandava, com medo do Joaquim, encontrava os dois enlaçados em algum valle, ou ouvia o grito cantado da Catharina, chamando o seu rapaz, e voltava-lhe toda a resolução feroz. Até que emfim n'aquella manhã viera para a villa, com a navalha preciosamente guardada no seio; andara todo o dia, ao acaso, de venda em venda, sem beber; depois fôra á venda da Clara. E... e... e não o matei! terminava elle.

O cabreiro ia seu caminho, mais devagar, cançado já, molhado até á pelle, pela chuva que lhe repassava o fato pobre e no fio. Deixava atraz de si as terras de lavoira e as lamas fundas e tenazes dos barros. A estrada entrava na serra. Subia e descia em declives rapidos. Sentia-a mais secca debaixo dos pés, traçada na areia fina e lascada dos schistos desfeitos. O escuro da noite era profundo, mais talvez que á sahida da villa; mas o cabreiro agora *via* distinctamente os sitios familiares por onde passava, como nós vemos os moveis do quarto, depois de apagada a luz. Podia apontal-os com o dedo: era lá em baixo, á esquerda, na encosta, o monte do Juncal e o

barranco descendo para o valle, onde a Catharina lhe dera o beijo; era em frente, no cerro, a casita branca da malhada das Aguias, com as tres azinheiras grandes; e ao fundo, ainda longe, o seu curral das cabras, mettido nos matos altos. Evocada pela memoria tenaz do homem do campo, toda a paizagem sahia da funda escuridão, nitida, com os mais pequeninos accidentes, illuminados pela visão interna.

Aquelle canto de serra aspera e matagosa era todo o universo para o José Bento — o circulo em que se passára a sua vida miseravel, em que acordara a sua bruta paixão. Ao chegar alli sentiu-se um momento alliviado. Achava-se na sua patria, na segurança da sua casa. Mas logo, a proximidade do Juncal suscitou a imagem da Catharina, e o ciume animal que o torturava. E depois veiu-lhe o novo sentimento que dominava todos os outros, mesmo o seu ciume, mesmo o seu odio — veiu-lhe um terror abjecto do Joaquim. A idéa, que o perseguira durante todo o caminho, acudia-lhe mais amargamente: «Não o matei!» E, lembrando-se d'elle na venda da Clara, destemido e erecto, sentindo ainda no pulso dorido a pressão dos seus dedos fortes, completa-

va-a pensando: ... «E não sou capaz de o matar!»

Quando o cabreiro chegou ao seu curral ia extenuado. Foi-se estender no fundo da choça, e para alli ficou até ser dia claro, sem manta e sem lume, enroscado como um cão, batendo o queixo de medo e de frio.

O Joaquim não fez grande caso da facada. A ferida, bem vista, não passava de uma arranhadura. Disse a quem o quiz ouvir:

—Se o cabreiro se chega outra vez para o pé de mim, racho-o de meio a meio!

Mas não o procurou, e continuou tranquillamente nas suas caçadas, e nos seus amores com a Catharina. O cabreiro tambem tinha desapparecido, levantando com o fato das cabras para o sul, direito á ribeira de Alfamar, e ás vertentes do Guadiana. Ficou por lá tres ou quatro semanas, mais miseravel que antes, combatido pelo seu terror profundo de se encontrar com o Joaquim e por um desejo intenso de ver a Catharina.

Uma manhã veiu elle dando volta pelos matos dos Russins, até dar vistas ao Guadiana, por cima

da pedra dos Griffos. O dia estava claro; e na luz ampla e forte o valle parecia ainda mais desolado e triste. O Guadiana ia baixo, deixando quasi a descoberto o seu vasto leito de pedra, rasgado, roido, lavado pelas aguas. Nas margens, nem uma arvore, nem uma nesga de varzea relvada—a corrente levara tudo, terra e areia, ficando só a rocha nua, e as manchas cinzentas dos calhaus, dos grandes quartzos rolados, entre as quaes passava a fita azulada e brilhante do rio. Pelas moitas pobres de loendro escuro e de tamugem ruiva, os palhiços seccos, travados, marcavam o nivel da ultima cheia.

Uma solidão absoluta.

Apenas agora, as cabras vermelhas do José Bento vinham apparecendo, uma a uma, entre o mato da encosta, com as orelhas fitas e as cabecinhas finas de animaes quasi selvagens. Em cima, no azul pallido, dois griffos pretos descreviam n'um vôo sereno as suas orbitas interminaveis.

As cabras vieram descendo, em filas, pelos carreirinhos, e o José Bento desceu com ellas. Ao dobrar um cabeço descobriu o Pulo do Lobo: todo o rio que se encerrava no canal estreito, tomando uma velocidade louca; as aguas que se

apertavam, atropelando-se em veias sobrepostas; depois a fenda na rocha, tragando tudo; e, por detraz, a agua, pulverisada na queda, elevando-se n'um nevoeiro branco, que o sol irisava nos bordos, dando-lhe tons de opala.

O José Bento foi seguindo a margem, até ao sitio em que o rio se despenhava, desapparecendo na funda bacia. Mais adeante, já para além da queda, viu solidamente atada a uma saliencia da rocha, uma corda forte de linho, que passava por cima da aresta e pendia para o abysmo.

—Olha! está cá um, pescando ao savel! disse elle comsigo.

Teve curiosidade de ver, approximou-se, e, deitando o chapéo no chão, lançou-se de bruços, passando a cabeça além da borda. A parede de schisto, irregularmente fracturado, descia a pique. Em baixo, a agua espumava e fervia na queda; agitava-se, ainda sentida, em largas ondulações; e, tranquillisando-se pouco a pouco, tomava os tons denegridos das rochas que a cercavam.

Lá no fundo, na ponta da corda, um homem atado pela cintura, com os tentos da rede na

mão, esperava a pancada do savel. O José Bento ficou immovel, depois abriu a bocca n'um largo riso silencioso, e, recuando lentamente, tirou a navalha da algibeira, e começou a cortar a corda — o homem, que em baixo pescava, era o Joaquim das Aguias.

O cabreiro já não tinha a sua boa navalha hespanhola, que lhe ficara na venda da Clara; serrava lentamente com uma navalhita velha, com que costumava cortar o pão para as migas.

Quando ia a meio da sua tarefa teve uma idéa, que o fez rir outra vez. Chegou-se á borda e chamou o Joaquim, gritando-lhe que a corda estava cortada. O Joaquim das Aguias voltou-se, não percebeu o que lhe diziam, porque o ruido da queda abafava as vozes, mas viu a cara feroz do cabreiro, que fazia o gesto de cortar.

Era um homem valente e decidido, largou a rede, e, empunhando a corda, começou a subir rijamente, ajudando-se com os pés na rocha. Então o cabreiro recuou, e, n'um ataque de terror indescriptivel, precipitou-se sobre a corda, serrando violenta, febrilmente, sem despregar os olhos da borda, onde a cada momento esperava ver apparecer a cabeça do Joaquim. A velha na-

valha tremia e oscillava no cabo; mas as tranças de linho iam cedendo pouco a pouco sob o fio embotado. Os restos da corda tendiam-se agora aos saccões; as fibras estalavam já por si, adelgaçando-se n'uns fios tenues, que ainda resistiam.

Um ultimo golpe.... do abysmo veiu um grito de agonia, dominando o ruido da agua; e o José Bento ficou de gatas, na postura de um animal, com os olhos esgazeados, e as unhas cravadas na terra.

OS CRAVOS

OS CRAVOS

—Pois a minha aventura é bem mais simples do que todas essas, disse o João de S., que nos ouvira callado, estendido no canapé, com as duas mãos cruzadas sob a nuca. Nem foi, a dizer a verdade, uma aventura; foi apenas uma impressão de momento, uma d'estas sensações mil vezes mais fugitivas do que o raio de sol que doira uma nuvem, mil vezes mais intangiveis do que o perfume do rosmaninho, evolvendo-se em manhã de orvalho. E, no emtanto, de todas as minhas recordações femininas, é a unica esta que me fluctua ainda na memoria tão fresca como na primeira hora; a unica de que me não ficou re-

morso, nem azedume; a unica em que o tedio ou a desillusão nunca pozeram a sua mancha.

O anno passado tive de ir a M... no pino do verão. Por quê e para quê, não vem ao caso. Achei-me alli preso bastantes dias, com um d'estes calores alemtejanos de que vocês por cá nem fazem idéa, e tendo muito pouco em que me occupar. Logo no dia seguinte á chegada, a pessoa com quem ia tratar o meu negocio levou-me á botica, onde alguns ricaços da villa passavam as tardes em doce cavaco. Mas nunca mais lá voltei, afugentado pelo cheiro das drogas, que se exacerbava em trinta e nove centigrados — á sombra! e pelas discussões de politica local, de que não percebia uma unica palavra. Privado assim do recurso da botica, eu ia todas as tardes passear pelos arredores da villa, sósinho, com um cigarro entre os dentes, e a minha bengalinha lisboeta na mão.

Ao sahir da hospedaria, tomava á esquerda uma ruasita estreita, tortuosa, mal calçada, encaixada entre casarias altas de aspecto mourisco, que levava ás muralhas da villa. Na rua havia já sombra — uma sombra muito clara, toda cheia de reflexos das paredes caiadas; mas lá no fun-

do, a velha porta, rasgada na muralha negra, abria-se para um deslumbramento. Leguas e leguas de terreno se estendiam sem fim, banhadas pelo sol já baixo, indistinctas na luz demasiado intensa, como se as cobrisse um pó fino de oiro incandescente. E, aos meus pés, cahia para o valle o arrabalde, com os seus muros caiados, com os seus telhados denegridos, com os fumositos tenues das suas chaminés.

Eu descia lentamente. O sol tocava no horizonte — muito vermelho, esbrazeando o céo, annunciando para o dia seguinte um calor ainda mais forte. No largo campo torrado, todo amarello, nas grandes restolhiças amarellas, nas pastagens seccas e amarellas, os olivaes formavam manchas escuras, que principiavam a esbater-se, dissolvendo-se na luz já mais fraca. Não corria vento; a campina dormia, extenuada e lassa, acordando a custo d'aquella longa sesta, dormida sob o sol implacavel. E muito longe, para os lados da serra, os fumos grossos das queimadas subiam perpendiculares no ar parado.

As moças da villa começavam a descer para o poço em pequenos ranchos, ás duas, ás tres, ás quatro, com as suas bilhas — as suas enfusas,

como lá se diz—vazias, atravessadas sobre a cabeça. Algumas vinham já de volta, com as enfusas cheias, molhadas de mergulharem no poço, esguias e bem aprumadas. Subiam n'um passo firme, envolvidas nos grandes chales escuros de lã, com os lenços de chita traçados na bocca, n'aquelle abafo tão singular e tão caracteristico do nosso povo do meio dia.

Pareciam assim mais altas, alongadas pela curva da enfusa e pelas pregas rectas e cahidas dos chales. Ao cruzarem-me, via-lhes apenas os olhos bem fendidos, assombrados pelas pestanas negras; e ellas, sem voltarem a cabeça, sem um gesto, diziam-me baixo, no tom lento de uma saudação grave:

—Tenha muito boas tardes.

Aquellas figuras negras, envoltas e quasi veladas, atravessando as linhas d'aquelle paiz arido e pallido, levavam-me o pensamento para longe e para traz. Podia julgar-me em alguma villasita dos confins do Saharà, em El-Aguat ou In-Salá, onde, ao sol posto, as raparigas musulmanas, veladas e mysteriosas, descem a encher os cantaros no poço do oasis, sob a folhagem rigida das palmeiras, emquanto, á volta, as

sombras azuladas vão invadindo lentamente as longas collinas de areia. E pensava que estas moças eram do mesmo sangue; desciam ao poço como desceram as suas avós, e as avós das suas avós, desde as raparigas berberes, que passaram o estreito com os exercitos de Tarik.

Perante o encanto, triste mas tão penetrante, d'estas coisas e d'estes habitos velhos, d'estas coisas que são porque já foram, eu sentia uma pena funda—a pena de que tudo aquillo acabasse mais dia menos dia, destruido pela nossa civilisação reles e nivelladora. Porque era fatal, dentro de dois, de tres, ou de dez annos, viria uma municipalidade illustrada, louvada em artigos de fundo pelos jornaes de dez réis, que dotasse a villa com os *melhoramentos materiaes indispensaveis*. E então, encanada a agua, postos marcos fontenarios nas esquinas das ruas, as moças deixariam de vir ao poço como vieram as suas avós, e as avós das suas avós, desde os antigos tempos de Tarik.

Pensando n'estas coisas eu ia descendo a estrada, orlada de grandes piteiras glaucas. Deixava atraz o poço, e seguia até uma das hortas do valle, termo habitual dos meus passeios. En-

trara na horta uma tarde por acaso, e agora vinha alli todos os dias.

Aquella hora, a hortelôa e a filha tomavam o fresco, sentadas em cadeiras baixas, n'um terreirinho varrido deante da casa. Eu era já um amigo da familia. A rapariga ia-me buscar uma cadeira; o hortelão largava a enchada da rega, soltava a mula velha da nora, e vinha tambem para alli, em mangas de camisa, com o collarinho desabotoado. Conversavamos tranquillamente:... .... D'aquelles fortes calores que iam queimando a uva toda, da novidade de laranja que promettia, do pêco que tinha dado nos abrunhos.

Presos sob uma figueira, dois carneiros pretos miravam-nos seriamente com os seus olhos de oiro pallido, como se se interessassem na conversa. Lá no alto da collina, os reflexos do poente tingiam ainda de vermelho as muralhas altas da villa; mas na horta a luz do crepusculo ia-se morrendo. O grande laranjal viçoso formava uma mancha absolutamente negra. Dos canteiros do meloal, regados de fresco, orlados de milho em flôr, levantava-se pouco a pouco uma humidade tenue que adoçava o ar morno da noite. E, no azul fino, muito claro ainda, começavam a ac-

cender-se uma a uma as pequeninas luzes frias das estrellas.

Era a hora em que a filha do hortelão regava os seus craveiros. Levantava-se para ir encher a enfusa na pia da nora; e, quando voltava pelo carreirinho com a enfusa á cabeça, eu via a sua figura fina, de adolescente apenas mulher, recortada no céo pallido, todo picado já de estrellas. Depois, curvada, com a enfusa pesada nos braços, começava a regar os vasos, alinhados sobre o alegrete de ladrilho. A curva da sua cinta flexivel era tão graciosa e ao mesmo tempo tão robusta, o seu gesto era tão forte, que ella parecia derramar em volta de si uma sensação de vida intensa e plena. A sensação da vida corria d'ella naturalmente, como da sua enfusa corria a vida sobre os craveiros emmurchecidos.

Terminada a rega vinha sentar-se, debruçada, com os braços apoiados sobre os joelhos, e o lenço da cabeça descahido para os hombros. Á luz das estrellas via-lhe indistinctamente as ondas lustrosas dos cabellos negros, o oval fino, os olhos grandes, attentos á minha conversa com o pae. Pelas nove horas—hora da ceia—despedia-me, e subia para os horrores da hospedaria,

pensando que na tarde seguinte voltaria á horta ver a rapariga regar os seus craveiros.

E voltava — todas as tardes, sem faltar uma. Ella começava a familiarisar-se commigo; perguntava-me coisas de Lisboa, d'aquelle mundo estranho e distante de que fazia uma idéa tão vaga e tão falsa. Mas, se lhe dirigia mais directamente a palavra, callava-se n'um retrahimento arisco. Tinha a confiança, cortada de sustos, de um pequenino animal selvagem que principia a domesticar-se.

Ás vezes ficavamos sós, quando a mãe ia lá dentro tratar da ceia, e o pae dava uma volta pela cavallariça a ver se a mula levantava a ração. Ficavamos callados. Na horta soavam as leves bulhas mysteriosas da noite; ao fundo do laranjal, uma luca soltava a sua nota fina, regularmente espaçada; de quando em quando um sopro brando passava na folhagem, dando-lhe um fremito doce, como uma festa na pelle; e, na obscuridade quasi completa, eu já a não via, mas *sentia* os seus olhos fitos nos meus.

Os negocios que fôra tratar estavam terminados. Creio mesmo que demorei a sua conclusão mais tres ou quatro dias do que era absoluta-

mente necessario; mas emfim uma tarde vim á horta despedir-me dos meus amigos, e annunciar-lhes que partia no dia seguinte para Lisboa. A rapariga ficou callada, com uma vaga expressão de tristeza nos olhos.

Quando veiu regar os craveiros, approximei-me do alegrete; e ella, ao poisar a enfusa, colheu dois cravos — dois pobres cravitos ordinarios — e deu-m'os sem dizer uma palavra. Colhi tambem um cravo vermelho; e, brincando, quiz-lh'o pôr na cabeça. Emquanto forcejava pelo plantar na massa espessa dos seus cabellos negros, vi-a córar, como se o vermelho do cravo se diluisse e descesse, tingindo-lhe as faces e o pescoço; e assim, tão junto d'ella, senti-a tremer entre os meus braços. Foi uma sensação de uma suavidade infinita.

— E depois? perguntou um de nós.

— Depois, mais nada.

— O quê, mais nada! exclamámos todos em côro.

— Absolutamente mais nada. E que mais queriam vocês? Ella dera-me n'essa sensação tão fugitiva, e por isso mesmo tão fresca, o que tinhà de mais precioso; o que nos dá a flor que

respiramos sem a colhermos; a borboleta que passa na nesga de sol, sem que um toque brutal venha macular o pó doirado das suas azas; dera-me a primeira vibração da sua virgindade que acordava.

—E nem soubeste d'ella depois?

—Nunca mais. Deve ter casado com algum cabreiro, ou com algum vaqueiro; mas que me importa?

E o João de S., indignado com o nosso materialismo, cruzou as mãos sob a nuca e estirou-se ao comprido no canapé, sem dizer mais uma palavra.

MAIS UMA

MAIS UMA

I

O caminho, trilhado pelos carros sobre as terras lavradas, subia docemente para a ermida caiada. De vez em quando, via-se lá no alto uma nuvemsinha branca, formada no céo azul; e, instantes depois, ouvia-se estalar um foguete. Aos lados, os campos estendiam-se a perder de vista em ondulações quasi insensiveis, amarellando no tom claro dos restolhos, brutamente feridos pelo sol de julho, que inundava tudo. Apenas, de longe em longe, algumas oliveiras enfezadas punham sobre o caminho poeirento estreitas nesgas de

sombra. E a sombra magra, tenue, cahindo da arvore pallida, onde as cigarras entoavam o seu hymno ao calor; a sombrasita leve parecia ainda mais quente do que o resto.

Mas, apesar do calor, a estrada ia já cheia de gente. As moças do povo, muito secias nos seus lenços novos puxados á testa, nos seus vestidos de chita clara, que faziam parecer mais negras as suas mãos queimadas, caminhavam n'um passo firme, indifferentes á torreira do sol, como quem ceifou na vespera, e tem de ceifar no dia seguinte. E, atraz das moças, mais rudes, mais lorpas do que ellas, levados pelo beiço, iam os rapagões de trabalho, afogueados, quentes tambem por dentro com alguns quartilhos de vinho, os chapéos na nuca, e as largas cintas vermelhas, as mangas brancas das camisas, reluzindo na luz intensa.

Um cocheiro gritou aos grupos, que se afastaram, sahindo para o restolho, deixando passar a carruagem. Alguns homens levaram a mão ao chapéo, lentamente, de má vontade. Era o caleche do sr. João Cardoso, o rico, que ia á festa ver as moças, com o delegado e o José Carlos da botica.

Atraz da carruagem, no passo mais lento das

mulas velhas, vinha agora um carro alemtejano, sem toldo, trazendo dentro um ramilhete de sorrisos frescos, de saias claras e refestelladas, de lenços garridos, azues como a flor do almeirão, escarlates como as papoilas, amarellos como os malmequeres — todas as côres fortes do meio dia, faiscando na luz meridional. Vinham alli a Josepha Villa Verde, e as duas Lameças, e a Chica Sirgueira, e a Annica do Corro, e, atraz, no peor logar, a Rita Camacha — porque o carro era d'ella, e a rapariga, ufana da sua superioridade, fazia as honras ás amigas.

Eram bonitos de lei, os vinte annos da Rita Camacha. No seu narizito um pouco levantado, e na sua bocca graciosa brilhava ainda um sorriso alegre de creança; mas os cabellos pretos, pesados, e os olhos grandes, de um tom castanho, a que os laivos verdes davam transparencias fundas de agatha, modificavam-lhe a expressão, tornando-a mais mulher, involuntariamente provocante. E o que havia de singular n'aquelles olhos da Rita, eram as pestanas negras e bastas, tão negras e tão bastas, que os olhos pareciam pintados, artisticamente *feitos* a lapis preto por uma actriz franceza.

Mesmo as suas rivaes confessaram depois, que ella, n'esta tarde, ia: «Muito bem composta»— muito elegante no seu vestido novo, com um lenço de seda na cabeça, e outro lenço grande, vermelho e amarello, cruzado sobre os seios já fortes. Direita no carro, segurava-se ao taipal com a mão pequena, apenas queimada; porque a Rita pouco trabalhava no campo. Sahia ás vezes á azeitona, quasi por *chic,* para ir com as outras, e mondava na sua seara; mas aos trabalhos duros, ás ceifas, ao mato, nunca ia. O pae d'ella, o João Camacho, estava bem. Tinha ricas fazendas; e, com as suas quatro parelhas, ganhava muito bom dinheiro nos carretos de trigo para a estação, e para os moinhos da ribeira.

E justamente n'este dia da *Festa das moças,* a Rita ia alegrissima; alegre porque se sentia bonita e bem vestida; porque ia no *seu* carro; porque adeante do carro, n'um rancho de rapazes, ia o Zé Severo, que de dois em dois passos se voltava para a ver.

A chegada do carro ao terreiro da ermida, foi um triumpho. Vinham alli as moças mais elegantes—o beijinho; e apenas as raparigas saltaram para o chão, compondo os lenços, endireitando

as pregas das saias, foram arrebatadas para o baile pelos pares que as esperavam.

Ficaram horas no baile, andando á roda n'um passo vagaroso, cantando em côro as *modas* lentas, entoadas em terceiras, prolongadas em sonoridades singulares e doces. A cada volta havia um *changez de dames;* e as moças calculavam já de longe quando chegava o namorado. Mas, depois, mostravam-se indifferentes, sonsas, muito sérias, deitando-lhes apenas o rabinho do olho, respondendo levemente á pressão terna das mãos callosas e suadas.

Já tarde, quando a luz horizontal passava roçando nos restolhos ruivos, e a sombra da ermida se alongava sem fim pelo campo queimado, a Rita deixou o baile; e, com a Chica Sirgueira, foi tomar ar, espairecer em volta da ermida. Pararam um momento a ver a villa, em baixo, sahindo clara do cinzento terroso dos farrejaes: as casas brancas do arrabalde, rosadas agora na luz do poente; as arvores dos quintaes, recortando-se em pequenas manchas escuras; os ultimos raios do sol, batendo de chapa nos vidros novos do predio alto do Cardoso. Isto interessou-as.

—Olha! parece que está a arder, disse uma d'ellas.

Mas seguiram, enlaçadas, os braços á roda das cinturas, mascando nos dentes uns raminhos de alecrim, cochichando confidencias amorosas. Na volta, quando passavam deante do adro, o João Cardoso destacou-se de um grupo de ricos, que alli estavam fumando, e veiu fallar-lhes:

—Olá, Ritinha! Cada vez mais linda. Que boa que tu estás hoje!

A Rita quiz passar sem responder. Detestava «o bruto do Cardoso». Mas elle atravessou-se no caminho. Estava ignobil na virilidade sanguinea e bem mantida dos seus quarenta e cinco annos, gordo, o beiço cahido, o branco do olho raiado de sangue, as mãos fundamente plantadas nos bolsos das calças, quebradas em pregas velhas. E, cynicamente, sem se importar que a Chica ouvisse:

—Olha lá, Rita, em querendo é dizel-o. Ainda que seja uma vez só, has de andar ahi vestida de sedas, mettendo as outras todas n'um chinello.

Perante a injuria d'aquella offerta bruta de compra, a Rita sentiu-se córar até á raiz do ca-

bello. Os olhos encheram-se-lhe de lagrimas de raiva. Procurou uma resposta, uma palavra com que açoitasse as faces do homem; mas só soube dizer:

— Deixe-me passar.

E fugiu com a Chica para o baile.

Dançavam *ó meio*. Os moços e as moças, de mãos dadas, formavam uma larga roda, andando mais depressa, cantando n'um rythmo vivo; e dentro cinco ou seis pares polkavam — uma polka especial, pulada, valente, batida no chão pelos sapatos grossos. A Rita viu o Zé Severo, e foi tiral-o, offerecendo-se, com os braços abertos. Foram ao meio; e, encostada ao peito do namorado, enlaçada pelo seu braço robusto, pela sua mão dura que lhe magoava as costellas, a rapariga ficou mais contente, instinctivamente protegida pela honestidade rude d'aquelle abraço, vingada do bruto do Cardoso.

II

Quando a Rita chegou a casa, já depois das nove horas, o pae ainda não recolhera, e a mãe, a Benta, começava a estar inquieta; mas a rapariga tranquillisou-a: «O pae tinha ido com as duas parelhas buscar uma mó á Pedra-furada para a levar ao moinho da Vargem. Eram mais de tres leguas de caminho; e, com uma mó em cima do carro, as parelhas não podiam andar, como se levassem cincoenta alqueires de trigo... primeiro que chegassem á ribeira... que descarregassem a mó... que voltassem. Por ora não tardava».

Tinha-se sentado junto da porta, procurando fresco, esbrazeada ainda do dia, o lenço da ca-

beça desatado, o pescoço humido, vendo, lá fóra, uma nesga de campo preto, e, por cima, o céo estrellado—porque a casa dos Camachos ficava ao sahir da villa, mesmo no fim da rua.

Dentro, a mãe punha a mesa para a ceia; e, estendendo a toalha, collocando os pratos, perguntou-lhe pela festa.

—Estava muito bonita, um *balho* bom, quasi todas as moças da villa, disse a rapariga.

Mas subitamente, córada, toda raivosa, não se teve mão, que não contasse á mãe o que lhe succedera com o Cardoso. Então a Benta parou, com um prato na mão, indignada:

—Pois elle disse-te isso! Pois, olha, livre-se elle que teu pae o saiba, que lhe ha de partir a cara. Não lhe ha de valer lá o seu dinheiro... ha de lhe partir a cara. Ora o condemnado!... o alma do diabo!...

Estavam tão accesas as duas mulheres, tão entretidas na conversa, que não ouviram, fóra, um passo rapido na areia da estrada; e quando o almocreve, que tinha ido com o João Camacho, entrou a porta, tiveram um sobresalto. O moço vinha alterado, branco, e apenas poude balbuciar estas palavras:

—Oh! tia Benta, não se assuste... foi uma desgraça... uma grande desgraça... mas oh! tia Benta, não se assuste.

A mulher escutava immovel, sem perceber, sem perguntar; e a Rita de pé, pallida, as mãos postas, não se atrevia a dizer uma palavra. Então o rapaz explicou confusamente:

—Foi aquella cabra da mula vermelha que se furtou n'uma sobroda, mesmo já ás quedas da ribeira... o carro voltou-se... e a mó apanhou o tio João, que nunca mais deu accordo de si... foi uma grande desgraça... mas oh! tia Benta, não se assuste... o tio João talvez esteja melhor, desde o meio do caminho que não geme.

Lá fóra, na noite limpida, serena, estrellada, começava a ouvir-se o andar compassado de homens que traziam um fardo. Uma voz baixa dava instrucções:

—Devagar moços, devagar, com cuidado.

E agora, apparecia entre portas a extremidade de uma escada, segura adeante por dois moleiros, todos brancos de farinha, suados, estafados. Vinham assim, ás varas da escada, desde a ribeira—seis kilometros. Sobre a escada traziam o João Camacho, coberto por uma manta alemte-

jana, que pendia aos lados, em pregas molles, como o panno de um ataúde. De repente, ao vel-o, a Benta levou as duas mãos á cabeça, arrancando o lenço, desgrenhando-se, exclamando:

—Ai! que m'o mataram!

E sem saber porquê, nem contra quem, começou a gritar:

—Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei, que me mataram o meu homem!

Os moleiros entraram cuidadosamente. Queriam passar para o quarto interior, mas a porta era estreita, a escada não cabia. Alguem lembrou:

—Tragam d'ahi um colchão.

A Rita, enfiada, allumiava; um dos moleiros foi lá dentro, arrancou o colchão de uma cama, veiu estendel-o na casa de fóra. E, com muitas cautelas, passaram o Camacho para o colchão. Aos gritos da Benta, a casa enchia-se de gente. Toda a visinhança estava ainda levantada, sentada pelas portas n'aquella noite quente de julho. Ao fundo da casa, os moleiros, tirando o chapéo, passavam os lenços de côr sobre as testas, escorrendo suor. E, em volta do colchão, á roda da Benta, que não cessara de gritar, as mu-

lheres agglomeravam-se, condoidas e curiosas, n'um borborinho de exclamações e de choros. Mas todos ficavam hesitantes, como medrosos, sem se atreverem a tocar no Camacho, absolutamente immovel, apparentemente morto. O regedor, que entrara indagando o que tinha succedido, foi o primeiro a lembrar:

—É preciso chamar o medico.

—Já lá foi o Zé Russo a correr, disse um dos rapazes.

Pouco depois, ouvia-se uma voz forte na rua, dizendo:

—Dêem licença. Deixem passar... fazem favor.

E o dr. Sousa entrou, sem tirar o seu grande chapéo de abas largas, abrindo os grupos, perguntando:

—Onde está o ferido?

Antes de ouvir a resposta, viu o homem estendido ao meio da casa; e foi rapidamente ajoelhar junto do colchão, dizendo ao acaso para um dos rapazes que alli estavam de pé, aparvalhados n'uma contemplação idiota:

—Dá cá d'ahi essa luz.

E, emquanto o rapaz, tremendo, segurava a

candeia, o Sousa debruçou-se sobre o Camacho, rasgou-lhe a camisa ensanguentada, pondo a descoberto o braço esquerdo, partido em duas bandas, e o tronco horrivelmente ferido, como esmagado pela pancada da mó. Fez-se então um grande silencio. A Benta mesma se callara. Todos estendiam os pescoços; e, sob as abas largas do chapéo, viam-se brilhar os vidros dos oculos fixos do medico, tocados pela luz da candeia. O exame durou pouco, e o Sousa disse alto:

—Não ha nada a fazer... está morto ha perto de uma hora.

Ao levantar-se deu com os olhos no regedor:

—Ah! boas noites, sr. Pedreira, não o tinha visto quando entrei. Isto foi um accidente?

—Voltou-se-lhe o carro, segundo dizem.

—Bem, então não sou necessario. Mandem buscar a certidão, que eu lá lh'a encho mesmo em casa.

Quando sahia, passou junto da Benta que soluçava, e, mudando de tom, disse-lhe:

—Adeus, sr.ª Benta.... coitada!.... coitadà!....

E, pondo a mão no hombro da Rita, que alli estava de pé, hirta, pateta:

—Tu, rapariga, vê se tiras d'aqui tua mãe... Boas noites, sr. Pedreira... Deixem passar, fazem favor.

Pouco a pouco, o Pedreira fez sahir a gente, ficando apenas com as duas mulheres cinco ou seis visinhas mais intimas. E no silencio, que se estabeleceu na grande casa vasia, houve uma sensação de fim, de se ter acabado tudo na desgraça irreparavel. Acocorada junto do colchão, a Benta lamentava-se alto, amparada por duas visinhas. A Rita, esquecida, medrosa, foi sentar-se mais longe n'uma cadeira baixa. Chorava devagarinho. As lagrimas corriam-lhe aos cantos da bocca, com um sabor salgado, levemente amargo, cahindo uma a uma, orvalhando o seu lenço de festa, vermelho e amarello. Não fixava bem as idéas, não tinha consciencia do que succedia—chorava, abalada pela commoção da scena, pelas lamentações da mãe, pelo terror que lhe inspirava o pae mutilado, estendido n'aquelle colchão branco, que parecia tão funebre, visto á luz mortiça das candeias.

As visinhas começavam já os arranjos, arre-

dando moveis, collocando uma mesa ao fundo. A Gaudencia, que dirigia, consultava as outras em voz muito baixa:

—Fica melhor aqui, não lhe parece, comadre? mais decente.

Abrindo a porta, chamou um dos rapazitos, que estavam lá fóra nos grupos:

—Ouve cá; sabes onde mora o prior?

—Sei sim senhor.

—Então vae lá, e dize á sr.ª Maria dos Remedios, que lhe mando eu pedir—a Anna Gaudencia, percebes?—que lhe mando eu pedir um crucifixo e dois castiçaes, que é para casa do João Camacho, que morreu.

E, emquanto o rapaz partia, muito inchado pela subita importancia que lhe dava aquella missão de confiança, a Gaudencia voltou para dentro, e, indo junto da Rita, perguntou-lhe baixo:

—Oh! filha, tens uma toalha de rendas?

—Na arca, tia Gaudencia, respondeu a rapariga por entre as lagrimas.

E ficou quieta, pasmada na sua contemplação inconsciente, seguindo com os olhos a Gaudencia que trastejava, assistindo a todos os preparos

tristes da morte, n'aquella promiscuidade da casa pequena, do povo, ás vezes tão dolorosa. Ao lume, aquecia ainda a ceia do João Camacho, e, como a panella levantasse fervura, a Rita ergueu-se machinalmente, foi arredar o texto, espumou a panella e voltou para a cadeira. Sentia-se muito quebrada, da afflicção e da festa. Tinha um esvaimento, um cançaço fundo, até aos ossos: d'aquelle dia passado no sol ardente; do banho de luz crua, reflectida nos restolhos amarellos e nas paredes caiadas da ermida; das longas voltas em roda, ao som das cantigas arrastadas; dos bailes ao meio, com os rapagões brutos, que lhe apertavam a cintura nas mãos fortes, duras dos cabos das enchadas e das rabiças dos arados. E todas estas imagens, de sol, de lenços claros, de cintas encarnadas, de caras alegres e boçaes dos pares, lhe dançavam deante dos olhos na casa sombria, onde a Gaudencia continuava nos seus funebres arranjos. Voltavam-lhe agora as cantigas: uma *moda nova* muito lenta, ou o estribilho rapido de um baile ao meio, sacudido e alegre:

P'ra matar, matar, matar,
P'ra matar uma *saoidade*...

Mas a Gaudencia, veiu dizer-lhe:

—Oh! Rita, não acho os lençoes novos.

Então a rapariga levantou-se, para os ir buscar á casa de dentro; e, ao passar junto do cadaver do pae, as lagrimas rebentaram-lhe de novo, rapidas e quentes. Mas, depois de entregar os lençoes á mulher, veiu outra vez sentar-se; e as imagens da festa voltaram insistentes, n'uma allucinação que a distrahia.

Lembrava-se agora de tudo o que tinha succedido: das risadas da Chica e da Josepha no caminho, quando o carro dava solavancos; da scena com o Cardoso, o bruto do Cardoso, atrevido, que lhe vinha offerecer vestidos de seda, a ella, uma rapariga honrada a quem ninguem tinha nada que dizer. Lembrava-se tambem do seu Zé Severo, alegre, bem vestido, com a cinta escarlate, as mangas da camisa muito brancas. E, sem ser por mal, arrastada pela successão inconsciente das idéas, começava a fazer planos de futuro deante do cadaver do pae. Ia casar com o namorado... a mãe ficava rica... de certo se não oppunha...

E, estonteada e chorosa, com as lagrimas ainda humidas nas faces, sorria, parecendo-lhe ou-

vir a voz valente do Zé Severo a cantar o estribilho:

P'ra matar, matar, matar,
P'ra matar uma *saoidade*.

III

Na rua, os amigos do Camacho esperavam a hora do enterro, vestidos de briche, cobertos pelos pesados capotes das solemnidades, indifferentes ao calor de julho. Havia muita gente—o João Camacho era popular, e aquella morte subita, por uma desgraça, fizera impressão. Mesmo, lá mais acima, viam-se alguns grupos de pessoas graúdas da villa, correctas nas suas sobrecasacas pretas de panno lustroso, nos seus chapéos altos, luzidios, um pouco fóra de moda. Em frente da porta, na nesga de sombra de um muro, o velho escrivão Salgueiro conversava com o Costa da loja, um homem novo na villa, mas que julgara do seu dever vir ao enterro.

—A viuva e a filha ficam muito bem, segundo ouvi? disse o Costa, continuando a conversa.

—Bem! respondeu o Salgueiro, no tom de superioridade de quem conhece todas as coisas por dentro. Bem!! A comadre Benta, coitada, fica a pedir esmola.

—Ora essa! Diz que tinham muito boas fazendas.

—Pois lá isso tem. Tem as courellas do Sesmo, que são boas; tem alguns quatro ou cinco olivaes ás Aguas-quentes; tem...

O Salgueiro interrompeu a enumeração para accender o cigarro, abrigando o phosphoro de pau nas mãos magras, muito curvadas, esperando tranquillamente que o enxofre acabasse. E, depois de tirar duas fumaças:

—... tem perto de vinte milheiros de vinha. Mas quê, tudo isto está hypothecado aos Farias.

—Aos Farias, oh! diabo! exclamou o Costa.

—Pois é assim mesmo. O compadre João metteu-se n'uns negocios de trigos e de farinhas que deram cabo d'elle. A comadre Benta não tira das fazendas nem um real; e o mais que ahi tem, a casa, as parelhas, vae-se-lhe embora nas outras dividas. Olhe, só alli ó Chincha da diligencia—

e mostrava um gordo, todo vestido de preto, que conversava n'um dos grupos proximos — tem elle uma lettra de trezentos e cincoenta mil réis... fóra o mais. A comadre Benta, coitadita, fica a pedir esmola.

— Pobre mulher! disse o Costa, commovido; e accrescentou: — A filha é uma rica moça!

Mas como o prior descesse a rua, precedido pelo sacristão, o velho Salgueiro apertou cuidadosamente o cigarro entre os dedos amarellos, metteu a ponta apagada na algibeira do collete, e foi tomar o seu logar no acompanhamento.

Tudo quanto o escrivão disse ao Costa da loja era a pura essencia da verdade. Passados poucos dias, a Benta recebeu um recadinho dos Farias, dizendo-lhe: «Que sentiam muito incommodal-a, que lhe não queriam fazer mal; mas que, emfim, necessitavam do seu dinheiro; havia já tres annos de juros em divida; e, demais, as ordens para a execução estavam dadas mesmo em vida do Camacho».

A Benta sabia dos negocios do marido; mas não os conhecia a fundo, em toda a sua réali-

dade desoladora. Este recado consternou-a. Deitou um chale aos hombros, poz na cabeça o seu lenço de luto de chita preta, e foi consultar o Salgueiro, que era seu compadre de aguas bentas.

Quando a mulher entrou, o velho escrivão, sentado á mesa profissional, coberta de oleado preto, tendo em volta a classica saia de baetilha verde muito amarellada já do sol, copiava pachorrentamente uns documentos, fumando um cigarro. E, em volta d'elle, sobre o oleado da mesa, no tinteiro de latão, por entre os papeis, no chão de ladrilho da casa, havia um numero incalculavel de phosphoros de pau ardidos, e de pontinhas velhas de cigarros, fumados até á ultima. Levantou os oculos para a testa, reconheceu a Benta, e acolheu-a com um desconsolado:

—Ah! é você, comadre! Já cá a esperava. Sente-se... sente-se.

Mas era difficil saber onde; e elle então ergueu-se, alcanchinado na curva d'aquella vida abancada, tirando de cima de uma cadeira dois registos de tabellião, e o vestido de merino de uma das filhas, orlado em baixo de lama, conseguindo accommodar a mulher. E, antes que ella fallasse, prevenindo-se:

— Olhe, comadre, você vem mal. Eu hei de lhe fazer tudo o que puder, absolutamente tudo; mas o meu tudo é quasi nada. Como escrivão estou amarrado ao que me mandam; e como homem, você bem sabe, que o que ahi se ganha nem sempre chega para o pão dos filhos.

A comadre Benta sabia-o muito bem; varias vezes alguns saccos de farinha tinham vindo por emprestimo de casa do Camacho para casa do Salgueiro. Mas ella queria sobretudo um conselho; que a esclarecessem; que dirigissem a sua ignorancia desarmada e fraca. O escrivão explicou-lhe o negocio, attenuando um pouco com dó d'ella; mas, no fundo, dizendo-lhe toda a verdade. E como ella hesitasse, querendo ainda pegar-se a uma esperança, acabou por lhe mostrar esta coisa mysteriosa e temerosa entre todas; esta coisa que pode ser uma doação, uma quitação, uma escriptura de compra, a fortuna; mas que tantas vezes tambem representa a divida, a penhora imminente, a ruina e a miseria — mostrou-lhe um caderno de papel almaço azul, sellado, escripto de ponta a ponta, correctamente cozido a linha branca. Do caderno resultava tim-tim por tim-tim, com todas as fórmas em direito neces-

sarias, que as courellas do Sesmo, e os olivaes, e a vinha, estavam irremediavelmente perdidos:

—... a não ser, comadre, terminou o Salgueiro que tinha seus laivos de erudição sagrada... a não ser que Deus toque no coração dos Farias, o que me parece muito mais difficil do que curar o paralytico, ou mesmo do que ressuscitar Lazaro.

A viuva não percebeu esta referencia aos Sagrados Evangelhos; nem percebeu as complicações juridicas no negocio; mas ficou sabendo o bastante para sahir mais chorosa do que tinha entrado. Não lhe lembrou recorrer directamente aos Farias; tinha a certeza de receber uma resposta doce e inexoravel. Foi bater a outras portas, e por toda a parte encontrou protestos de amisade, affirmações de sympathia condoida, promessas vagas de auxilio, nenhum apoio efficaz. Teve, porém, um offerecimento, que nem esperara, nem sollicitara.

Um dia entrou-lhe em casa a senhora Joaquina da Cruz, magra como um cabide, embrulhada no seu chale preto, avermelhado pelos soes dos ultimos vinte annos, e que dava a impressão afflictiva de que se ia furar nos hombros, tão fina se

havia tornado a sua trama, e tão agudos eram os ossos da mulher: «Vinha ver a senhora Benta. Já devia ter vindo ha muitos dias, se não estivesse tão doente que se não podia bulir. Mas nem por isso deixara de tomar parte no seu desgosto. Aquella morte do João Camacho tinha-lhe feito lembrar tanto a do seu homem, morto tambem de uma desgraça, succedida no trabalho»—a verdade era, que o matou um castelhano com duas facadas n'uma barraca da feira da Vidigueira—«deixando-a sem amparo, uma pobre de Christo. Ai! ninguem sabia melhor do que ella o que eram desgostos e trabalhos... Por isso não seria ella que abandonasse quem estava na desgraça. Mas tinha a sorte de lhes trazer uma boa noticia. N'aquelle mesmo dia, logo de manhã, tinha-a mandado chamar o sr. João Cardoso»...

A este nome, a Rita, que ao fundo da casa embainhava uma saia de luto, levantou a cabeça, escutando com attenção. A Joaquina continuou:

—Ai! que santo homem é o sr. Cardoso. Mandou-me chamar logo de manhã e disse-me... formaes palavras: «Vocemecê, sr.ª Joaquina, ha de ir a casa das Camachas», assim se diz na ausencia; «quero que ellas saibam, que eu estou prom-

pto a fazer tudo para se não venderem as fazendas. Quatrocentos ou quinhentos mil réis, ou isso que for, aqui estão ás suas ordens...»

—Nós ficamos muito agardecidas ao sr. Cardoso..., ia a dizer a Benta.

—Ai! e tem razão, atalhou a Joaquina. Que rico homem! E tão amigo da menina Rita! Elle não vê outra coisa n'este mundo. Nem vocemecê sabe o que elle era capaz de fazer por ella...

Ao ouvir estas palavras, a Rita levantou-se de repellão, derrubando a cadeira, dirigindo-se para a porta do quintal. Aquelle gesto violento da filha acordou a Benta, fel-a sahir da sua hesitação. E agora, de pé, excitando-se, reagindo contra as insinuações da mulher, talvez contra as cumplicidades vagas do seu pensamento intimo:

—Olhe, sr.ª Joaquina, dê-se vocemecê por muito feliz de não estar aqui quem Deus tem; talvez as coisas não acabassem assim. Pode dizer ao sr. Cardoso que estamos muito agardecidas ao seu favor; mas que esta casa é uma casa honrada, não está acostumada ás visitas de... mulheres do seu officio.

Mas a Joaquina ficou impassivel, encolhendo os hombros, como se decididamente d'esta vez

quizesse furar o chale com as pontas dos ossos. Ergueu-se devagarinho, muito tolhida do rheumatico, dizendo tranquillamente:

—Ai! sr.ª Benta, vocemecê lá se entende. Cada um sabe de si... E cá a mim não me descandalisa; estou muito avezada a receber maus pagos, pelo bem que quero fazer.

Quando a Joaquina sahiu, as duas mulheres ficaram silenciosas, embaraçadas. Aquella visita humilhava-as. A velha tocara n'uma questão, que se não discute entre mãe e filha. E, depois, já não tinham a colera desdenhosa com que semanas antes se applaudiam de repellir as offertas do Cardoso. Hoje, na sua recusa havia reticencias. A Benta sentia um remorso subtil de ter cumprido o seu dever. Porque, emfim, aquelle auxilio podia ser a salvação; e... quem sabe, talvez fosse desinteressado? Mas, perdido elle, estava tudo acabado. Desajudadas e sós, n'aquella honestidade que ninguem lhes agradecia, tinham deante de si a miseria.

E a Benta fixava tristemente os olhos na filha, que ficara na sahida para o quintal, de costas voltadas. No quadro luminoso da porta, sobre o azul claro e rosado do céo de verão, desenha-

va-se em negro a figura esbelta da rapariga, com a cabecinha graciosamente pousada sobre os hombros, coroada pela massa espessa dos seus cabellos opulentos. Em volta d'ella brilhava uma aureola de belleza robusta e sã, de mocidade em folha, que j'agora... era todo o seu *capital.*

Os dias corriam. As courellas do Sesmo, vendidas em praça, arrematadas pelos Farias, mal tinham dado para a hypotheca. Estava annunciada a venda dos olivaes e da vinha. O Chincha da diligencia, na liquidação da lettra e de outras continhas, ficava com os carros e as parelhas. Levava mesmo aquella cabra da mula lazan, que tinha causado a morte do Camacho. E varias dividas mais pequenas surgiam de todos os lados. O estado entrava tambem no rol dos credores. Nos ultimos tempos, o Camacho, atrapalhado, não pagava nada; e agora appareciam as contribuições, relaxadas, engrossadas pelos tres por cento, e pelos seis por cento, e pelas custas, e por outros seis por cento. Em casa da viuva choviam avisos, mandados, citações, contra-fés

—uns papelinhos impressos, cheios depois com hieroglyphos manuscriptos.

A mulher não percebia os papelinhos. Nem os hieroglyphos, porque nunca ninguem os percebeu; nem mesmo o impresso, porque não sabia ler. Quando lh'os liam, quando lh'os explicavam, continuava a não perceber. E esta incomprehensão augmentava o seu terror. Sentia pesar sobre si uma coisa inexplicavel e vaga, como a fatalidade antiga. Julgava-se condemnada, perdida—mettida em justiça. Esta palavra *justiça,* tão desviada do seu sentido primitivo, aterrava-a, tomava para ella a significação de uma grande machina, impessoal e dura, contra a qual é impossivel luctar; de uma engrenagem, que pega nos pobres e nos pequenos, triturando-os, laminando-os, deixando-os sem fato e sem pelle. E, succumbida, aniquilada, sentada na cadeirinha baixa, as mãos no regaço, via as suas coisas partir uma a uma.

A Rita não soffreu tanto. Reagiu com a sua mocidade alegre e descuidosa. Começou a ir regularmente aos trabalhos do campo; e, nas conversas picantes do rancho, nas noites dormidas de um trago, depois do cansaço do dia, quasi

não tinha tempo para pensar. Teve, porém, dois grandes desgostos. Um d'elles foi o abandono do José Severo; um abandono gradual, sem crise e sem explicações. Tambem, o Severo não lhe devia nada, era apenas um namorado, que pouco a pouco deixou de rondar a rua, e de se demorar na esquina em descantes nocturnos. A rapariga não gostava muito d'elle; teve mais *ferro* do que pena de ser abandonada; mas teve um grande ferro, sobretudo quando uma amiga bem intencionada a veiu prevenir de que o rapaz arrastava agora a aza á Chica Sirgueira.

Mas um desgosto mais fundo do que o abandono do Severo, foi o da venda das suas argolas de oiro. Eram umas argolas grandes, bonitas... muito lindas! que o pae lhe trouxera da feira de Evora. Ninguem as tinha assim na villa, nem as filhas dos ricos. Já no inverno, depois de vendidas as fazendas e as casas, as Camachas tiveram de vender as argolas, para pagar a renda de uma casita pequena, onde se recolhessem. E a Rita passou uma noite inteira a chorar, soluçando, molhando o travesseirinho com as lagrimas grossas. Gostava muito das suas argolas. Sabia que lhe ficavam bem. Tinha saudades

d'aquellas curvas brilhantes do oiro, acompanhando gentilmente as faces, onde, adeante da orelhinha rosada, a péga do cabello forte se esbatia e descia em pennugem fina.

Depois, a venda das argolas era o seu sacrificio pessoal. Nunca percebera bem a quem pertenciam as fazendas. Julgava-as da mãe. Mas as argolas eram *suas*. Ao vendel-as sentiu pela primeira vez o toque directo e frio da pobreza. Viu-se, de repente, descer ao nivel das moças mais pobres do rancho, d'aquellas que tinham tombas nas botas, e remendos nas saias.

IV

Uma tarde do fim de janeiro, a Benta, sentada ao lume, vigiando a panella onde ferviam os grãos para a ceia, esperava pela Rita. A chuva cahia tesa, repenicando da calçada deserta; apenas alguns moços subiam a rua, voltando da lavoira com as parelhas pela arreata, embrulhados nas mantas, abaixando a cabeça na refrega. Escurecia já, n'aquelle chegar rapido das noites de inverno, apressado pelo véo cinzento da agua, que encurta o horizonte. E, das portas entreabertas, as candeias, que se accendiam, começavam a pôr linhas de reflexos vermelhos nas pedras lustrosas. Ouviu-se agora um ruido de passos, vozes de raparigas despedindo-se; e a Rita entrou a porta, batendo os pés molhados no la-

drilho, inclinando para deante o chapéo, d'onde correu um fio de agua.

—Vens molhada? perguntou-lhe a mãe.

—Encharcada! respondeu a rapariga de mau humor. Leve o diab'alma a azeitona, mail-o tempo que faz.

E, tirando o chale dos hombros, deitando o chapéo para cima da arca, veiu sentar-se ao lume. Ficaram calladas. A Rita enxugava-se; levantava as saias até ás ligas, pondo no calor da chamma as pernas finas e robustas, apertadas nas meias de linha azul, d'onde começaram a levantar-se pouco a pouco pequeninas nuvens de vapor. Em frente, a Benta, immovel, olhava para a filha n'uma hesitação; e, de repente, cobrando animo:

—Sabes quem esteve cá hoje?... o sr. João Cardoso.

A Rita ergueu os olhos para ella, e, sem responder, baixou-os lentamente para o lume. Nas brazas via agora o Cardoso tal qual o vira no verão, na *Festa das moças,* gordo, bruto, o beiço pendente, os olhos injectados. Mas a Benta continuou devagar, embaraçada na sua explicação difficil:

—Passou ahi já depois do meio dia... e entrou. Coitado... elle é bom homem. Diz que lhe dava lastima ver a gente assim... tu a trabalhares... sem estares avezada. Queria levar a gente pró monte d'elle... prá Rapozeira. Diz que nos sameava lá a seara... que nos não havéra de faltar coisa nenhuma...

A Rita nunca despregou os olhos das brazas, ouvindo uma a uma as palavras da mãe. Sabia muito bem o que ellas significavam—sabia-o claramente, na sua sciencia rude e completa de rapariga do campo. Não estranhou que a mãe, a sua propria mãe, lh'as dissesse; já não tinha as indignações promptas e altivas do verão. Estava cançada, muito farta de trabalhar, de molhadellas, de ceias pobres, de grãos duros, mal cozidos com um fio de azeite. Tinha um quebramento de tudo, uma cobardia, que lhe ia delindo as repugnancias e os escrupulos.

Mas sentiu dentro de si uma resistencia—toda a sua mocidade intacta e fresca protestando n'um calafrio revoltado dos sentidos. Teve como um apego ao ar, ao sol, ás festas alegres, onde fosse de cabeça levantada. Pareceu-lhe, de repente, melhor o trabalho, o apanho da azeitona nas

grandes encostas lavadas de luz, ouvindo os varejadores cantar, em cima das oliveiras. Lembrou-se do Zé Severo, o ingrato que ia casar com a Chica Sirgueira; e de um moço que ultimamente a namorava, um bello mocito, muito pobre, que andava lá no varejo.

E ficou alli quieta, callada, fitando as brazas. Instinctivamente olhou para si: para a saia de batido, rota já, toda esfiada em baixo; para as mangas das roupinhas de chita preta, velhas e russas, molhadas ainda, colladas sobre o seu bonito braço redondo, esfumado de finos pellos negros. Viu-se então, como estava n'aquelle dia de festa, muito secia, muito bem composta. Teve saudades dos lenços de seda, que lhe iam tão bem; e das suas argolas de oiro, vendidas para pagar a renda da casa. Voltou-lhe de repente a pena das suas argolas... muito lindas! uma pena funda de creança a quem quebraram um bonito, tão funda ainda que lhe trouxe de novo as lagrimas aos olhos. Sabia que os lenços, e as argolas, e mais argolas, e vestidos, e cordões, podiam voltar... o Cardoso era muito rico, e muito generoso.

A velha questão surgia alli deante da rapariga,

dançava na chamma oscillante do lume pobre, luzia nas pequeninas brazas vermelhas, brilhantes no branco das cinzas:... Vender-se! Vender-se para não trabalhar, para comer bem, para ter coisas bonitas, lenços de seda ou diamantes.

Sómente a Rita não sabia o que eram diamantes; e não sabia tambem que a questão era velha, mil vezes debatida em prosa e em verso, que o seu caso era commum, que ella era apenas... Mais uma! Nem chegava a estabelecer a questão na sua formula crua—vender-se. Simplesmente a coisa repugnava-lhe. Vinha-lhe agora um terror de andar nas boccas da gente; do que haviam de dizer; de lhe chamarem a amiga do Cardoso.

Recuava deante d'esta palavra... a amiga do Cardoso. Voltavam-lhe os escrupulos de moça honrada. Sentia impulsos de independencia arisca. Não... antes trabalhar! Mais valiam os dias chuvosos da azeitona, com o fato repassado na humidade gelada; ou as madrugadas ensomnaradas das ceifas, quando ás duas horas é necessario saltar para o chão, toda quebrada ainda do cançaço da vespera...

Mas depois começou a pensar nas raparigas suas conhecidas, que viviam bem, nas toleran-

cias complacentes da provincia. Na Zabel Carrasca, que estava com o sr. Fernandes, muito á sua vontade, na sua casa. E todos a cumprimentavam, todos lhe tiravam o chapéo. Até, as semanas passadas, a tinham ido convidar para madrinha de um casamento. Na Joanna Guerreira, que estava com o doutor Carvalho, um homem casado, e já velho. Justamente, na ante-vespera, recolhendo mais cedo da azeitona, tinha encontrado a Joanna Guerreira, que voltava do Freixial — a horta do Carvalho. Vinha muito bonita, no seu chale de lã preta fina, um lenço de seda azul na cabeça, acompanhada pela sua moça, que lhe trazia um cesto de tangerinas. As raparigas do rancho foram-lhe fallar, familiares, respeitosas quasi, vendo-a tão senhora, com a sua creada.

Pouco a pouco tranquillisava-se. Architectava uma moralsinha pratica, errada e facil, feita de maus exemplos. — Era tola! Que lhe haviam de dizer a ella? Nada! Isso era bom para as desgraçadas, como a Gertrudes, que tinha arranjado um filho com um guarda. Mas ella, era differente — ia para casa do sr. Cardoso, dez vezes mais rico do que o Fernandes, vinte vezes mais rico do que o Carvalho. E vinha-lhe um respeito instin-

ctivo pela riqueza. Obscura e confusamente começava a sentir a força do dinheiro: via os pobres sempre dependentes, sempre inferiores; ouvia aquella phrase, tantas vezes repetida n'um tom de deferencia:—Está muito bem!

Como contraste com a sua existencia miseravel de privações e de trabalho, teve a visão de um futuro, que, para ella, realisava todos os sonhos da opulencia: viver no seu monte, servida pelas suas moças, como uma lavradora. Quando viesse á villa, havia de vir no seu carro, muito bem vestida. Talvez encontrasse então a Chica Sirgueira, casada com o Zé Severo, um almocreve, que afinal não passava de um creado de servir. Esta idéa de humilhar a Chica fel-a sorrir para o lume, descobrindo os dentes brancos, em que as brazas pozeram uns reflexosinhos vermelhos, côr de sangue.

Pela primeira vez, levantou os olhos e encarou a mãe. Viu-a curvada sobre o lume, rapidamente envelhecida, como apatetada pelos desgostos. E foi ella, a rapariga, quem quebrou o silencio pesado:

—E vocemecê, mãe, que lhe disse ao sr. Cardoso?

A velha pareceu acordar, sem perceber a principio; mas depois:

—Que lhe havera eu de dizer... nada. Elle diz que passava ahi ámanhã.

Então a Rita, lentamente, decidida:

—Pois diga-lhe que sim.

INDICE

Uma eleição perdida..... 5
A caçada do Malhadeiro..... 169
A maluca d'A dos Corvos..... 185
A pesca do savel..... 205
Os cravos..... 223
Mais uma..... 235

PQ
9261
F514E6

Ficalho, Francisco Manuel
Carlos de Mello, conde de
Uma eleição perdida

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 01 03 019 3